



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIOAMBIENTAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA  
DOUTORADO**

**BENTO ALVES ARAÚJO JAYME FLEURY CURADO**

**INVENTÁRIO DAS CINZAS: BRASAS DORMENTES DA  
PRODUÇÃO LITERÁRIA SOBRE O CERRADO EM GOIÁS**

Orientador: Dr. Eguimar Felício Chaveiro

**GOIÂNIA  
2016**



**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR AS TESES E DISSERTAÇÕES ELETRÔNICAS NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**      Dissertação      Tese

**2. Identificação da Tese ou Dissertação**

Nome completo do autor: Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado

Título do trabalho: Inventário das cinzas: Brasas dormentes da produção literária sobre o cerrado em Goiás

**3. Informações de acesso ao documento:**

Concorda com a liberação total do documento  SIM      NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado  
Assinatura do(a) autor(a) <sup>2</sup>

Data: 10 / 08 / 16

Curado

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os casos do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

<sup>2</sup> A assinatura deve ser escaneada.

**BENTO ALVES ARAÚJO JAYME FLEURY CURADO**

**INVENTÁRIO DAS CINZAS: BRASAS DORMENTES DA  
PRODUÇÃO LITERÁRIA SOBRE O CERRADO EM GOIÁS**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Geografia do Programa de Pós-Graduação em Geografia – Mestrado e Doutorado do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Doutor em Geografia.

**Área de concentração:** Natureza e Produção do Espaço

**Orientador:** Dr. Eguimar Felício Chaveiro

**GOIÂNIA**

**2016**

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Alves Araújo Jayme Fleury Curado, Bento  
Inventário das cinzas: [manuscrito] - Bessas dormentes da  
produção literária sobre o Cerrado em Goiás / Bento Alves Araújo  
Jayme Fleury Curado. - 2016.  
docx, 790 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro,  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de  
Estudos Socioambientais (Iesa), Geografia, Goiânia, 2016.

Bibliografia  
Inclui mapas, fotografias, abreviaturas, lista de figuras, lista de  
tabelas.

1. Geografia. 2. Literatura. 3. Autores. 4. Cerrado. 5. Goiás. I.  
Felício Chaveiro, Eguimar, orient. II. Título.

CDJ 611.3

**BENTO ALVES ARAÚJO JAYME FLEURY CURADO**

**INVENTÁRIO DAS CINZAS: BRASAS DORMENTES DA  
PRODUÇÃO LITERÁRIA SOBRE O CERRADO EM GOIÁS**

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade Federal de Goiás, aprovada em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

**Professor Dr. Eguimar Felício Chaveiro (Orientador)**  
Presidente da Banca

---

**Professora Dra. Valéria Cristina Pereira e Silva**  
IESA-UFG

---

**Professora Dra. Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira**  
IESA-UFG

---

**Dra. Angelita Pereira de Lima**  
FIC – UFG

---

**Dr Julio César Suzuki**  
IESA- USP

---

**Dr. Manoel Calaça**  
Suplente IESA – UFG

---

**Dra. Lena Castello Branco Ferreira de Freitas**  
Suplente Faculdade de História - UFG

**GOIÂNIA**  
**2016**

Dedico este trabalho aos meus filhos, que nos passos infinitos do tempo, alcançaram a ternura  
de meus dias:

Alisson Britto de Jesus Fleury Curado

Elisa de Araújo Meirelles Lewergger

Maria Paula Fleury Araújo Meirelles Lewergger

Olha estas velhas árvores, mais belas  
Do que as árvores novas, mais amigas:  
Tanto mais belas quanto mais antigas  
Vencedoras da idade e das procelas...

O homem, a fera, o inseto, à sombra delas  
Vivem, livres da fome e fadigas;  
Em seus galhos abrigam-se as cantigas  
E os amores das aves tagarelas.

Não choremos, amigo, a mocidade  
Envelheçamos rindo! Envelheçamos  
Como as árvores fortes envelhecem

Na glória da alegria e da bondade;  
Agasalhando os pássaros nos ramos  
Dando sombra e consolo aos que padecem!

Olavo Bilac

“Anacardium (do latim) significa coração invertido; e humilde, que é aquilo que está no chão, humilde por ser pequeno, rente ao chão.”

**August Saint-Hilaire**  
Explorador francês do séc. XIX.

Periquito voa aos bandos em cima do pé de manga  
No Cerrado é só sair, encher as mãos de pitanga...  
Tem guapeva lá no mato  
No brejinho tem ingá  
No campo tem curriola  
Murici e araçá...  
Tem nos pés de marmelada  
Depois que passa a pinguela  
Subindo pro cerradinho  
Mangaba e mamacadela...

Hamilton Carneiro

Nem tudo que é torto  
É errado.  
Veja as pernas do Garrincha  
E as árvores do Cerrado

Nicolas Behr

Alecrim,  
alecrim dourado  
Que nasceu no mato  
Sem ser semeado...

(Cancioneiro popular do sertão)

## À singeleza da flor da lobeira



Na beleza da flor da lobeira, simples e singela, perdida no Cerrado, reside todo o sentimento de amor e ternura às coisas do meu chão - Goyaz! Bento Fleury,

## SUMÁRIO

Memorial - Do chão telúrico da minha vida, as raízes seguras de meus pais. _____	32
Introdução _____	48
<b>I - Goyaz – Goiaz - Goiás – Expressões telúricas de uma terra imemorial, abrigada na placenta verde das matas. _____</b>	<b>68</b>
1.1 – Os primeiros ramos de uma longa e insondável história do Cerrado _____	74
1.2 - Primórdios da Cartografia das terras incógnitas goianas ou o chão do Cerrado _____	117
1.3 - O povo Cerradeiro –a solidão em meio ao bravio sertão de outrora _____	149
<b>II - Literatura Informativa – Produção dos viajantes em Goiás. A “Gringaiada indecente”, na visão do território goiano. _____</b>	<b>166</b>
2.1. O diário do Barão de Mossâmedes, visão setecentista do Cerrado _____	178
2.2. No mesmo território, o choque entre dois mundos: A argúcia de Auguste Cesar Provençal de Saint-Hilaire. _____	184
2.3. Manuel Aires de Casal e sua Chorographia com destaque para Goyaz _____	200
2.4. Joahan Baptist von Spix e Karl Friedrich Phillipp von Martius – Do velho mundo para o Cerrado. _____	202
2.4.1 Joahan Baptist von Spix e Karl Friedrich Phillipp von Martius – Do velho mundo para o Cerrado. _____	211
2.5. Luiz D’Alincourt – De leste a Oeste, a visão da Província de Goyaz _____	213
2.6. Raymundo José da Cunha Mattos e sua <i>Chorographia Histórica de Província de Goyaz</i> _____	216
2.7. Willian John Burchell, botânico e artista e seus desenhos sobre a terra goiana _____	219
2.8. Francis Castelnau: Observações do sertão e do Cerrado, nas letras e no desenho _____	222
2.9. George Gardner e sua viagem pelo sertão do Brasil – um pouco do antigo norte goiano _____	226
2.10 - Visconde de Taunay, romancista, historiador e apaixonado pelo Cerrado _____	229
2.11 - Augusto Leverger – O Barão do Melgaço: Geógrafo e historiador dos sertões imensuráveis _____	237

2.12 -Couto de Magalhães – Descrição do Cerrado, dos índios e a navegação no Rio Araguaia_____	241
2.13 - Os apontamentos de viagem do Presidente Joaquim de Almeida Leite de Moraes pelo Cerrado goiano _____	244
2.14 - Afrânio de Melo Franco – Estadista e literato sobre o Cerrado de Goyaz e Minas __	249
2.15-Oscar Leal e suas viagens às terras goianas: Descrições e anotações sobre o Cerrado_	251
2.16 - Luiz Cruls e a Comissão Exploratória do Planalto Central: Vistas políticas do Cerrado_____	256
2.17 - As publicações e desenhos importantes de Johannes Eugenius Bulow Warming sobre o Cerrado _____	260
2.18 - Diário de uma senhora ilustre nos caminhos do território goiano de outrora _____	262
2.19 - Eurydice Natal e Silva, as notas de uma viagem ao araguaia e o cenário do cerrado goiano _____	269
2.20 - Anuário Histórico, Geográfico e Descritivo do Professor Ferreira no ano de 1910_	274
2.21 - Henrique Silva, defensor do Cerrado e de Goyaz, com sua <i>Revista Informação Goyana</i> _____	278
2.22 - Americano do Brasil e a análise profunda sobre Goiás, o Cerrado e a história. _____	281
2.23 - Moisés Santana, combativo e entusiasta sobre o Cerrado e o homem goiano _____	287
2.24-Derval Alves de Castro, o Cerrado e as suas dolentes e evocativas páginas do sertão_	293
2.25 - Zoroastro Artiaga, estudos, mapas, livros, geologia e o escopo geográfico e histórico do Cerrado. _____	295
2.26 - Hermano Ribeiro da Silva os ínvios e instigantes cerrados nos sertões do Araguaia_	300
2. 27 - <i>A Expedição Histórica nos sertões de Goyaz</i> , de Guilherme Ferreira Coelho e os cerrados do antigo norte goiano _____	302
2.28 - Os estudos sobre Goyaz e os usos e costumes, na visão do padre e pastor Victor Coelho de Almeida. _____	305
2.29 - Leolídio Di Ramos Caiado, o sertanista maior das terras goianas e o seu vale das caraíbas. _____	308
2.30 - Eduardo Guedes de Amorim, o Cerrado e as evocações históricas de Santa Leopoldina e do rio Araguaia de outrora _____	310
2.31 - Amália Hermano Teixeira, as histórias, o Cerrado e as orquídeas do mato. _____	312
2.32 - José Angelo Rizzo e o Cerrado nas cercanias da cidade de Goiás: Patrimônio dos goianos _____	317

2.33 - Venerando de Freitas Borges, as <i>Dobras do tempo</i> , o seu <i>Samburá</i> com frutos e flores do Cerrado _____	319
2.34 - Lena Castello Branco Ferreira de Freitas: O povo do Cerrado, o poder e a paixão ____	322
<b>III – Poesia telúrica no Cerrado, com cheiro de terra molhada da primeira chuva... _</b>	<b>329</b>
3.1. Cordovil, o poeta do Ditirambo e das ninfas goianas soltas no Cerrado. _____	333
3.2. Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, primeira voz feminina na evocação do Cerrado _____	336
3.3. Antonio Félix de Bulhões Jardim, o solitário poeta dos montes e serranias goianas ____	342
3.4. Luiz R. de Oliveira Couto e os lilazes poemas do Cerrado e do Romantismo goiano ____	345
3.5. Manoel Lopes de Carvalho Ramos e o <i>Goyania</i> , épico poema do Cerrado _____	349
3.6. Érico Curado e o Simbolismo da poética do chão goiano _____	252
3.7. Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira, o poeta da natureza e dos luares goianos. ____	358
3.8 - Augusta de Faro Fleury Curado e os seus devaneios poéticos _____	360
3.9 - Ana Xavier de Barros Tocantins, poesia, saraus, músicas e o telurismo goiano ____	364
3.10 - Tereza Alencastro Caiado de Godoy e a lírica feminina nos motes glosados da poesia primitiva goiana. _____	365
3.11 - Leodegária de Jesus e sua <i>Coroa de Lirios</i> e suas <i>Orchideas</i> do mato _____	369
3.12 - Hugo de Carvalho Ramos, plangências poéticas do Cerrado goiano. _____	374
3. 13 - Benedita Chaves Roriz Villa Real e o telurismo na poesia feminina em Goiás ____	380
3.14 - Ricardo Paranhos, poeta entre o telurismo, os xistes e as baladas da terra de Goyaz_	382
3.15 - Augusto Rios e os buquês de flores do Cerrado da imaginação _____	385
3. 16 - Josefina Pinheiro de Lemos Mendes, os saraus, a poesia e o Cerrado _____	387
3.17 - Oscarlina Alves Pinto – No jornalismo e na poesia, um sublime amor à Goiás. ____	391
3.18 - João Acyolli, o <i>Olho d'água</i> e o <i>Barro Preto</i> do Cerrado, telurismo e modernidade na poética goiana. _____	393
3.19 - Emília Perillo Argenta, goianidade, Cerrado e história em líricos versos _____	398
3.20 - Bernardo Élis, os poéticos motivos do chão de Goiás desde a <i>Primeira chuva</i> ____	400
3.21 - Cora Coralina, coração vermelho, coração de coral, a pulsar a goianidade _____	407
3.22 - Maria Paula Fleury de Godoy e os sutis traços de modernidade sobre a terra goiana_	410
3.23 - Antonio Americano do Brasil, nos rosais do silêncio poético, a alma de Goyaz ____	416
3. 24 - Leo Lynce, poesias e ternuras da terra dos buritizais sussurrantes _____	419
3. 25 - O épico do Cerrado na poética de Xavier Junior _____	422
3.26 - Arlindo Costa, o Cerrado, os versos e os lírios do vale _____	424
3. 27 - O sentimentalismo nos versos de Dinorah Pacca, o chão como tristeza _____	427

3. 28 - Demóstenes Cristino, a musa bravia da terra goiana nas ásperas flores do campo	430
3.29 - Jarbas Jayme, poemas, as árvores e o sentimento da natureza isolada no Cerrado	432
3. 30 - Benedito Odilon Rocha e a poesia do encantamento na paisagem literária goiana	434
3.31 - Gerson de Castro Costa e as <i>Vozes da selva</i> , na amplidão dos Cerrados tantos	437
3. 32 - Francisco de Brito e o evocar das manhãs sertanejas da roça goiana	439
3.33 - José Lopes Rodrigues, do chão do norte, os anseios de uma poesia na poeira dos caminhos	441
3. 34 - Pedro Celestino da Silva Filho, nos aboios e nos cantos dos pássaros, um pouco do sertão goiano	443
3.35 - José Décio Filho nos poemas e nas elegias sob o encanto das orquídeas do mato	445
3. 36 - Antonio Soares de Camargo e o baú das lembranças cerradeiras	448
3. 37 - Eduardo Henrique de Souza Filho e os ditosos tempos de Goyaz	451
3. 38 - Emir Omá e as aquarelas goianas no aconchego de todas as folhas e flores	454
3. 39 - Jacira Brandão, do mato e dos caminhos, a revoada de sonhos	455
3. 40 - Décio Jayme as primícias como evocações telúricas à alma das coisas	458
3. 41 - Rosarita Fleury e as muitas pétalas derramadas sobre o chão dos sentidos	459
3. 42 - Regina Lacerda: da alma do chão os poemas como flores de caraíba	468
3. 43 - Lydia Rossi Arantes Borges e as raízes de todas as plantas de Goyaz	471
3.44 -Marilda de Godoy Carvalho e a inspiração na natureza e n paisagem de Goiás	473
3.45- Nice Monteiro Daher, as revoadas e as lembranças da terra, em tantos tempos	476
3. 46 - Monsenhor Primo Vieira, natureza e Cerrado como oração	480
3. 47 - Antonio Geraldo Ramos Jubé e os buritis perdidos no Cerrado de todos os versos	482
3.48 - Érico Ramos de Oliveira, o Cerrado e o cantar da Inhuma	487
3. 49 - José Godoy Garcia, a poesia de todos os pássaros do Cerrado e dos pés que lutam terra	489
3. 50 - Lygia de Moura Rassi, chão tecido em todas as imaginárias flores do Cerrado	491
3. 51 - Joaquim Machado Filho e as sementes do chão florescendo novos e ternos versos	493
3. 52 - Padre Luiz Palacin Gomez, a poética do chão, no talvez e no instante	495
3. 53- Olinda da Rocha Lobo, a terra goiana e as súplicas do Cerrado.	496
3.54 - Célia Coutinho Seixo de Britto – O Cerrado épico na ninphas e no papiro	499
3. 55 - Jesus de Barros Boquady e o romancelheiro goiano do Cerrado	504
3. 56 - Guiomar de Grammond Machado, no planalto incessante, a evocação da terra	506
3 57 - Jerônimo Geraldo de Queiroz e os cristais partidos das terras do coração	507
3. 58 - Edésio Daher, a poética dos caminhos goianos e as antigas cruzeiras das estradas	509

3.59 - César Baiocchi, a curriola e outros frutos do Cerrado _____	510
3. 60 - Violeta Metran e o setembro permanente na floração dos versos _____	513
3. 61 - Goiás e o Cerrado na poética de Terezy Fleuri de Godoi _____	514
3. 62 - Gilberto Mendonça Teles e os saczinhos de todas as matas _____	516
3. 63 - José Mendonça Teles, entardeceres pungentes de despedidas do Cerrado _____	519
3. 64 - Geraldo Coelho Vaz, poemas da terra, das tropas e dos lamaçais dos caminhos de Goyaz _____	521
3.65 - Iron Junqueira e a tardia canção do amanhecer na paisagem goiana _____	522
3. 66 - Narcisa Cordeiro, infinitos mundos e universos outros na poética do chão goiano _____	524
3. 67 - Afonso Félix de Souza entre chapadas, serras e campinas do mundo goiano _____	525
3. 68 - Manuel Bueno de Britto e todos os troncos perfilados nas matas goianas _____	528
3. 69- Umbelina Frota à sombra de todos os jatobás do Cerrado da imaginação _____	529
3. 70 - Yêda Schmalz, poesia telúrica e um abraço eterno no existir das coisas. _____	531
3. 71 - Edival Lourenço, a existência e a plenitude das coisas nos domínios outros _____	533
3. 72 - Helvécio Goulart e as janelas sempre azuis abertas a todas as dimensões _____	534
3. 73 - Célia Siqueira Arantes e os telúricos versos no chão livre do Cerrado _____	536
3. 74 - Os caminhos poéticos de Sônia Ferreira nos Cerrados de Campo Formoso _____	537
3. 75 - Do baú de Luiza Camargo um mundo de singulares significados poéticos _____	540
3. 76 - Os cerrados, significados e sentimentos poéticos, de Aidenor Aires _____	542
3. 77 - Paulo Bertran, o sertão imenso, universal, como um campo aberto _____	543
3. 78 -Francisco de Assis Nascimento e as vagas imaginações na poética nascida da terra _____	545
3. 79 - Gabriel Nascente de todos os Cerrados e de todo o chão dos ermos _____	547
3. 80- Kleber Adorno, da perspectiva do chão, a sinfonia telúrica do só _____	548
3.81- Armênia Pinto de Souza na saga de todos os tempos no chão cerradeiro _____	550
3. 82 - Alódio Továr e o caminho de todos os regatos e de todas as árvores _____	551
3. 83 - Miguel Jorge, os frutos, os rios e as sensações poéticas sobre a paisagem goiana _____	552
3. 84 - Jacy Siqueira, de todas as estações do tempo, o outono das emoções. _____	553
3. 85 - Placidina Lemes de Siqueira e o último pio no Cerrado _____	555
3.86 - Augusta Faro Fleury de Melo entre o nascer das canções e a lua a se derramar em versos sobre Goyaz _____	557
<b>IV. O conto em Goiás – Curtas narrativas sobre o Cerrado em que florescem ramos entre a Geografia e a Literatura. _____</b>	<b>560</b>
4.1. O Cerrado agreste na visão do Bruxo do Cosme Velho – Até Machado de Assis “viu” este Bioma _____	561

4.2. Crispiniano Tavares, o pioneirismo da narrativa sertaneja e do Cerrado e o triste fim de um lutador _____	564
4.3. Hugo de Carvalho Ramos, o sertão, os campos, as tropas e as boiadas. _____	566
4.4. Francisco de Britto e as terras bárbaras dos sertões goianos de outrora _____	575
4.5. Altamiro Pacheco, os jatobazeiros, as nascentes e os velhos cursos d'água esquecidos _____	557
4. 6. Bernardo Elis, o veranico de janeiro e as aguadas de todos os campos _____	579
4.7 - Eliezer Penna, o Cerrado, o homem e as tantas histórias dos atoleiros de ontem _____	586
4.8. Bariane ortêncio, o sertão, o rio, a terra – sertão sem fim dos universos do tempo _____	588
4.9. Humberto Crispim, as imbaúbas, os vales e as árvores das matas. _____	593
4.10 - Nita Fleury, a tragicidade sertaneja nos traços comuns do homem e da terra do Cerrado _____	596
4.11. Braz José Coelho, o trabalho, o homem, a peonagem e a cabroeira do sertão _____	604
4.12 - José Jacinto Veiga, o sertão, o Cerrado, o insólito e seus universos _____	607
4.13 - Leo Godoy Otero e os tantos caminhos do tempo, no sertão universal _____	609
4.14 - Ada Curado: O homem e o ser no mundo cerradeiro _____	612
4.15 - Aldair Aires, dimensões do tempo diluído no mundo do sertão. As porteiras e as Marias pretas _____	622
4.16 - Ayda Félix de Souza, visão lírica de um mundo em dissolução, no filão extinto das emoções primevas _____	624
4.17 - Julia Franco e a terra goiana como dádiva, alimento e pertencimento _____	625
4.18 - Octo Marques, o sertão, os ícones, a terra e os urubus no céu _____	628
4.19 - Pedro Gomes, o homem sertanejo, na cidade e na roça e o pito aceso. _____	630
4.20 - João Lima, os tamboris, o mato e as tantas folhas caídas nos dias da memória _____	632
4.21 - Modesto Gomes, nas narrativas do Cerrado, o evocativo pó da tristeza _____	633
4.22 - Jesus de Aquino Jayme, na força da terra, a eterna viagem das chuvas. _____	635
4.23 - Jorge Brom, os contos regionais e as pescarias nos tempos dos grandes rios _____	636
4.24 - Maximiano da Matta Teixeira, e tantas histórias com cheiro de mato _____	638
4. 25 - Livertino Leão Sobrinho, o contador de causos do Cerrado. _____	640
4.26 - Carmo Bernardes, o doutor do sertão e das plantas cerradeiras _____	642
4. 27 - Marieta Teles Machado e as lendas sobre o Cerrado _____	645
4.28 - Gil Perini e o pequeno livro sobre o Cerrado _____	648
4. 29 - César de Freitas Silva e as pequenas histórias do Cerrado antes da soja... _____	650
4.30 - Manuel Goiano e a linguagem do homem cerradeiro em tempos outros _____	651
4.31 - Maria do Rosário Cassimiro e as brejeiras histórias do homem do campo _____	653

4. 32 - Juliano Cazarré e a fábula sobre o Cerrado _____	654
<b>V - Relatos cotidianos em crônicas de ternuras e lembranças do chão cerradeiro</b> _____	<b>659</b>
5.1. Illydia Maria Perillo Caiado, olhando as serras e morros, e escrevendo... _____	663
5.2. - Maria Ferreira de Azevedo Perillo e os estudos sobre Goiás como Lugar _____	665
5.3 - Altair Camargo de Passos – O ambiente, o Cerrado, a paisagem e as queimadas _____	668
5.4 - Cora Coralina, uma cronista da <i>Informação Goyana</i> a destacar o Cerrado _____	670
5.5. - Graciema Machado, de Jaraguá para a evocação da terra e dos valores goianos. _____	672
5. 6 - Frederico de Medeiros e as crônicas do Setentrião Goiano _____	674
5.7 - Iron da Rocha Lima e a questão da desertificação como lema _____	676
5.8 - Zecchi Abrahão e a destruição das matas como lema de suas crônicas _____	677
5.9 - Amália Hermano Teixeira, a amiga do Cerrado e protetora das orquídeas do mato _____	679
5.10 - Floraci Artiaga Mendes – Natureza como devoção, como ensinamento. _____	681
5.11 - Genezy de Castro e Silva, cronista pioneira de Goiânia a evocar a dimensão das campinas _____	684
5.12 - Novamente o sentimentalismo com Nair Perillo nas crônicas da terra goiana _____	688
5.13 - Antonio Juruena Di Guimarães e as observações das tantas paisagens goianas _____	692
5. 14 - Altamiro de Moura Pacheco e as matas imensas dos tempos de outrora _____	694
5. 15 - Belkiss Spencièrre Carneiro de Mendonça e suas andanças no tempo, pela terra de Goiás _____	696
5.16 - José Mendonça Teles, o cronista maior das terras de Goiás, no sentimento do chão _____	698
5.17 - Carmo Bernardes, as crônicas, o conhecimento e a dedicação ao Cerrado _____	700
5. 18 - Hamilton Carneiro e os tantos frutos da terra _____	706
5.19 - Brasigóis Felício Carneiro, o chão do Cerrado como denúncia _____	707
5. 20 - Gil Perini e o afinador de passarinhos do sertão _____	709
5. 21 - Maria do Rosário Cassimiro e as prosas do povo cerradeiro _____	710
5.22 - Crônicas sobre Vila Boa em galhos floridos: Maria Paula Fleury de Godoy _____	713
<b>VI – A história, Cerrado e goianidade no Romance em nosso Estado: Brotam lirismos nos campos e grotões</b> _____	<b>719</b>
6.1-José de Alencar e seu <i>Ubirajara</i> , dos índios Araguaia e Tocantim – Ideário de Goyaz _____	730
6.2 - Bernardo Guimarães, na história literária, o sentimento por evocar Goiás em suas solidões sertanejas _____	733
6. 3 - Ofélia e Narbal Fontes, na saga da história, os dias iniciais de Goyaz _____	735
6.4 - Rosarita Fleury: ficção, realidade e sentimento e história familiar _____	738
6.5 - Humberto Crispim Borges, o mundo do Cerrado como denúncia da exclusão social _____	774

6.6 - Bernardo Élis, romance, narrativa, tragédia e história na conquista do chão _____	776
6.7 - José Mauro de Vasconcelos, o romancista pioneiro do Cerrado ao Brasil, ou o amante do Araguaia. _____	778
6.8 - Ada Curado e a mulher no ambiente do Cerrado, doces morenas lutadoras. _____	784
6.9 - Carmo Bernardes, em Jurubatuba, a força perene e pulsante da terra goiana _____	786
6.10 - Eli Brasiliense, o tropeiro e romancista do chão vermelho. _____	791
6.11 - Edla Pacheco Saad e o romance nascido das raízes do chão goiano _____	795
6.12 - Basileu Toledo França e a terra sempre vermelha e dadivosa dos pioneiros _____	798
6.13 - Sebastião Arantes, a tragédia do homem do campo e o doloroso pranto dos inhambus _____	799
6.14 - O riachão de Raimundo Rodrigues e a luta pelo chão dos homens _____	800
6.15 - Armênia Pinto de Souza e os romances românticos do chão goiano, na pena de uma dama. _____	803
6.16 - José Godoy Garcia e a conquista de Trombas, nas lutas sangrentas sobre o chão do Cerrado _____	805
6.17 - Ursulino Leão e a identidade goiana na força nascida do chão _____	809
6.18- Antonio Baptista de Oliveira: Histórias e memórias na consolidação do chão _____	810
6.19 - Antonio José de Moura, fé e religiosidade na força das relações sobre a paisagem _____	811
6.20 - Jerônimo Geraldo de Queiroz e os homens de palha _____	812
6.21 - As verdes campinas de Olímpio Pereira Neto – Paisagens no tempo _____	813
6.23 - Willian Agel de Mello, o sertão eterno e perenal como uma epopeia clássica _____	815
6.24 - Edival Lourenço, a terra goiana na evocação da história e de nossas raízes _____	818
<b>Conclusão</b> _____	<b>822</b>
<b>Referências</b> _____	<b>840</b>

## RELAÇÃO DE FIGURAS.

Figura 1 - Aspecto urbano de Vila Boa de Goyaz, recanto bucólico junto ao tamboril do cemitério, vendo ao fundo a ermida de Santa Bárbara encimando um outeiro. Era uma capital aos moldes setecentistas, cujos caminhos dos morros abriam imensos braços vegetais aos que se destinavam às conquistas do desconhecido sertão. Acervo de Bento Fleury Curado.

Figura 2 – JK no Cerrado onde seria Brasília em 1956, olhando o horizonte. Foto de Ernesto Silva em seu livro *História de Brasília*.

Figura 3 – Carta de Sesmaria de 1733. Acervo de Bento Fleury Curado

Figura 04 – Fotografia da comitiva oficial de reconhecimento do local da futura capital do País em meio ao Cerrado. Foto de Ernesto Silva, da *Revista Cruzeiro*, de 1956.

Figura 5 - Sesmaria de 1754. Arquivo de Bento Fleury Curado.

Figura 06 – Documento sobre reparo da “Estrada do Sul”, a mais importante da Província de Goyaz, datado de 1882 e assinado pelo então Presidente Theodoro Rodrigues de Moraes. Acervo de Bento Fleury Curado.

Figura 07 – Projeto Preserva. Visão do Cerrado como fonte de sustentabilidade, já no século XX, evocando animas, vegetação e água. Acervo do SEBRAE.

Figura 08 - Mapa elaborado por Félix Renato Palmério a partir do elaborado em 1778. Acervo de Bento Fleury.

Figura 09 - Vista de Santa Cruz com seus casarios e seus morros verdejantes. Fotografia de Bento Fleury.

Figura 10 - Sobrado e hoje Museu Dona Bêja em Araxá, antiga dominação goiana.

Fotos 11 e 12 – Igreja do Desemboque, ponto último da extensão de Goiás no século XVIII. Acervo de Amir Salomão Jacob.

Figura 013 – Documento de 1801 sobre as passagens no Capitania de Goiás naquele tempo. Acervo de Bento Fleury.

Figura 14 – Documento de Posse de José de Assis Mascarenhas. Acervo de Bento Fleury.

Figura 15 – Documento do Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, datado de 1839. Acervo de Bento Fleury.

Figura 16 – Documento de Luiz Gonzaga Bueno da Fonseca, datado de 1854.

Figura 17 – Documento de 1873, sobre o uso de terras na Província. Acervo de Bento Fleury.

Figura 18 – Documento de Antonio Fleury Curado sobre o uso do porto Mau de pau. Acervo de Bento Fleury.

Figura 19 – Assinatura do Coletor Manoel de Souza Lobo em 1839.

Figura 20 - Mapa da população escrava em 1885 – Acervo de Bento Fleury.

Figuras 21 e 22 – Ofício assinado por Rui Barbosa – Acervo de Bento Fleury

Figura 23 - Bucólico Arraial de Desemboque, caminho de Goyaz, que, no século XVIII pertencia ao imenso Julgado de Santa Cruz. Era o portal que, ao longe depois das montanhas, se veria as terras de Goyaz!

Figura 24 -Vila Boa de Goyaz, nascida nessa ambição do ouro que insuflou o coração dos primeiros aventureiros.

Figura 25 - Rua da Abadia na Cidade de Goiás, nascida nos tempo do ouro de nossa colonização.

Figura 26 – As perdidas terras e fazendas no sertão bruto do chão do Cerrado de Goyaz.

Figura 27 – Carta de Sesmaria do século XVIII em Goiás – Acervo de Bento Fleury.

Figura 028 - Igreja de Ouro Fino destruída em meio ao Cerrado, diluindo aos poucos – Acervo de Bento Fleury.

Figura 29 – Cerrado nos Pireneus. Beleza das árvores entre as pedras. Revista Informação Goyana de 1917.

Figura 30 – Demarcação das terras goianas nos anos de 1920, oficialização do espaço.

Figura 31 - Antiga estrada carreira na zona rural de Trindade, mato grosso goiano, região chamada de Barro branco, fazenda do agropecuarista Antero Batista de Abreu Cordeiro (Doca).

Figura 32 – Cartaz de Goiás no anos de 1960. Incipiente turismo centrado na caça e pesca do Araguaia.

Figura 33 - Ruínas da Igreja de Trahyras ainda nos anos de 1960. O desamor do povo a um patrimônio rico e extraordinário marcou o fim de uma opulenta cidade do ciclo do ouro em Goiás. Acervo de Bento Fleury.

Figuras 34 /35 – Escolas rurais pioneiras em Piracanjuba e Curralinho- Itaberaí.

Figura 036 – Colhendo fruto no cerrado – cotidiano do povo.

Figura 037 - Os banhos nos rios e córregos de nossa região, lazer natural que hoje tem um gosto de nunca mais..

Figura 038 - Manoel Gomes Arantes e sua bicicleta toda enfeitada, numa época em que esse meio de transporte para as pessoas da roça e do interior goiano era motivo de status e orgulho, merecendo inclusive uma fotografia para a posteridade.

Figura 039 – A destruição das matas, desde os anos de 1920, com o corte acelerado de madeiras, como expressa a figura da Revista *Informação Goyana*, de 1920.

Figura 40 – Abandono era o lema de Goiás no passado, com as vilas se perdendo entre a vegetação nativa. Arraial de Ouro Fino em 1911.

Figura 41 – A montaria, a vida rural e o registro da vegetação do Cerrado e os animais de custeio. Vida do sertão goiano.

Figura 42 - Flores e frutos do cerrado. Fotografia de Bento Fleury

Figura 43 – *Jornal da UFG* expondo a SBPC que discutiu o Cerrado e a imagem de um papiro da Serra Dourada.

Figura 44 – Cartaz sobre o Dia do Cerrado, 11 de setembro, expondo o buriti.

Figura 45 – Calendário das flores do Cerrado, em 2004, concepção da artista plástica Evandra Rocha.

Figura 46 – Folder da SBPC na discussão do Cerrado em 2011.

Figura 57 - O Cerrado no traço de Percy Lau.

Figura 58 - Capa da edição impressa do Diário do Barão de Mossâmedes, publicado pela PUC-GO.

Figura 59 - Bico de pena da artista e escritora Célia Coutinho Seixo de Britto (1914-1994) que retrata a Igreja da Aldeia de São José de Mossâmedes, com mais de duzentos anos, obra encetada por José de Almeida de Vasconcelos Soveral e Carvalho.

Figura 60 - Auguste de Saint-Hilaire, importante viajante do século XIX na Província de Goiás.

Figura 61 - Visita ao busto de Auguste Saint-Hilaire no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, eu e minha filha Maria Paula Fleury de Araújo Meirelles Lewergger. Janeiro de 2015.

Figura 62 – Jatobá da mata, conforme aparece na Revista *Informação Goyana*, de 1918.

Figura 63 - Capa da **Corografia Brazilica** (1817).

Figura 64 - Pohl, nome importante na descrição de Goiás no século XIX.

Figura 65 – Casa antiga do arraial de Pilar de Goyaz.

Figura 66 – Casa em trahyras onde se hospedou Pohl. Estado atual.

Figura 67 – antigas fazendas goianas concentradas entre o Cerrado, com vida própria

Figura 68 - Estudiosos alemães que pesquisaram as espécies nativas do Brasil e do Cerrado.

Figura 69 - Boa com seu casario e suas pontes. Uma capital perdida nos sertões do Cerrado. Acervo de Bento Fleury.

Figura 70 - Raymundo José da Cunha Mattos, incentivador do progresso goiano e grande estudioso do Cerrado.

Figura 71 - Willian John Burchell, naturalista, botânico e artista que retratou Goiás.

Figura 72 - Arrayal de Meya Ponte- Goyaz

Figura 73 - Chafariz da Carioca – Vila Boa de Goyaz.

Figura 74 - Castelnau, inteligência a serviço das terras incógnitas.

Figura 75 – Acampamento no Araguaia – desenho de castelnau.

Figura 76 - George Gardner, botânico inglês curioso pelas variedades exóticas do Brasil.

Figura 77 - Visconde de Taunay, grande nome de nossas letras e um estudioso sobre o Cerrado.

Figura 78 - As obras *Em Matto Grosso invadido e A Retirada da Laguna*, Visconde de Taunay registra passagens importantes dos sertões de Mato Grosso e Goyaz daquela época, colocando em evidência essa parte importante do Brasil, esquecida naqueles tempos

Figura 79 - Outras obras desse grande estudioso, suas *Memórias*, em que registra a passagem por Goyaz e *Dias de Guerra no sertão*, em que analisa todo o processo da Guerra do Paraguai e suas consequências para a região sertaneja. Acervo de Bento Fleury.

Figura 80 - Desenhos de Visconde de Taunay sobre as fronteiras geográficas e os limites entre Goyaz e Mato Grosso. Acervo de Bento Fleury.

Figura 81 - Capa do livro biográfico sobre Leverger, escrito pelo Visconde de Taunay, da Editora Melhoramentos, publicado postumamente nos anos de 1920.

Figura 82 - Questão dos limites de Goiás – Documento do Conde Afonso Celso. Acervo de Bento Fleury.

Figura 83 - General Couto de Magalhães, estudioso do Cerrado e das potencialidades econômicas da Província de Goyaz.

Figura 84 - Leite de Moraes, apontamentos históricos e geográficos do Cerrado goiano.

Figura 85 - Carlos Augusto de Andrade, pai de Mário de Andrade, sofreu com o sogro as peripécias da viagem pelo Cerrado goiano.

Figura 86 - Mário de Andrade, inspiração nas narrativas do avô sobre Goiás para escrever *Macunaíma*.

Figura 87 - Afrânio de Melo Franco, estadista, político, literato e historiógrafo sobre o Cerrado.

Figura 88 - Escritor português Oscar Leal que visitou o Estado de Goiás em 1890, e que

deixou suas impressões acerca da política e economia em seu livro *Viagens às terras Goyanas* que foi publicado em Lisboa.

Figura 89 - No desenho do alcunhado “Pastor”, há belas cenas do Cerrado goiano, nesse, a passagem da tropa pelos pirenus, próximo ao arraial de Meia Ponte.

Figura 90- Luiz Cruls, engenheiro belga encarregado do relatório no âmbito do Cerrado

Figura 91 - O carrasquento Cerrado na fotografia da Comissão Cruls

Figura 92 - Warming, publicações e desenhos sobre as espécies do Cerrado em 1895.

Figura 93 - O Cerrado com seus campos, a vegetação baixa e torta, na visão de Warming em 1895.

Figura 94 - Augusta de Faro Fleury Curado (1865-1929) narrou em seu diário de viagem em 1896 sobre as peripécias que era a trajetória entre o Rio de Janeiro e a Cidade de Goiás naqueles tempos difíceis nos estertores do século XIX. Acervo de Bento Fleury Curado.

Figura 95 - Augusta de Faro Fleury Curado no tempo em que realizou a difícil viagem para Goiás. Acervo de Bento Fleury Curado.

Figura 96 - Eurydice Natal e Silva (1883-1970), publicações pioneiras sobre os sertões.

Figura 97 - O cerrado tal qual aparece na versão original do Anuário do Professor Ferreira.

Figura 98 - Henrique Silva (1865-1935), pioneiro dos estudos sobre o Cerrado na imprensa goiana.

Figura 99 - Dr. Antonio Americano do Brasil (1892-1932) nome fulgurante entre os vultos

Figura 100 - *Pela terra goiana*, publicado em 1922 pela Imprensa Nacional. Original autografado, acervo de Bento Fleury.

Figura 101 - Moisés Santana (1879-1922) numa fotografia aos 35 anos de idade.

Figura 102 – Trecho original do texto de Moisés Santana sobre o sertão.

Figura 103 – Derval de Castro, pesquisador sobre Goiás

Figura 103 - Zoroastro Artiaga, nosso ilustre historiador e geógrafo, autor de diversos livros.

Figura 104 - Duas importantes obras para a Geografia de Goiás, produzidas por Zoroastro Artiaga; *a Geologia Econômica de Goiás e Riqueza mineral do planalto goiano e do vale do Tocantins*. Mostram sua preocupação, também, com o Cerrado goiano

Figura 105 - Duas outras obras de valor do acervo de Zoroastro Artiga

Figura 106 - Capa do livro *Nos sertões do Araguaia*, de Hermano Ribeiro da Silva, publicado nos anos de 1940 pela Editora Saraiva, no Rio de Janeiro. Imaginário de um mundo de selvageria no ambiente do cerrado goiano

Figura 107 – Discurso de Victor Coelho sobre a terra goiana.

Figura 108 - Leolídio Caiado em palestra na Academia Trindadense de Letras.

Figura 109 - Amália Hermano Teixeira e suas orquídeas do Cerrado goiano.

Figura 110 – Orquídeas do mato – razão dos estudos de Amália Hermano.

Figura 111 - Amália reproduzindo a “Pedra goiana” na Praça Vila Boa em Goiânia.

Figura 112 - Amália e Maximiano na Chácara do Setor Santa Geneveva, entre flores.

Figura 113 - O papiro em seu habitat natural, a Serra Dourada na Cidade de Goiás, no coração do Cerrado.

Figura 114 - José Angelo Rizzo, um nome singular na luta pela preservação do Cerrado em Goiás.

Figura 115 – Natureza em Goiás, velha capital em 1911.

Figura 116 – Venerando de Freitas Borges, pioneiro.

Figura 117 – Caju do mato

Figura 118 - Lena Castello Branco Ferreira de Freitas, uma das maiores inteligências de Goiás

Figura 119 – Capa do livro Poder e paixão, dois alentados volumes sobre o poder em Goiás.

Figura 120 – Postal de 1911, mostrando o romantismo e o bucolismo em relação à natureza – Motivos poéticos perenais. Acervo de Bento Fleury.

Figura 121 - Interior da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Meia Ponte, hoje Pirenópolis, onde está enterrado o poeta Cordovil.

Figura 122 - Igreja de Pilar de Goiás, cidade onde nasceu Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça ainda no século XIX.

Figura 123 - Página de *A Matutina Meiapontense*, de 1831.

Figura 124 - Antonio Félix de Bulhões Jardim, o cantor dos montes e dos outeiros e da solidão.

Figura 125 - Luiz do Couto, poeta e jurisconsulto, poeta e pensador.

Figura 126 -*Goyania*, poema épico que inspirou o nome da nova capital de Goiás.

Figura 127 - Érico Curado e a capa de seu livro *Poesia*, publicado em 1956.

Figura 128 – Texto de Érico Curado sobre a lobeira, publicado na Revista Informação Goyana.

Figura 129 – Carta de Erico Curado a Hermínia Fleury Curado, escrita em 1957.

Figura 130 - Cidade de Goiás foi o eterno motivo da poesia de Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira

Figura 131 - Capa do livro *Devaneios*, de poemas, contos e crônicas de Augusta de Faro Fleury Curado, que na outra fotografia, aparece ao lado de seu esposo, Dr. Sebastião Fleury Curado, em 1912. Acervo de Bento Fleury.

Figura 132 - Chácara Baumann, Cidade de Goyaz, onde a autora escreveu seus versos. Original de um de seus versos em que aparece, no diário manuscrito, o seu belo talhe de letra.

Figura 133 - Carta de Augusta de Faro Fleury Curado a sua filha primogênita, Maria Paula Fleury de Godoy.

Figura 134 - Ana Xavier de Barros Tocantins em 1899.

Figura 135 - A poetisa Tereza Caiado, ao centro, entre seus filhos, noras e netos em 1929.

Figura 136 - Leodegária de Jesus na capa do livro em sua homenagem e a capa da edição príncipe de *Coroa de Lírios* em 1906. Poesia pioneira na evocação tristonha e evocativa da terra goiana.

Figura 137 - Leodegária de Jesus já em Belo Horizonte, e a capa de seu livro *Orquídeas*, publicado em 1928.

Figura 138 - Hugo de Carvalho Ramos no alto da Boa Vista no Rio de Janeiro e a edição das obras do autor, enfeixando poemas e contos.

Figura 139 - Benedita Chaves Villa Real, numa fotografia dos tempos de Luziânia.

Figura 140 - Ricardo Paranhos, o grande poeta de Catalão.

Figura 141 – Desenho do poema “Despedida de Catalão”.

Figura 142 - Augusto Ferreira Rios, poeta goiano, de Jaraguá e a capa de seu livro *Bouquet*, publicado em 1907.

Figura 143 - Josefina Pinheiro de Lemos Mendes na Cidade de Goiás em 1919.

Figura 144 - Oscarlina Alves Pinto, poeta e jornalista pioneira na Cidade de Goiás.

Figura 145 - Casarão de Oscarlina Alves Pinto, no Largo do Chafariz, no bico de pena de Célia Coutinho Seixo de Britto. Acervo de Bento Fleury.

Figura 146 - João Accyolli, poeta e prosador e a capa de seu livro *Olho d'água*, publicado na Editora Civilização brasileira, no Rio de Janeiro em 1943

Figura 147 - Emília Perillo Argenta e a capa de seu livro *Reminiscência*.

Figura 148 - Escritório do Bazar Paulistinha na década de 1960. Presentes Bariane Ortêncio, Emílio Vieira, Bernardo Élis, Violeta Metran e Regina Lacerda.

Figura 149 - Casa onde nasceu Bernardo Élis em Corumbá de Goiás.

Figura 150 - Capa do livro *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, de autoria de Maria Guilhermina Fernandes e a poeta na porta de sua casa, na Cidade de Goiás, aos 94 anos de idade.

Figura 151 - Maria Paula Fleury de Godoy e um neto, capa do livro *Velha Casa*, que apresenta a Ponte do Carmo e o casarão da família, hoje destruído.

Figura 152 - Antonio Americano do Brasil e a capa de seu livro de versos *Nos rosais do silêncio*

Figura 153 - Leo Lynce, poeta inspirado pela terra goiana, um dos precursores do Modernismo em Goiás e a segunda edição de seu livro *Ontem*, que foi lançado em 1928.

Figura 154 - José Xavier de Almeida Junior, seus versos clássicos e épicos e a capa de seu livro *Canção do planalto*, como um canto ao Cerrado goiano.

Figura 155 - Arlindo Costa, poeta anapolino, dos primeiros anos da vila e seus versos dedicados à terra goiana, ansiando nela permanecer após a morte. É o escapismo, desejo de evasão e fuga, própria dos vates do passado.

Figura 156 - Dinorah Pacca e a capa de seu livro de versos *Relicário*, publicado em Araguari.

Figura 157 - O poeta Demóstenes Cristino, da bela terra de Ipameri e a capa de seu livro telúrico *Musa bravia*, publicado em 1949.

Figura 158 - Jarbas Jayme, poesia, genealogia, estudos históricos e muito amor pela terra goiana.

Figura 159 - Benedito Odilon Rocha quando de sua posse na Academia Goiana de Letras e a capa de seu livro/coletânea *50 anos de poesia*.

Figura 160 – Capa do livro de Benedito Odilon Rocha

Figura 161 - Gerson de Castro Costa em sua mocidade, no alvorecer de Goiânia e a capa de seu livro, publicado em 1937.

Figura 162 - Francisco de Britto e a capa sugestiva e telúrica de seu livro *Massapê*.

Figura 163 - José Lopes Rodrigues, poeta e professor e a capa telúrica de seu único livro *Vibrações*.

Figura 164 - Pedro Celestino da Silva Filho em desenho e capa de seu livro *A janela do trem*, publicado em 1992.

Figura 165 - José Décio Filho, o poeta da dor, do infortúnio e da saudade e a bela capa de seu livro póstumo, *Poemas e elegias*.

Figura 166 - Antonio Soares de Camargo, magistrado e escritor e a capa de seu livro Baú de lembranças, organizado por Maria Cavalcante Martinelli.

Figura 167 - Cidade de Goiás em 1913, vendo-se, ao fundo, o cerrado aos arredores da cidade, com suas espécies e frutos saborosos, lembrados pelo poeta.

Figura 168 - Eduardo Henrique de Souza Filho e a capa de seu livro de poemas *Nos tempos de Goiás*.

Figura 169 - Cidade de Goiás, com sua natureza exuberante no Cerrado circundante, foi tema da poesia de Eduardo Henrique de Souza Filho.

Figura 170 - Capa dos dois livros de Emir Omá, anagrama de Euler Amorim, inspirado poeta das coisas goianas.

Figura 171 - Jacira Brandão Veiga Jardim (Gito), poeta na simplicidade das coisas do Cerrado goiano.

Figura 172 - Um pequizeiro seco na região de Caldazinha-Go

Figura 173 - A família de Jarbas Jayme em Pirenópolis, sendo, Décio, o primeiro da esquerda para a direita e a capa instigante de sua obra literária, intitulada *Primícias*.

Figura 174 - Rosarita Fleury, poesia, imaginário e sensibilidade em seus versos e a bela capa de seu livro *Pétalas*.

Figura 175 - Rosarita Fleury em 1936 na Rua 03, no Centro de Goiânia, com sua bicicleta alemã.

Figura 176 - Rosarita Fleury, a primeira assentada na porteira, da esquerda para a direita, na região de Campinas, onde hoje está Goiânia.

Figura 177 - Rio Meia Ponte em Goiânia, no ano de 1936. Água limpa e muitos peixes, mas ao fundo, a agressão à mata ciliar.

Figura 178 - Regina Lacerda em 1935, na Formatura na Escola Normal Oficial da Cidade de Goiás. Foto de Alencastro Veiga.

Figura 179 - Regina Lacerda foi também pesquisadora sobre as panelas e poteiras de Vila Boa.

Figura 180 - Lydia Rossi Arantes Borges e a capa de seu primeiro livro, na evocação da natureza e da cidade de Piracanjuba-Go.

Figura 181 - Cerrado e pastagens da região de Piracanjuba, vista da rodovia. Devastação.

Figura 182 - Marilda de Godoy Carvalho em sua juventude em Goiânia e a capa de seu livro *E o bailado continua...* em parceria com suas irmãs Augusta e Terezy Godoi.

Figura 183 - Cerrado na Serra de Caldas Novas e Rio Quente.

Figura 184 - Nice Monteiro Daher, poemas e crônicas sobre Goiás e sua gente e a capa cerradeira de um dos seus livros, feita pela inspiração de Goiandira do Couto.

Figura 186 - O triste cenário das queimadas em Vila Boa de Goiás, até os dias atuais.

Figura 187 - Monsenhor Primo Vieira e a capa de seu livro *Postais antigos*, com versos telúricos e religiosos.

Figura 188 - O entardecer na região do Cedro, em Trindade. Foto de Bento Fleury

Figura 189 - Antonio Geraldo Ramos Jubé e a capa de seu livro *Flauta andarilha*, em que aparece o desenho do Cerrado.

Figura 190 - Buriti da região de Bela Vista de Goiás. Foto de Bento Fleury.

Figura 191 - Pau terra num pasto em Trindade. Fotografia de Bento Fleury.

Figura 192 - Capa do livro de Érico Ramos de Oliveira a relembrar uma das espécies desaparecidas do Bioma Cerrado.

Figura 193 - José Godoy Garcia e a capa de seu sugestivo livro de poemas *Araguaia mansidão*.

Figura 194 - Lygia de Moura Rassi, poeta do imaginário e da sensibilidade e a capa de seu livro *Vozes no tempo*.

Figura 195 - Joaquim Machado de Araújo Filho e a capa de seu livro *A construção da semente*, evocação ao chão e à renovação.

Figura 196 - Padre Luiz Palacin Gomez, historiador e poeta e a capa de seu livro *Do sempre e do instante*.

Figura 197 - Olinda da Rocha Lobo e a sugestiva capa de seu livro, sobre as veredas de buritis do planalto goiano.

Figura 198 - Célia Coutinho Seixo de Britto e a capa de seu livro *A mulher, a história e Goiás*, publicado em 1974.

Figura 199 - Amante do Cerrado, Célia Coutinho quis registrar a destruição das espécies nativas, minutos antes de ser aberta a Avenida Araguaia em Goiânia, juntamente com a amiga Maria das Graças Fleury.

Figura 200 - Jesus de Barros Boquady e a capa de seus instigante livro de poemas *Romanceiro goiano*.

Figura 201 - Guiomar de Grammond Machado, poeta e farmacêutica e a capa de seu livro *Mensagens*, com o sobrado antigo de Luziânia-Go.

Figura 202 - Jerônimo Geraldo de Queiroz e a capa de seu livro *Sombras vespertinas*.

Figura 203 - Edésio Daher, advogado e poeta e a capa de seu antigo livro de versos intitulado *Cruz da estrada*.

Figura 204 - César Baiocchi e a capa de seu livro, evocando a fruto do cerrado.

Figura 205 - Violeta Metran Curado, poeta de sensibilidade e a capa de seu livro *Sempre setembro*

Figura 206 - Terezy Fleuri de Godoi e a bela e sugestiva capa de seu livro *Filigranas*.

Figura 207 - Gilberto Mendonça Teles e o sentimento goiano em toda sua essência e a sugestiva capa de seu livro *Saciologia goiana*.

Figura 208 - Bela e significativa capa do livro *Planície*, de Gilberto Mendonça Teles, publicado em Goiânia em 1958, premiado pela Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos.

Figura 209- José Mendonça Teles, poeta e cronista e a capa de seu livro *Poemas do entardecer*.

Figura 210 - Geraldo Coelho Vaz e a capa do seu livro *Diário de tropeiro*, do desenho de Antonio Poteiro.

Figura 211 - Iron Junqueira, de Anápolis as canções e a sublimidade da terra e a capa de seu livro *Canção do amanhecer*.

Figura 212 - Narcisa Cordeiro ao lado de Beth Fleury e a capa do livro *In Totum*, de poesia.

Figura 213 - Afonso Félix de Souza e sua antologia poética com versos brotados da alma do chão

Figura 214 - Capa do livro de Nequito, com sua produção também telúrico.

Figura 215 - Umbelina Frota, poetisa de Inhumas e a capa de seu livro, com um portentoso jatobá numa praça interiorana.

Figura 216 - Yêda Schmaltz, poética feminina a serviço da vida e a bela capa cerradeira de seu livro *Urucum e alfenins*.

Figura 217 - Edival Lourenço e a capa de seu livro *As vias do voo*, poemas abertos à amplidão

Figura 218 - Helvécio Goulart, poesia e abertura a novas dimensões do verso. Capa de seu livro *A janela azul*.

Figura 219 - Célia Siqueira Arantes e a capa de seu livro *Chão livre*

Figura 220 - A poetisa Sônia Maria Ferreira e a capa de seu livro *Janelas de Campo Formoso*.

Figura 221 - Luiza de Camargo Ferreira e a capa de seu livro *Do baú de Luiza*, de versos e memórias.

Figura 222 - Aidenor Aires Pereira, poeta e a capa de seu livro *Na estação das aves*

Figura 223 - Paulo Bertan e a capa de seu livro de poemas, *Cerratenses*, um canto de amor ao povo do Cerrado.

Figura 224 - Francisco de Assis Nascimento e a capa de seu livro *Nu badalar das horas*.

Figura 225 - Gabriel Nascente e a capa de seu livro *Águas da Meia Ponte*.

Figura 226 - Kleber Adorno e a capa de seu livro **Sinfonia do só**.

Figura 227 - Armênia Pinto de Souza e a capa de seu livro *O buriti do sereno*, evocando o Cerrado

Figura 228 - Alódio Továr e a capa de seu livro *O enigma de Paraúna* – o Cerrado como misticismo.

Figura 229 - Miguel Jorge e a capa de seu livro *Os frutos do rio*, em que evoca fortemente o Cerrado.

Figura 230 - Jacy Siqueira e a bela capa, significativa e singela, como o Cerrado, de seu livro *Outono*.

Figura 231 - Placidina Lemes de Siqueira e o conjunto de suas obras literárias

Figura 232 - Augusta Faro Fleury de Melo e a capa de seu livro *Mora em mim uma canção menina*.

Figura 233 - Vereda de buritis em Silvânia – Goiás. Acervo de Bento Fleury.

Figura 234 - de Assis, grande nome da Literatura brasileira e o seu conto sobre Goiás no livro *Histórias da meia noite*.

Figura 235 - Capa do livro de Crispiniano Tavares, coligido por Basileu Toledo França.

Figura 236 – Os caminhos goianos do cerrado, na fotografia de Ruy Faquini.

Figura 237 - Hugo de Carvalho Ramos e a capa de seu livro de contos sertanejos, *Tropas e boiadas*.

Figura 238 - Francisco de Britto e a capa de seu livro de contos intitulado *Terras bárbaras*

Figura 239 - Altamiro de Moura Pacheco em sua mocidade e a capa de seu livro de contos *Rochedo e ferrolho*.

Figura 240 - Bernardo Élis Fleury de Campos Curado e a capa de seu livro *Veranico de janeiro*, editado pela José Olympio.

Figura 241 - Eliezer Pena, escritor e jornalista e a capa de seu livro *Sem cravo na lapela*

Figura 242 - Bariance Ortêncio e a capa de seu livro *Sertão sem fim*, de 1965.

Figura 243 - O Cerrado presente em um dos títulos do escritor Bariani Ortêncio.

Figura 244 - Humberto Crispim Borges e a capa de seu livro *Vale das Imbaúbas*, contos do Cerrado.

Figura 245 – Nita Fleury e a capa de seu livro de contos *Vida*.

Figura 246 – Burrinho lenheiro da Cidade de Goiás.

Figura 247 - Braz José Coelho, a literatura de denúncia, o cerrado e o seu livro *Peonagem e cabroeira*.

Figura 248 - José Jacinto Veiga e a capa de seu livro *Sombras de reis barbudos*, contos insólitos

Figura 249- Curta narrativa de José Jacinto Veiga que se passa num cenário inóspito, parecido com o Cerrado.

Figura 250 - Dois livros de contos de José Jacinto Veiga

Figura 251 - Leo Godoy Otero e seus contos passados na roça, nos sertões, no Cerrado.

Figura 252 - Outra obra regional e telúrica de Leo Godoy Otero

Figura 253 – Ada Curado e a capa do seu livro do contos *O sonho do pracinha*

Figura 254 - Aldair Ayres, contista, e sua narrativa em *Dominum nobiscum*.

Figura 254 - Ayda Félix de Souza e a capa de seu livro de contos *É a noite*, publicado em 1970

Figura 255 - Julia Franco e a capa de seu livro *Seios da terra*.

Figura 256 – Uma queimada em pleno Cerrado em Trindade.

Figura 257 - Octo Marques, literato e pintor e a capa de seu livro *Cidade mãe*.

Figura 258 - Pintura de Octo Marques, a capital de Goiás, Vila Boa, com seu casario e o Cerrado em torno, nos morros circundantes, os carros de bois e os urubus.

Figura 259 - Pedro Gomes e a capa de seu livro *Na cidade e na roça*, publicado em 1924.

Figura 260 - Capa do livro de João Lima, evidenciando um tamboril seco no Cerrado.

Figura 261 - Modesto Gomes da Silva e a capa de seu livro *O pó da tristeza*.

Figura 262 - Capa do livro de contos *A viagem das chuvas*, de Jesus de Aquino Jayme.

Figura 263 - Jorge Brom e a capa de seu livro de contos regionais de encantos naturais e pescarias

Figura 264 - Desembargador Maximiano da Mata Teixeira e a capa de seu livro *Estórias de Goiás*.

Figura 265 - Livertino Leão Sobrinho em desenho de José Asmar e a capa de seu livro *Causos goianos*.

Figura 266 - Carmo Bernardes e a capa de seu livro *Ressurreição de um caçador de gatos*

Figura 267 - Marieta Teles Machado e a capa de seu livro os frutos dourados do pequiheiro

Figura 268 - Gil Perini e o livro o Cerrado, *O pequeno livro do Cerrado*.

Figura 269 - Capa do livro de César de Freitas Silva, curtas histórias do Cerrado.

Figura 270 - Capa do livro de contos de Manuel Goiano

Figura 271 - Maria do Rosário Cassimiro e a capa de seu livro *Umas e outras*, histórias do sertão.

Figura 272 - Juliano Cazarré, ator e escritor brasileiro que escreveu uma das mais lindas histórias do Cerrado goiano.

Figura 273 - Cerrado da região da Cidade de Goiás e os velhos muros de pedras seculares, erguidos pelos escravos. Acervo de Bento Fleury.

Figura 274 – Capa da Revista Cerrado, dedicada a discutir a preservação do Bioma.

Figura 275 - O sobrado de Illydia Perillo, na fotografia de 1913 e no desenho de Célia Coutinho Seixo de Britto.

Figura 276 - O cerrado vilaboense junto aos muros de pedras na velha capital goiana

Figura 277 - Maria Ferreira de Azevedo Perillo, cronista consciente de seu tempo e a Revista Informação Goyana onde colaborou.

Figura 278 - Gigantescas espécies do Cerrado, com suas cascas rugosas, citadas na crônica de Lilia Perillo.

Figura 279 - Primeira casa da Ponte da Lapa, defronte ao casarão de Cora Coralina, residência de Altair Camargo de Passos.

Figura 280 - O chafariz da Carioca, na Cidade de Goiás, cercado pelo Cerrado, nos anos de 1910.

Figura 281 - Cora Coralina, também cronista e poeta

Figura 282 - Vegetação de Cerrado nas cercanias da Cidade de Goiás, sendo devastado.

Figura 283 - Graciema Machado, literatura e sensibilidade na sua bela Jaraguá de tantas histórias

Figura 284 – O imenso cerradão goiano, tão bem descrito por Grace Machado.

Figura 285 - Frederico de Medeiros, um dos articuladores e cronistas da *Revista Oeste*.

Figura 286 – Estradas antigas abertas em meio ao Cerrado.

Figura 287 - Iron da Rocha Lima e a temática das flores do campo, no Cerrado

Figura 288 - Zecchi Abrahao, jurista e cronista e a capa da Revista Oeste de 1943.

Figura 289 - As lobeiras ainda resistentes, presentes na linguagem de Zecchi Abrahão há mais de setenta anos.

Figura 290 - Amália Hermano e Maximiano da Mata Teixeira, ícones na defesa do patrimônio natural. Fotografia na Pedra Goyana, da Serra Dourada.

Figura 291 – Amália Hermano e suas orquídeas.

Figura 292 - Floracy Artiaga Mendes e a capa da *Revista de Educação do Estado de Goiás*, de 1938, em que foi intensa colaboradora.

Figura 293 - Velho rio vermelho envolto ao cerrado e as antigas lavadeiras

Figura 294 - O homem do campo evocado na crônica de Floracy Artiaga Mendes.

Figura 295 - Genezy de Castro e Silva, cronista e professora

Figura 296 - Genezy de Castro, quando moça, cronista de Vila Boa de Goiás.

Figura 297 – Nair Perillo e seu livro *Tempo de sonhos*.

Figura 298 - *Canto de cigarra*, o primeiro livro de crônicas da autora.

Figura 299 - Capa do livro de Juruena di Guimarães, cronistada Cidade de Goiás e de Goiânia.

Figura 300 - Altamiro de Moura Pacheco e a capa de seu livro *Realidade e ficção, com crônicas telúricas*.

Figura 301 - Belkiss Spencièrre Carneiro de Mendonça e seu livro de crônicas *Andanças no tempo*.

Figura 302 - José Mendonça Teles e a capa de seu livro *Crônicas vilaboenses*.

Figura 303 - Carmo Bernardes, o doutor do sertão e do Cerrado e o seu livro sobre os bichos cerradeiros

Figura 304 - O “Parque Municipal Carmo Bernardes” no Parque Atheneu em Goiânia, reverência e homenagem a quem tanto gostava do mato.

Figura 305 - As grandes espécies lembradas por Carmo Bernardes que compõem o cenário do Cerrado

Figura 306 - Hamilton Carneiro e a valor de todos os frutos da terra

Figura 307 - Brasigóis Felício, cronista e contista, e a capa de seu livro *Viver é devagar*

Figura 308 - Gil Perini e seu segundo livro, de crônicas sobre Goiás e o Cerrado.

Figura 309 - Maria do Rosário Cassimiro e o seu livro de crônicas *Dois dedos de prosa*.

Figura 310 - Peões roçando o que seria, mais tarde, o Bosque dos buritis. 1932.

311 – Maria Paula Fleury de Godoy e a capa de seu livro de Crônicas A longa viagem

Figura 311 – Página manuscrita de crônica de Maria Paula Fleury, de 1911

Figura 312 - Página de manuscrito em crônica de Maria Paula Fleury, de 1911.

Figura 313 – Página da Revista Feminina de São Paulo, onde colaborava a “goyana”, Maria Paula Fleury de Godoy.

Figura 314 – Lançamento do livro de crônicas de Maria Paula Fleury de Godoy no Bazar Oió de Goiânia em 1966. Presentes Marilda de Godoy, Albatênio Caiado de Godoy, Bernardo Élis e José Xavier de Almeida Junior.

Figura 315 – Cidade de Goiás, a visão do cerrado nas cercanias da igreja de Santa Bárbara.

Figura 316 - José de Alencar e seu romance *Ubirajara*, que tem por cenário o sertão de Goyaz e as terras do Cerrado.

Figura 317 - Bernardo Guimarães e a capa de seu livro *O Ermitão de Muquém*, publicado pela Editora Saraiva.

Figura 318 - Ofélia e Narbal Fontes, casal dedicado à literatura e à história, em romances juvenis.

Figura 319 - Romance de Rosarita Fleury publicado em 1958.

Figura 320 - Humberto Crispim Borges e seu romance de denúncia social no Cerrado.

Figura 321 - Bernardo Élis e a capa de seu livro *O tronco*.

Figura 322 - José Mauro de Vasconcelos com seus índios do Araguaia e a capa de seu romance *Rosinha, minha canoa*.

Figura 323 - Bela capa do livro *O garanhão das praias*, mostrando a exuberância das matas.

Figura 324 - Capa da última obra do autor, ainda com o tema nos índios e em Goiás.

Figura 325 - Ada Curado, num desenho de Mariozan e a capa de seu romance *Morena*, publicado há 60 anos.

Figura 326 - Carmo Bernardes e a bela capa de seu romance *Jurubatuba*.

Figura 327 - Eli Brasiliense.

Figura 328 – Capa original do livro *Pium*, de Eli Brasiliense

Figura 329 - Edla Pacheco Saad e a capa do primeiro livro de sua tetralogia de romances históricos, o *Zaca*.

Figura 330 – As singelas flores do cerrado que aparecem na obra de Edla Pacheco.

Figura 331 - Basileu Toledo França e a capa da segunda edição de seu romance *Pioneiros*.

Figura 332 - Bela capa do livro *O pranto dos inhambus*, de crítica social e humana, de Sebastião Arantes.

Figura 333 - Capa soturna do romance *Riachão*, de Raimundo Rodrigues.

Figura 334 - Armênia Pinto de Souza e a capa de seu romance *A estrela cadente*

Figura 335 - José Godoy Garcia e a capa de seu romance *O caminho de trombas*.

Figura 336 - Ursulino Leão e a capa de seu romance *A procissão do silêncio*

Figura 337 - Antonio Baptista de Oliveira e a capa de seu livro *Os predestinados*

Figura 338 - Antonio José de Moura e a capa de seu livro *Sete léguas de paraíso*.

Figura 339 - Dr. Jerônimo Geraldo de Queiroz e a capa de seu romance *Homens de palha*.

Figura 340 - Olímpio Pereira Neto e a capa de seu livro *Verdes Campinas*, sobre Goiás

Figura 341 - Capa do livro de Wilson Cavalcanti Nogueira

Figura 342 - Willian Agel de Mello e a capa de seu romance *Epopéia dos sertões*.

Figura 343 - Edival Lourenço e a capa do livro *Naqueles morros, depois da chuva*. Belo título.

## MAPAS

Mapa 01 – Mapa de Goiás de 1865, quando ainda Província.

Mapa 002 – Capitania de Goyaz em 1804.

Mapa 003 – Província de Goyaz em 1875

Mapa 004 – Sul de Goyaz, na visão de Oscar Leal

Mapa 005 – Julgado de Santa Cruz na Comarca do Sul, expansão e desenvolvimento acelerado.

Mapa 06 - Mapa intitulado *Brasile Terra di Santa Croce, de 1722*, feito por Guillaume de L'Isle que traçou com perfeição a costa brasileira e aprofundou sertão adentro, identificando o que já seria Goyaz, de forma fidelíssima, utilizando o sistema de latitude e longitude. Aparece ao canto direito um Pau Brasil estilizado, europeizado, com uma lápide neoclássica, ao gosto grego.

Mapa 07 – Biomas brasileiros – IBGE – 1966.

Mapa 008 -Geographical, statistical, and historical map of Brazil, by J. Finlayson, 1827

Mapa 009 - Mapa com o roteiro da viagem de Pohl pela Província de Goiás. Fonte: BURCHEL, Wilhoun, apud. FERREZ, Gilberto, 1981.

Mapa 010 - Mapa do roteiro de Castelnau, de 1844.

Mapa 11 - Carta de Goyaz, elaborada pelo agrimensor Francisco Ferreira dos Santos Azevedo

## **Memorial - Do chão telúrico da minha vida, as raízes seguras de meus pais**

Eu vim do chão, no vermelho da terra eu me criei. Meus pais foram raízes profundas que se lançaram das profundezas ignotas onde me firmei.

Todo meu ser se revela Goiás! Todas minhas raízes são Goiás há mais de 250 anos! Todos os meus antepassados são goianos, vindos do longe do tempo. Gente do chão, da terra, da roça, telúricos todos eles.

Meus pais são duas grandes árvores, de longas raízes, que me sustentaram nesse chão. Um ipê e uma caraíba, sempre floridos, na ternura de meu ser.

Minha mãe teve o coração goiano carregado de telurismo e de sentimento arraigado às suas origens rurais. Mulher-chão, mulher-terra, impregnada do perfume suave do campo e suas tantas plantinhas do terreiro varrido.

Tão sublime foi na sua simplicidade de dona de casa, esposa e mãe, em sua laboriosa cozinha, sempre fumegante, no calor do fogão de lenha que é a imagem da própria vida que crepita em nós.

Sua imagem agora límpida e suave, desarraigada do sofrimento final a que eu era induzido a lembrar em sofrimento, transformou-se em uma aura bucólica de uma quase completa alegria porque, pelo amor de Cristo, tudo foi cumprido e consumado no calor ameno do afeto que nos uniu para a eternidade.

Ela era a luz que LUZIA o meu caminho.

Relembro-a e a integro à terra de Goiás e a vejo na humanidade reconfortante de seus acertos e na transparência sutil de seus defeitos. E as pequeninas coisas que fizeram o seu universo, dela docemente falam: o toc toc do pilãozinho de tempero pisando o alho, o sal, a pimentinha cumari; as panelinhas de ferro e de barro na prateleira forrada com paninhos bordados com ponto de cruz ou mesmo sobre a chapa escaldante do fogão; a tábua de defumar o queijo, pendurada com linguiças esticadas e secas, requeijões e um mundo de coisas gostosas naquela imensa cozinha que, para mim, tinha o tamanho do mundo.

E aquela casa velha de janelas encardidas, de cozinha de ladrilhos de tijolos, abrindo-se para o pátio da cisterna com tampa de madeira continua a mesma, por certo. Somente nós estamos diferentes pelo fadário humano. As lembranças abraçam o espaço silente e marcam a definitiva separação. Não há mais o radinho ligado nas novenas da Rádio Difusora de Goiânia, no programa “No mourão da porteira”, o “A nós descei Divina Luz” de

suas missas ou as “Saudades de matão” do meu pai, o pedir a bênção para dormir e acordar, onde ficou tudo isso?

As lembranças de suas comidas trazem odores de outros tempos felizes. O cafezinho sempre pronto para quando eu chegasse da escola, as pêtas, biscoitos, os doces, os salgados, as mínimas coisas que fazem sentido. Já sabia felizmente, mas agora eu sei que isso faz sentido! E todos os sentidos estão em tudo isso.

O sentido estava na terra sempre fértil de nossas afeições. Ochão querido de nossa vida.

Naquele seu universo do terreiro, ela era insuperável. Suas galinhas, seus patos, suas angolas escandalosas, os cachorros e gatos, os bichinhos menores, o cocho com salsa e cebolinha, a latadinha de chuchu, os queijos, requeijões, farinhas e polvilhos que brotavam de suas ágeis mãos. Tudo fazia com amor porque era para isso que foi criada, para a doação. Como era bom voltar da escola e encontrar a pamonha quentinha sobre a mesa, o curau, o doce de leite, os bolinhos de milho e de polvilho, sempre com um sorriso e seu carinho envolvendo aquele mundinho menor que tanto significava.

Tudo isso é o chão da vida. Por muito longe que a vida nos leve, isso fica; é a vida; a vida que pulsa e palpita nos menores gestos, nas menores frases, na felicidade que há em cada dia que nós, muitas vezes, não percebemos. Mas, sua imagem para mim tem cheiro, sabores, ruídos, sons e tantas coisas que aguçam a lembrança e mesmo que eu chore ao lembrar-me disso em algum dia de tristeza imensa que se derrama pelos olhos, não faz mal. Tudo seja louvado por Deus porque um dia entenderemos os mistérios que cercam a vida e as suas contradições.

Haverá sempre um trieiro que me unirá à terra de minha mãe. Um caminho largo e bonito também, orlado de florzinhas do campo e que têm odores diversos e recordações pungentes. Haverá muitas manhãs de sol lá na roça que invadirá nossa velha casa, iluminando o terreiro varrido e o branco das florzinhas “boas noites”, molhadas pelo orvalho e um vento gracioso, que fará bater as janelas de madeira, anunciando um tempo de renovação pelo amor e pela saudade.

O assoalho gasto do chão, na paisagem do pasto da porta que descortina a janela, do pé de cuité do quintal, do curral lateral da casa, do velho paiol sempre cheio de cupim, dos gatos deitados no batente da porta, dos cachorros ajudando a apartar as vacas, do barulho da água da bica de madeira. Tudo fala dela, de nós; do chão goiano que tanto amamos, juntos.

O pé de chagas do quintal e o lilás do manacá do terreiro exalam um doce aroma de saudade. Lembrança enternecida da porteira empenada, da cesta de ovos, do pote com leite para coalhada, dos calangos nas cercas com as suas cabecinhas balançantes, do tição da fornalha, da pomba juriti e a passarada comendo com as galinhas; tudo é terra, tudo é minha mãe telúrica.

Minha mãe foi o chão onde, um dia, eu nasci; e é, agora, o chão vermelho do solo goiano, onde piso o cansaço de meus passos nas contradições e desacertos dessa vida.

Minha mãe é doce lembrança, doída lembrança, amarga certeza da morte. Mas é tão viva que, em certos dias, acomete-me uma vontade imensa de buscar aquela estrada vermelha da Fazendinha e vê-la surgir no retângulo luminoso da porta com os braços abertos me esperando para me dar a bênção.

Não faz mal a distância, não faz mal a saudade. Tudo no mundo é assim. Prefiro ver minha mãe livre de tantos sofrimentos da carne a tê-la comigo daquela maneira dolorosa. Tudo passou. Lembro-me agora dela diluída nessa paisagem tão suave do cerrado, em cada árvore bonita, em cada flor do campo, em cada manhã de sol. Ela se pulverizou em cada coisa bela e evocativa referente ao chão, que quase sempre vejo nessas estradas do mundo de Goiás.

Goiás é um mundo!

Sou feliz nas minhas lembranças, porque, nesse mundo, Deus me deu uma mãe que era a simbologia da terra, do chão de Goiás, daquele Goyaz com y e z que ela tanto decantava nas suas muitas histórias também.

Histórias cerradeiras, e como numa rima, verdadeiras; da saga de nosso povo sobre as dificuldades desse chão.

É inesquecível o chão das histórias de minha mãe. Ela foi rosa entre rosas, a minha rosa. E que ela receba, docemente, o pensamento de amor com que me embalou um dia, agora frutificado em muitas flores do campo, para dizer-lhe que em meu coração há um canteiro de saudades que vicejam lembranças saudosas de quem, com amor infinito, jamais a esqueceu, porque não se esquece o chão em que se sustenta a raiz mais firme de nossas intenções

Assim, por ela, por minha mãe, eu amo a terra e tudo que nela há; amo a terra, como chão, como ofertório; como dádiva e oferecimento; como poeira e como lama; como pó, de onde viemos e para onde vamos, toda a humanidade, pressurosa e aflita, caminha, às vezes sem rumo, para o pó eterno e milenar.

Por esse motivo, eu quero me confundir com a terra e me desmanchar nela, por inteiro, como um nada, como um cisco qualquer, sem valia e sem lembranças. Na terra, há, também, o eterno esquecimento. O definitivo ostracismo das gerações que se foram e, hoje, adormecem sob o chão. Quando ando pelos cemitérios, entre os túmulos, penso essas coisas. Tanta gente que foi muito rica; ocupou cargos, teve prestígio, fama, ou viveu os sofrimentos sobre o mundo, todos; felizes ou infelizes, agora apenas terra e nada mais!

Uma casa, desde a mais simples, até a mais sofisticada mansão, apenas monte de terra que se desfaz com o tempo. Nada é para sempre! Apenas a terra continua, no cansaço milenar desse chão, desde os tempos imemoriais do pisar do homem os seus incertos caminhos.

Quero ser como a terra; tornando-me essa cor bonita que vejo no chão; terra de várias tonalidades, preta, marrom, vermelha, ocre, amarelada; terra como barro, tabatinga da beira do rio, das olarias, das fornalhas, dos canaviais e arrozais maduros em cachos dourados. Terra como areia, multicolor, suas cintilações de mica, brilhantes ao sol.

Às vezes, ao me confundir com a terra, sinto vontade de enfiar as mãos no chão e ficar abraçado com ele, juntinho dele, perto do coração. Diferente de tudo isso, eu via a terra sob meus pés e a fragilidade de nossos passos no caos do chão.

Gostava tanto de terra que, pequeno ainda, por conta dos vermes, comia terra; arranquei torrões daqueles muros de terra socada e os comi. Só mesmo os lombrigueiros de casca de abóbora, o biotônico Fontoura, a famigerada *Emulsão de Scott*, de enojada memória, deram jeito. Mas, creio, a terra ficou no meu pensamento.

Via desde sempre, o chão como fim das coisas. Meus pais foram a síntese disso tudo.

Creio que herdei esse telurismo e esse apego ao chão das coisas, de minha saudosa mãe e do meu pai, também um coração terroso. Ele que, na sabedoria dos seus 85 anos, caminha lentamente, como sem pressa de chegar, pois sabe que não há chegada definitiva e tudo caminha, de qualquer jeito, ao destino tantas vezes imutável das contradições e dos desacertos humanos.

Vejo meu pai, hoje, como um grande angico, de casca resistente e cerne rijo, aguentando os safanões das trovoadas que a vida oferece, mas sempre com o colorido verde das folhas balançantes. Um angico lá da roça, que gosto de contemplar. Vendo-o penso: Esse é o meu pai.

Nunca estudou Filosofia o meu pai. Do muito que aprendeu, o sol, a lua, a chuva, os amanheceres, as curicacas, as galinhas cantadeiras, as vacas submissas, os cavalos amansados ensinaram; todos eles, doutos mestres do tempo e do infinito. E aprendeu Sociologia com os seus compadres e Psicologia com os errados do mundo; conheceu Antropologia na descoberta do valor dos outros e Botânica no conhecimento de tantas plantas do mato e seus valores ecológicos, terapêuticos e medicinais.

Sua Faculdade foi a natureza, bravia e misteriosa; cujas páginas teóricas foram se abrindo em cada manhã de chuva; de chuva fininha, cujos pingos foram letras que se constituíram sentido e significado. Cada folha virada do livro da vida trouxe um ensinamento diferente, cujo diploma está presente no saber agregado, que ninguém lhe tira.

Sabedoria da calma, da temperança, da confiança e do necessário silêncio, que, tantas vezes, eu tenho inveja.

Tenho inveja da segurança e da confiança inabalável do meu pai no acontecer das coisas, ou da naturalidade que ele observa em tudo, sem se espantar. Atitudes que se traduzem numa aceitação pacífica e alegre dos fatos. Nunca um grito, nunca a exasperação, nunca um descontrole. Jamais ouvi de meu pai uma palavra intempestiva, um gesto brusco, uma agressão, uma palavra de revolta. Sua voz é até baixa, como se, falando, já ensinasse.

Teimosia sim, talvez seja o seu defeito. Cabeça dura que tantas vezes não aceita o que falamos e, de ouvidos moucos, segue. Mas, hoje, vejo que, mesmo assim, se constitui virtude. Para que a obediência cega aos preceitos e normas? Sábio mesmo o meu pai. Vive apenas e isso lhe basta.

Suave e manso como a chuva de dezembro ele segue. Nem os ventos fortes da enfermidade o fazem soçobrar. Trêmulo tantas vezes, de mãos vacilantes, segura as rédeas da vida. Altaneiro e altivo, de cabelos brancos como pingos do orvalho sobre os campos; segue ele, com seus diplomas de mestre, de doutor; cuja faculdade teve por currículo muitas carpinas, roçadas, ordenhas, plantações, colheitas, faturas de um tempo esquecido; cuja grade curricular maior era a coragem.

Meu pai é um grande angico, que espalha sementes ao vento, e estas, curiosas e festivas; vão celebrar vida em outras searas. Seu saber para a vida e para a realidade, se destacava e se destaca ainda, na alegria de servir, de ser útil; ao fazer o papel de provedor, alegre e satisfeito, ao lembrar a música da família: “Que um homem carregue nos ombros a graça de um pai”.

Nesse mundo tenho o orgulho de dizer que, na minha estrada, tive e tenho a sombra protetora de um pai!

Sua imagem se derrama em mim, na sombra da casa antiga, de janelões, na bica d'água, no paiol de lascas de aroeira por sobre o chiqueiro como porão, de estiva, a casinha da carroça, o varandado da trempe de torrar farinha e da fornalha de fazer sabão, o galinheiro, o forno pançudo, de pedra e tijolos, o brejo mais abaixo, os pastos de “trabanda”, a estradinha de terra, o mato, as roças. Tudo como pedaço de um chão. Um chão de dentro, carregado de poesia.

E a casinha das ferramentas, da lenha seca para o tempo da chuva? As enxadas penduradas, marcas “duas caras”, “jacaré”, depois a “tramontina”; a foice marca “JF”, os cabos de ferramentas, retirados em santa lua, do guatambu do mato, o cutelo, os facões, cordas, o sedenho, os laços, os arreios. As cangalhas do carro de boi, a arriata para a carroça. Parece sentir o cheiro daquela casinha que sempre tinha, também, uma galinha chocando, uma cachorra parida, uma gata e sua ninhada de gatinhos a pular, ariscos “riscando fósforo” a cada tentativa de pegá-los.

Ao lado dela havia a cisterna com sua casinha, a banca de espremer o queijo, os latões para o leite, um jirau para lavar roupa e logo abaixo a bica d'água de aroeira, sempre a derramar o barulho incessante da água limpinha do rego.

No meio do quintal, um pneu cortado, onde minha mãe punha água para as galinhas e pingava creolina para “desinfetar as tripas” dos bichos. Numa bacia velha, num canto, muito coentro derramava odores. Pés de fumo se espalhavam pelo quintal e sempre serviam de remédio para frieiras, coceiras e cafubiras. E sorrindo ela dizia: “Rico tem alergia; pobre tem cafubira”.

No canto do quintal, mais abaixo, a casinha da privada, do mictório, com sua fossa aberta, num buraco, acima, as tábuas com um furinho para descer as fezes e urinas de todos. Papel higiênico era luxo. Numa capanga, um punhado de sabugos (falavam sabucos), para a limpeza, de tripla utilidade (limpa, coça e penteia!).

Minha mãe jogava cinza no assoalho da privada para não haver cheiro e nunca havia, de fato. Toda manhã, quando limpava a fornalha, retirava uma cuia de cinza, jogava várias dentro do buraco (para ressecar a bosta, como falava) e no assoalho para matar os micróbios.

Às vezes, jogava cal no buraco da fossa, que segundo ela, também desidratava os dejetos (ela falava bosta mesmo). A acidez da cinza era infalível. Dela ainda se fazia a

decoada ou lixívia para o sabão, pingando numa lata, na casinha da fomalha, juntando soda cáustica, barrigada de porco, manteigas velhas, de fritura, guardadas em garrafas e torresmo velho.

No tacho, aquilo tudo cozinhava, mexido com uma colher de pau ou um talo de folha de mamão (que só uma mexia, senão “desandava” – levei muitos tapas na mão por fuçar na barrigada derretida no tacho) e se transformava em sabão, numas bolonas grandes, que ajudávamos a embolar; serviço que eu detestava, pois fazia umas bolas ovais, estranhas, “catoiúdas” como dizia minha mãe, pançudas. Nunca fui bom em geometria, nem mesmo embolando sabão!

Adorei quando inventaram cortar os pedaços de sabão e fiquei imaginando o tempo que havia perdido na minha longa vidinha de então, embolando aquelas porcarias.

Era verdade, na roça não havia lixo! O que não ia para a nossa barriga, ia para a barriga dos bichos; depois comíamos os bichos, e o que sobrava virava sabão ou esterco para a horta; não havia sacolinhas de plástico; as latas eram reaproveitadas, areadas para guardar um mundo de coisas e as poucas garrafas serviam para acondicionar pimentas, remédios e até mesmo venenos. Os restos de comida, as galinhas, os cachorros e gatos comiam, ou, então, se transformavam em lavagem para os porcos. O chão ficava limpo!

Até mesmo as galinhas do quintal não deixavam nada escapar. Comiam escorpiões, até pequenas cobras, minhocas, sementinhas. Se não raro, defecássemos no fundo do quintal, ao lado das bananeiras, quando a casinha estava ocupada, ou mesmo por gosto; já que cagar ao ar livre é fascinante; era sempre acompanhado, de perto, pelos olhares gulosos das galinhas...!!!! Astutas, catavam ainda bernes e carrapatos das vacas deitadas no pasto da porta. Eram verdadeiros aspiradores do chão!

Por esse motivo minha mãe tinha nojo de frango caipira, arrancava todo o aparelho digestivo (papo, moela, vísceras) e só faltava passar “soda” no interior do coitado; ao lembrar as porcarias que digeriam. Assim dizia: “Com tanto milho no quintal, essas galinhas vagabundas comem bosta, berne, carrapato. Se rirmos para elas, são capazes de bicar e comer nossos dentes”.

Depois falam que o porco é que é porco! Meu pai diz que o porco é muito limpo em relação à galinha da roça que é verdadeiro aspirador de pó, comendo tudo quanto é besteira e nojeira. Galinha na roça tem espaço, passeia muito, pasta o tempo inteiro, ensina seus pintinhos a técnica da seleção. Daí o ditado: “Alegre como pintinho no cisco”.

Tudo isso é a terra do meu Goyaz!

E meu pai, assim como minha mãe, me ensinou muito dos mistérios do chão. Curioso e atento, pude certificar do valor dos saberes antigos, na certeza de que nenhuma tecnologia consegue explicar melhor os mistérios das coisas, como por exemplo, por que uma folha se assemelha a uma mão aberta, colhendo os toques das auroras?

E meu pai, com o seu coração de terra, me abriu portas de um mundo ignoto. Aprendi com os mistérios do tempo, o conhecimento que o livro não ensina. Comecei pela lua misteriosa e altiva; tão longe, tão ebúrnea, tão vacilante; motivo poético de tantos vates que, no passado, contemplaram-na, e, chorando, derramaram suas dores. Quem, hoje, chora ante um luar que se desmancha em cores dúbias no existir das coisas?

A assombrosa luminosidade artificial tirou o brilho da lua poética e antiga!

Meu pai me disse do valor da lua, cuja força é sobrenatural. “A lua manda em tudo; nas plantas, nas águas, nas chuvas, nos bichos, nas colheitas, até no corte do nosso cabelo. Para capar um porco precisava ver a lua”. No ciclo da vida, no saber de meu pai, a lua comanda até mesmo o mistério dos sentimentos: “Não vê que tem gente aluada? Gente doente da cabeça fica diferente em certas luas? Daí os lunáticos!

Portanto, segundo meu pai, há luas para plantar; luas certas para o trabalho na terra; já que a terra por ela é regulada, regida, diz ele: “resguardada”. Fecha com prosódia esse dito: “A terra é serventúria da lua”. Essa frase vem carregada de profunda significação. Mostra que, na natureza, há um ciclo de perfeição corretamente regulado e sistematizado que o ser humano, por sua ganância, desarticulou.

Muito me ensinou meu pai sobre a lida com os “trens de comer”, já que a labuta pelo sustento sem nenhuma tecnologia, era árdua. Garantir o arroz, o feijão, o milho, a mandioca, as “misturas”, já dava *status* de boa vida àquela gente sagaz e dominante do passado. Quem comia bem, enchia o bucho, era rico! Tuia cheia, sacos de arroz e mantimentos na sala, amontoados, eram prova cabal de homem trabalhador.

Como homem desse tempo, meu pai gostava de despensa cheia. Fatura.

Serviço mais duro, segundo ele, era a derrubada da mata, a força na derrubada, a machado, de grandes árvores e arbustos. Depois, esperava secar, queimava a lenha e arrancava os tocos ou plantava entre eles; destocava na enxada, na foice e no machado. Na matemática da roça, uma quarta de chão era cinquenta braças; uma braça era dez palmos; um alqueire era cem braças.

As roças para o sustento eram divididas dentro do chão. Um pedaço para o arroz, para o milho junto com o feijão, para a mandioca, para as hortaliças, em meio a esses, a

melancia, a abóbora, o quiabo, o jiló; tudo esquadrinhado, às vezes separado por talhões de milho, que serviam como cerca natural. Era bonita uma cerca verde de milho separando roças. Bandeiras verdes que desfraldavam alegres nas manhãs de dezembro.

Muitas vezes a terra era preparada nos arados rústicos, chamados “cultivador”, “carpideira”, “tombador”; de madeira e base de ferro; pesados e complicados; puxados por bois e cavalos. Era serviço das crianças puxar os animais para que eles não desviassem da “rua” da plantação. iam elas na frente, puxando as rédeas ou montados sobre os mesmos. Às vezes, o cavalo, o boi ou o burro dava um safanão para se coçar e jogava longe a criança, dada a sua força. Eu mesmo, levei cada tombo!

Esses arados serviam tanto para abrir as valas para plantar, assim como para limpar a roça, jogar terra no pé da planta e arrancar as pragas. No varandado da carroça ficavam guardados esses arados, geralmente caros, untados a óleo e bem cuidados. Ter um desses era investimento.

Uma inovação interessante foi a matraca. Surgida na década de 1950 foi uma revolução no plantio dos pequenos agricultores. Era uma engenhoca engraçada, que consistia numa parte onde se colocava semente e adubo, duas partes para adaptar as mãos e o dispositivo que permitia abrir e fechar. Adorava burlar a vigilância e brincar com ela para ouvir o barulho.

Tinha ciência para o uso da matraca, pois se batesse a mesma no chão com o bocal aberto, enchia de terra. Era preciso coordenação motora em bater no chão com o bocal fechado, abrir o dispositivo com a semente e o adubo para cair na cova e, com os pés, ir tapando a cova. Era uma ginástica! Trac-trac-trac-trac-trac ia numa rapidez incrível. Era até engraçado, indo de banda e puxando a perna, parecia que tinha dado um acesso, parecia gente estuporada! Surgiu a profissão de matraqueiro, que, o dia inteiro, pegava empreito de plantar roça!

Assim, no dizer de meu pai, coisas de raiz, debaixo da terra, devem ser plantadas na lua minguante, senão ficam aguadas e apodrecem antes do amadurecer. Coisas que frutificam por sobre a terra, precisam ser plantadas na força da lua nova, para ganharem viço e robustez, e, o milho, diferentemente, sempre na lua cheia; senão as espigas ficam falhadas, banguelinhas, apenas no sabugo, iguais aquelas que, quando tiramos as palhas, só têm cabelo! Os meses certos para o plantio são outubro e novembro, nas luas desses meses, na força das primeiras chuvas e, as coisas de raiz, devem ser plantadas na minguante de outubro, que é a ideal.

Outubro é o mês da planta, com trovões surdos e profundos *blururum blururum*, ecoando longe, detrás dos morros verdejantes, do revoó de saúva e da correição de formiga, anúncios emblemáticos de chuva.

Na força da lua cheia de outubro o milho deve ser plantado, no preparo da terra com o arado ou na roça destocada. Também, as covas abertas na enxada, precisam receber de quatro a cinco grãos sadios, curtidos na cinza e no fumo, defensivos naturais. A distância entre as covas é sempre de cinco palmos e de sete palmos entre as ruas da plantação para, depois, haver espaço para plantar o feijão. Assim que nasce, junto com as pragas, deve-se fazer uma limpa, quando cresce, daí um mês e meio, outra limpa. Quando as folhas do milho cobrem a rua, a própria sombra aniquila a praga.

O prazo para a pamonha é 90 dias, três meses e a roça do milho, querendo Deus e a chuva ajudando, emboneca e perfuma o ambiente. Bonequinhas de todo jeito, de cabelos amarelos, vermelhos, pintados. Pamonha é símbolo de reunião, conagraçamento, fartura, alegria; tachadas cheirosas perfumando as velhas casas. Junto à pamonha vinha o milho refogado, o cural, o bolinho de milho com queijo, o angu, depois a canjica e a farinha de milho. Milho é purissignificativo e vai de encontro ao ditado do meu pai: “Quem planta mio, cria os fio”.

Pamonhada, no estudo gramatical, deveria ser substantivo coletivo de goiano!

A casa transformava-se numa confusão de gente descascando milho, tirando os cabelos, ralando, temperando, amarrando pamonha; fazendo cural, bolinho de milho, em meio a conversas, risos e muita alegria; muita trabalhadeira, canseira de dia inteiro, mas o que valia a pena era todos juntos, trabalhando e comendo.

Para o milho seco, alimento da criação, o prazo é 120 dias, querendo Deus. Passado o tempo da pamonhada, já se plantava, na mingunte de janeiro, entre as ruas, o feijão carioca, roxinho, amarelo, preto e um graúdo, amarelão, alcunhado, entre risos, de “rebenta botão” e se colhia no começo da seca, no mês de abril, também na mingunte. Milho seco ia para o paiol e para a boca e bicos gulosos dos porcos, vacas e os bicos salientes das galinhas, patos e cocás.

Do milho seco separava-se em atilhos, medida de quatro espigas. Quarenta atilhos davam um balaio cheio de milho e quarenta jacás era a medida de um “carro de milho”. Na negociação daqueles tempos, vendia-se um “carro de milho”, bem lembrado, carro de boi. Para fazer a farinha de milho era outro trabalho pesado e cansativo, na lavagem, curtição (em

cochos de pau, geralmente tamboril), ou gamelas, separação, socagem e quebra do milho, peneirar a quirera e depois torrar em fornos de pedra ou de ferro, extremamente aquecidos.

Até para os usos medicinais o milho era utilizado. O chá de cabelo de milho era remédio para infecção de bexiga e para soltar a urina. Era beber e mijar! Além, é claro, do uso da palha do milho para os famosos cigarrinhos, cujo manuseio e preparo era uma verdadeira ciência, assim como palha de milho amarradas nas canelas para a cura da cãimbra.

Na variação do milho, sempre havia o de pipoca, para a alegria da meninada. Pequeno, miúdo; era plantado, colhido e depois guardado na espiga, para só ser debulhado na hora de arrebentar a pipoca; geralmente à noite, no sossego da casa.

O milho já seco era quebrado, onde, por ele, enramava o feijão, que, depois de arrancado, era colocado sobre um pano grosso de algodão, tecido em casa, bem mais tarde a lona, no terreiro varrido da casa. Esse pano grande de algodão era feito pelas mulheres, assim como toda a roupa de cama, mesa e banho. Cobriam o pelado dos filhos e do marido. Aqueciam no frio, com as belas cobertas de estilos variados.

Assim, aos poucos, os montes de rama de feijão iam crescendo. No sol forte de abril, as ramas secavam e vinha o trabalho das varas, batendo com força e ritmo sobre os ramos secos. Batia, tirava e sacudia os ramos. O feijão bonito e sadio ia aparecendo. Depois de tudo tirado, deixava o feijão já apenas em grão, dormir no sereno da noite junto com a munha e, de madrugada, era recolhido para não secar o sereno. Essa “água que a lua jogou no feijão” garantia sua qualidade ao ser guardado na tuia, com munha e tudo, bem socado, bem prensado, para não carunchar.

Toda noite, depois de peneirado e catado, geralmente, o feijão cozinhava num caldeirão de ferro no boralho da fomalha. No outro dia cedo, cozido sem pressa, o caldo grosso, muitas vezes, servia de desjejum a quem ia para a roça mais distante, comido “pagão” ou com farinha.

Há uma particularidade na rama do feijão que cresce com as folhinhas para cima, juntinhas, mirando o céu. No ditado corrente na roça, é o feijão, de mãozinhas postas, pedindo a Deus perdão, clemência, sentidas desculpas por criar nesse mundo tanta gente imprestável!

As tuias ficavam na despensa da casa e consistia num caixote de madeira ou taboca, feito para acondicionar o arroz e o feijão e outros alimentos, longe da perseguição de bichos e roedores. Geralmente, elas ficam acima do nível do chão “para não pegar friagem da terra”, ao se evitar o mofo também. O cômodo ficava a uma distância próxima da fomalha,

cujo calor sempre constante, não deixava vingar os fungos, cuja fumaça esterilizava os miasmas possíveis presentes na casa. Não há bactéria que resista a uma fumaça catiguda!

Na lua nova de outubro também se plantava o arroz, ouro amarelo nos cachos, depois branco nas nossas mesas. Arroz é comida universal do goiano. Terra preparada adrede, destocada e arada na força dos animais, eram abertas as covas na enxada. Para este, jogava-se dez grãos, também curtidos na cinza e no fumo; geralmente no equilíbrio doméstico, era trabalho das crianças taparem as covas, fazendo valer o ditado: “serviço de menino é pouco, quem não aproveita é louco”.

O arroz demorava cinco meses para granar. Final de fevereiro, começo de março era a colheita. Carregava-se o pano de algodão grosso para perto da roça, por sobre ele colocava-se uma banca rústica de pau lavrado, cortava-se o arroz no cutelo e ia trazendo para o pano, batendo na banca os fardos de arroz, jogando fora o ramo, deixando cair o ouro amarelo sobre o pano. Serviço ingrato; dava muita dor nas costas abaixar, bater os ramos; isso continuamente; o que ocorria sob um sol abrasador.

Para que academia de ginástica se o povo se contorcia como um parafuso para fazer o trabalho? Suava feito tirador de espírito, como tampa de panela? Sabiam lá eles o que era colesterol? Felizes os que não conheciam o que eram calorias, triglicérides e outras parafernálias! Morria-se “de repente” e pronto!

Carregava-se para o quintal esse arroz colhido no dia e era estendido no pano do terreiro para secar. Eram dias e dias de secagem, passando o arroz para lá e para cá, com um rodo de madeira, até ficar bem seco. Ensacado, era colocado na despensa para ir sendo usado; socando-o todo dia no pilão ou no monjolo para o uso no almoço e na janta. Na falta do monjolo, o mesmo era pilado, geralmente por mulheres ou crianças, sendo considerado “serviço a toa” pelos homens, na hierarquia das funções.

Quando se queria fazer o bolo de fubá de arroz, socava-se mais e peneirava para adquirir o ingrediente do bolo secular, apreciado principalmente na antiga capital goiana.

Sobre esse bolo, tradicional em nossa família desde os tempos de Bela Vista, há toda uma história de sentimento e de dedicação. Meu pai conta-nos que sua mãe já preparava esse bolo toda semana na sua fazenda e que era de grande agrado de meu avô. Era meu pai, ainda menino, que pilava, a contragosto, o arroz, para, depois, ser coado várias vezes até virar um fubá.

Havia grande ciência na preparação do bolo. Feito o fubá, também em outros tempos, minha mãe separava os ingredientes, preparava adrede um pote de leite que se

transformara em coalhada e que já estava bastante azeda, para dar o gostinho especial. Separava gamelas, colheres de pau, pois não gostava de coisas de alumínio para o preparo, pois “desandava” no seu parecer e mudava o gosto peculiar do bolo.

Aliás, era muito de seu gosto as tralhas de cozinha antiga como potes, gamelas, cuias, cuités, colheres de pau, tachos de cobre, vasilhames de folha de flandres e muitas panelas de ferro de todos os tamanhos, como caldeirões, caçarolas de duas alças, caçarolas de cabo, panelas de três pezinhos, chaleiras, bules esmaltados e até uns panelões horríveis, que cabiam meninos dentro, para fazer sabão.

Assado bem cedinho, o cheiro desse bolo de arroz impregnava toda a casa de um suave aroma, ainda mais quentinho e com um peculiar gostinho de azedo, é coisa que em outras plagas não se encontra. Tem gosto de família, de paz, de união, tem gosto de Goiás.

Quando se inventou as máquinas de beneficiar, que alívio! Eram verdadeiros monstros esquisitos, numa barulheira danada, mas que tirava o arroz limpinho lá no final. As mãos calosas agradeceram.

Na mingunte de outubro também, num talhão de terra separada se plantava a mandioca. Os toletinhos picados, de ramas antigas, eram colocados num balaio e pulverizados com fumo. Havia espécies diferentes de mandioca: a cacau, a pão, a amarela, a vassourinha.

Plantadas em covas de cinco palmos de distância, levavam geralmente seis meses para estarem prontas para cozinhar e um ano para polvilho e farinha. Para esses, separava-se um tanto que era colhida de uma só vez, utilizada rapidamente para não azular.

Havia a casa da farinha, com fornalhas e tachas próprias ao trabalho, assim como a prensa para o polvilho, em maquinário bem obsoleto, além da pedra-mó para fazer o fubá de milho ou de arroz, para o delicioso e tradicional bolo.

Fora a mandioca que se arrancava quando queria fazer um quibebe, uma mandioca ferventada para comer com costelinha de porco bem fritinha ou com melado, a frita bem sequinha, havia, portanto, aquela da labuta da farinha e do polvilho. Colhida, jogada aos montes na casa da farinha, trazida de carroça ou carro de boi da roça, era descascada na faca, lavada na bica d’água e ralada no ralo, na força dos braços, geralmente femininos.

Feito esse processo, separava-se o que seria aproveitado para o polvilho, que era colocado num pano e lavado e o que seria farinha, que era separado, coado na peneira para ser torrado nas tachas muito quentes. Da farinha se fazia a fina ou a de beiju, de cheiro inigualável.

O polvilho era serviço para muitos dias, lavando, torcendo, secando, prensando a massa, bem branquinha nos panos, ao sol. Por cerca de uma semana esse serviço era feito na labuta das mulheres. Depois, em latas muito areadas com areia, o polvilho era guardado para ser usado o ano inteiro, em dias de quitanda e comilança, paraíso da meninada esgabilada.

As coisas de “mistura” também havia ciência no plantio. A batata doce era plantada em rama, na mingunte, pelo fruto ser de dentro da terra. Em um monchão de terra, preparada anteriormente, geralmente na lateral de outras plantações, plantava-se muitas ramas. 90 dias era o prazo para já poder arrancar batatas roxa ou branca, na utilização na mesa, geralmente assada a noite, causa de muita flatulência familiar. Geralmente, era arrancada, secava um dia ao sol, não se lavava, guardava suja de terra para garantir a duração e era guardada no paiol em meio ao meio do milho. Cozida no arroz essa batata doce era uma delícia.

A rama e as folhas da batata eram usadas como medicamento. Eram fervidas as folhas e punha um pouco de sal. Consistia em remédio infalível para males da garganta e infecções da boca e gengiva, os dentes podres do povo da roça, com gargarejos pela manhã. Nas “locas e panelas” dos dentes também se colocava a picumã da fornalha. Roia o dente, o osso e até a cara, se deixasse, mas aliviava a dor.

A abóbora era geralmente plantada no meio da roça de milho, esparramando-se em ramas. Era muito utilizada a cabutiá, a goianinha, a moranga e a de pescocinho. Colhida junto com o milho, quando madura, suja de terra, era também guardada no paiol. Não podia ser lavada.

Usava-se muito dar abóbora ferventada com sal para os porcos. Limpava a “rêma das tripas”, como se falava. Comia-se, também, a abobrinha verde, batidinha com ovo e farinha de milho; assim como a cambuquira, o broto recolhido e feito um refogado com tempero, comida de tempos de pobreza e economia doméstica. Quando madura era aproveitada em doces, aqueles de pedaços, curtidos na cal, depois cozidos com açúcar, ficando sequinhos por fora e molhadinhos por dentro. Deliciosos.

A semente da abóbora era usada como infalível vermífugo, tirando as lombrigas da meninada. Seca ao sol; era torrada e dada em doses cavalares. Às vezes, se fazia uma rapadurinha de açúcar mascavo e semente de abóbora. Lombrigas pulavam longe, saindo até pelo nariz!

O maxixe era outra variedade plantada na roça, esparramada entre as ruas de milho. Era um frutinho feio e estrepento. Também, era colhido e feito num molhinho bem

temperado. Considerado comida de pobre, de gente sem eira nem beira. Hoje, se utiliza como salada, picadinho cru, como pepino; já é comida fina. Ele, feioso e estrepento, subiu no conceito gastronômico.

O quiabo e o jiló eram plantados ou num canto da roça, na beira do arame ou no quintal, junto da horta. Eram quatro sementinhas na cova, com prazo de dois meses para a colheita. Colhiam-se os mesmos ainda tenros e novinhos, comidos frescos, picadinhos e feitos ao molho para se saborear com o frango e angu. Comia-se muito o tomatinho de tapera, a variedade maior (e hoje muito envenenada) ainda não era tão utilizada no campo.

O amendoim era outra variante das plantações, segundo meu pai. Plantado em covas próximas, três carocinhos. Faz-se um moncão para plantá-lo. O tempo para a colheita é de três meses. Passados estes, arranca-se, faz um varal, tipo de roupa, estende os pés de amendoim com os frutos para cima, para secarem, depois despenca e guarda nos sacos para fazer paçoca ou usar na canjicada com leite e açúcar. O milho da canjica era socado no pilão da cozinha, no toc-toc incessante e cheiroso.

E assim, na sabedoria de meu pai, com seu diploma de doutor em natureza, meus olhos se extasiavam na contemplação sensível do mundo da roça: as réstias de alho penduradas, tachos de cobre sob o fogão, prateleiras forradas com paninhos bordados de ponto e cruz, recheadas de panelinhas de ferro de todos os tamanhos; a mesa grande da cozinha com suas gavetas, os pratos esmaltados, pintados com florzinhas azuis, o ralo de milho e de queijo, a tábua por sobre a fornalha com queijos e linguiças defumando, as latas com carne de porco, fritinha, lata de gordura; o quarto de banho com sua bacia grandona, as buchas vegetais, colhidas no pé junto a cerca, tipo “arranca macuco”; os bancos da sala, o rádio sobre a mesa; os quartos com camas de arame, colchões de capim, o assoalho de tijolos, sempre lavado; o lampião para o escuro da noite, as flores antigas do quintal, os passarinhos nas porteiras e nos arames da cerca, o mugido saudoso dos bezerros apartados, as cigarras na mata ao fim da tarde., o toc toc do pilãozinho de socar tempero, com sal, coentro, pimentinha cumari, anunciando a comida a ser feita; as penquinhas de jurubeba no cantinho da panela de arroz; o estaleiro de chuchu com os seus frutinhas pendurados, verdinhos.

Onde ficou tudo isso, o calor desse chão de Goiás?

Ficou no meu pai como síntese de tudo. O símbolo de terra, hoje, para mim continua sendo o meu pai. Proseador, alegre, conversado, mas na medida certa. Feliz na sua simplicidade, pouco espera da vida, no muito pouco que, de fato, ela nos oferece. Paciente, voz mansa e de temperança, meu pai criou filhos, criou sobrinhos, fez forno de barro e

fornalha de sabão, fez casinha de lenha, acendendo a chama sempre viva de seu ideal de servir e amar.

Pai amoroso, pai amigo, pai presente; arreventou pipoca à noite, batendo a tampa da panela, dançando; assou mandioca e batata, fez pé de moleque e rapadura como ninguém. Nas noites caladas da roça, suas histórias de assombração eram o meu terror de criança. Cansado da lida do dia, ainda nos levava à privada no terreiro da roça com toda paciência quando sempre minha mãe, entre resmungos, se recusava.

Hoje, meu pai adoça seu tempo com as garapas dos sonhos nas engenhocas da vida. Colhe frutos de um já longo plantio. Já idoso ama a terra, ama o trabalho, ama servir, mistura-se ao chão, quando colhe couves e alfaces e seus remédios de horta. Enfrentou várias enfermidades, pisou o solo ardente da dor e, muitas vezes, esteve perto do fim, mas Deus queria muito mais dele ainda entre nós. Sua fé e resignação o salvaram.

Meu pai. Nosso pai. Elo poderoso de nossa corrente. As pequeninas flores das vassourinhas onde ele caminhou, são, hoje, um belo tapete aveludado, onde repousa os seus pés cansados da luta. Meu pai tem, agora, uma velhice tranquila e calma, iluminada pelo seu trabalho; suas danças, seus forrós, seu grupo de amigos do truço, suas visitas, suas bicicletas; suas missas, andores, novenas, os programas de rádio e de TV. Meu pai simples assim, é um doutor, com as suas pequeninas virtudes; é quem, de fato, conhece a plenitude.

No fundo do meu coração, acho que meu pai é síntese de tudo. Presença viva, ele é a terra que sustenta meus incertos passos na aridez desse mundo. Ele me mostra que não me livro do passado e levo sempre comigo o Lugar.

Ele, com seus saberes e suas crenças, seus mundos e seus sertões, mostrou-me o *Liso do Sussuarão* e a *Pasárgada* com que todos sonham nos livros da vida. Meu pai me ensinou muitas geografias de mundos reais e de mundos imaginários, tecidas sob a égide do chão. Na cartografia do seu ser, há tantos caminhos, paisagens e lugares de indeléveis belezas.

No inventário dessas cinzas do Cerrado ainda encontro um broto verde de poética presença, que se resume na simples existência, firme e altaneira, de meu pai! O que aprendi nas escolas e faculdades foram apenas sequência. Meu pai me ensinou o chão, me mostrou o definitivo, que nenhum livro é capaz de elucidar e que apenas a terra frutifica e dá sentido. Daí meu amor pelo Cerrado, que, na essência é meu pai.

E até esse meu lar; o lar dos meus pais, também agora apenas cinzas! Por isso esse inventário, que busca o morto em mim, apagado em mim, do que fui, também!

Eu te amo, meu pai!

## Introdução

Desceu um céu de cinza sobre o Cerrado aquecido  
Terra quente de um tempo esquecido.  
Silêncio de um mundo  
Profundo.  
Coivaras queimando  
Ardendo  
Cedendo ao ímpeto milenar  
Como se a terra  
Fosse  
Então,  
Um pulsante coração  
No fundo do sertão...

**Nice Monteiro Daher**

As cinzas têm um profundo significado na história. E nessa Tese também. Elas vêm destacar que, do Cerrado, tem sobrado apenas cinzas e, também, de cinzas tem sido feita a Literatura, esquecida num ostracismo, ao certo, irremediável.

Cinzas pelo chão goiano. Cinzas no imaginário esquecido das páginas abandonadas dos livros, permutados pelo brilho enganoso dos aparelhos eletrônicos.

As cinzas simbolizam, liturgicamente, a redenção, a consumação, o fim, a dor, o suplício, a morte, a penitência. Aparecem com frequência no Velho Testamento e as mesmas são emblemáticas nos Livros de Jó, Êxodo, Ester, Daniel; em todos eles, o significado de arrependimento aparece enfeitado como lema.

Ao inventariarmos as cinzas do Cerrado e da Literatura sobre o mesmo, nos penitenciamos diante da história, pela incúria dos homens no trato com o meio; na relação com a natureza e no desprezo com as letras acerca desse próprio meio. Cerrado e Literatura aparentemente mortos, remidos, esquecidos, largados na imensidão do chão da vida.

Tudo jaz na cinza e no quase total esquecimento; já que nem mesmo o Cerrado foi poupado, assim como esquecidas foram e são, hoje, as letras poéticas e belas, a evocarem esse Bioma-território tão perfeito e tão assolado pela ganância exacerbada entre nós.

Cerrado e Literatura, apenas cinza, que, agora assopradas, podem reavivar algumas brasas ainda rutilantes.!

O Cerrado suportou surgir em seu seio as três capitais: Goiânia, Brasília e Palmas. Conseguiu doar-se como chão de novos tempos; embora perdendo muito de si, pelo incauta relação dos homens do tempo de hoje, que só buscam os teres e os haveres. Nem mesmo as

sombras, desenhadas no chão vermelho, nem o florido destacado dos ipês vaidosos na secura de agosto, comovem os seres desse tempo de agora. A maioria dos homens insesível, tecnicista, mergulhado e curvado sobre aparelhos eletrônicos cada vez menores. Perdido num exatidão de pressa e laconismo.

Perdidos centenas de quilômetros de Cerrado, aos poucos a se transformar nos verdes insólitos da soja e da cana, esmaecendo e desfigurando um tempo e um meio de “atraso” e “abandono”.

Ao barulho das máquinas, fogem jaós assustados e seriemas cantantes. Ao calor das chamas, tatus e curicacas se afastam para um lugar que não existe. Aparentemente não há mais um lugar para nada, pois tudo já está sendo utilizado. Os ermos e ocos de mundo, desapareceram com o negrume do asfalto. As distâncias encurtaram com as estradas e com o asfalto.

E mesmo assim, há cantos poéticos e em prosa sobre esse Cerrado quase que totalmente destruído. Mas, são páginas perdidas, também, no abandono, amareladas em esquecidas antologias no silêncio sepulcral das estantes.

Cinzas apenas. Com brasas a serem avivadas, assopradas.

O desejo é que, ao assoprar essas cinzas, ainda restem brasas rutilantes sob as mesmas e que sirvam para acender a chama de cuidado pelo meio e pela arte escrita sobre o meio; ao menos uma lembrança que não se transforme em fumaça volátil, nas esquecidas páginas antológicas do porvir. Talvez nem páginas hajam, com os *e-books* e livros virtuais.

E, assim, venha sobre nós a redenção, a mesma que Cristo nos trouxe, a evocar as cinzas do arrependimento que nos exorta em Mateus de estarmos “arrependidos sob o cilício e as cinzas (11:21) e, renovados, saibamos abrir novos caminhos. Caminhos dos tempos da quaresma, que se abre na quarta feira de cinzas, desde o Sacramental Gregoriano, no século VII, início do arrependimento.

Que o homem goiano se arrependa de ter se divorciado do Cerrado, exilando-se dele, negando-o como propiciador de vivências e elo da sobrevivência cada vez mais afetada. E em cinzas tudo se transforma pouco a pouco.

Simbologias tantas, de um tempo que jamais retorna. Avançou-se tanto e tão rápido que muito se perdeu no eterno labirinto do nada. Onde os rastros da caminhada?

Essas simbologias oriundas da religião, embora não sejam escopo do trabalho, consubstanciam os profundos significados que se pretende conceber a esse trabalho, a começar pelo título: Inventário de cinzas, a que se reduziram a maior parte do Cerrado e a

Literatura feita em Goiás; ambos relegados a um provável fim, dado o descuido e mudança de postura das gerações hodiernas, presas aos liames do mundo cibernético.

Onde as geografias do Cerrado? Só nas páginas amareladas de velhas edições de Afonso Arinos, Pedro Gomes e Hugo de Carvalho Ramos, como exemplo, de esquecidos e sepultados autores, pouco vistos pela geração de agora, marcada irremediavelmente pela pressa e pelo imediatismo das coisas. Uma geração sem a contemplação. Nulos na contemplação literária, geográfica ou filosófica. Vivos num presente massacrante e imperioso no consumo.

Quando se pensar agora, num poema ou num pau terra? Onde espaço para eles nesse mundo regido por um cem número de novidades tecnológicas?

Dessa forma, abre-se a perspectiva de análise na poética desse Cerrado goiano, tão preche de inspirações e de poesias, esquecidas no emaranhado dos tempos.

A consciência do Lugar, tão modificada pelo exagero e pelo excesso de exposição em infinitas redes; todos presos; vivendo até mesmo os novos linguajares estrangeiros na rotina de fotografias, recados, notícias e um cem número de oportunidades de se perder num vagar difuso, sem consciência de si mesmo e das coisas pequeninas que fazem o universo e, de fato, a verdadeira felicidade.

A Geografia, com sua visão tão ampla, descortina-nos horizontes outros nessa dimensão absurda a que chegamos, infelizmente.

Assim, Geografia nos descortina a visão de pátria, não aquela que se nasce; que se tem por berço, mas aquela que se propõe a conhecer, respeitar e amar. Esse é o lema nativista dessa importante ciência. Geografia que estuda o chão; estuda o Brasil, pois este mesmo chão, preche de significados, livre da dualidade litoral/interior é a própria nação.

A natureza específica de tais elementos confere, na verdade, a uma dada região ou área, um conjunto de aspectos que podem condicionar em grande parte traços decisivos de sua experiência, dos modos de vida, das ações sociais, no caso específico, o viver goiano.

Na verdade, as características de clima, de acidentes geográficos, de relevo, de altitude ou latitude, de continentalidade ou aproximação marítima; de solo ou de subsolo; de riquezas ou limitações; de regimes de águas; de precipitações pluviométricas; de potencial hidroelétrico; de recursos minerais, de fauna e de flora, sua natureza, distribuição, inter-relação e equilíbrio, tudo isso é sem dúvida elemento da maior valia no estudo das sociedades. Escopo da Geografia como ciência válida e importante aos dias de hoje.

A peculiaridade de tais elementos chega até a traçar limites ou mesmo impor diretrizes, em determinadas condições, a certos aspectos da vida social.

Uma reflexão elementar todavia se impõe: não há uma Geografia determinista, representada por características climáticas, de solo, subsolo, relevo ou quaisquer outras; das quais se possa partir para a análise das sociedades humanas.

Ver pela Geografia a Literatura do e no Cerrado, na análise da produção de variados autores, numa visão pelos estilos, na lógica da cronologia. Assim se constitui a linha desse trabalho.

Junto com a linguagem está a Geografia. A Geografia dos deslocamentos, das saídas, das chegadas, adeuses, exílios, nostalgias e saudades, de algum lugar do mundo onde estamos; está nesse lugar o nosso coração. No cerne as lembranças de todo ser humano há um lugar. Um lugar que se ama e se dedica, na linguagem do coração.

No lugar nos identificamos e lançamos nossas raízes. Há lugares na vida e vida nos lugares!

O Cerrado para os goianos, é uma referência! No Cerrado se constituiu Goiás! Nele, com certeza, há uma presentificação da memória, próxima, distante, recuada ou perdida, mas, sempre uma lembrança. Daí a sua importância, seu valor, seu enraizamento.

Goiás possui esse enraizamento nos caminhos do saber geográfico, como uma história lírica e telúrica. Goiás está dentro do mundo profundo do Cerrado. Um Cerrado de raízes imemoriais.

É imperioso e necessário que haja uma Geografia que singularize a essência humana; que observe a sutileza, a capacidade de criação do homem e sua interação com o meio, em nosso caso específico, o Cerrado. Há elos contínuos, visíveis e invisíveis. Assim, somos cômicos de que existe uma arquitetura universal que tudo rege e tudo constrói. Tudo que existe, estabelece conexões. No Cerrado, há muitas conexões e elos indissolúveis entre bichos e plantas e, no passado, com o homem integrado a esse meio.

Dessa forma se nos apresenta o Bioma-território Cerrado, que ocupava 25% da área nacional e se constitui em uma das mais ricas biodiversidades do planeta. Já teve 2,2 milhões de quilômetros quadrados e esteve presente em cerca de oito estados brasileiros; sendo considerado o berço das águas. E o que resta dele? Pouco, muito pouco, premido que foi pela especulação econômica que assolou o interior do Brasil nos últimos 50 anos.

O Cerrado abriga nascentes das três principais Bacias Hidrográficas brasileiras: Prata, São Francisco e Amazônica, constituindo-se, também, como um dos biomas-territórios

mais avançados do planeta. Nos últimos sessenta anos; em razão da dinâmica econômica, foi praticamente destruído por desmatamento desordenado, destruição de nascentes, poluição de águas, assoreamento do leito dos rios, aumento da produção de lixo e empobrecimento do solo.

O Cerrado foi o segundo maior ecossistema em extensão, ao abrigar a terça parte da biodiversidade nacional. Ele foi assolado por múltiplas agressões e impactos ambientais de toda ordem, resultantes de práticas/pragmáticas utilitaristas de indivíduos, grupos e empresas multinacionais e nacionais que detém o capital financeiro., como tão bem estuda o geógrafo Manoel Calaça em suas disciplinas no IESA.

Este Bioma-território possui características botânicas, morfológicas e mecanismos fisiológicos próprios, diferentes dos demais biomas-territórios em nível nacional. Ele é visto, hoje, como emblema da resistência, como persistência, movida pela globalização e o Capitalismo exacerbado.

Ocorre a imposição de mosaicos gerados pela fragmentação e pela rede de articulações e aceleração do processo de remodelação das regiões. Há uma rapidez que foi maléfica ao processo de compreensão das transformações e uma superficialidade nas relações. O mundo, de fato, mudou. Mudou o mundo do Cerrado, também. Goiás, em seu bojo, sofreu significativas mudanças no século XX.

Para a Geografia existe um existir e nesse, o uso pleno do meio. E como o Cerrado foi usado? E o que restou do mesmo?

Nesse **Inventário das cinzas: Brasas dormentes da produção literária sobre o Cerrado em Goiás** pretende-se discutir e avaliar, pela ótica da Geografia, como o ideário de Cerrado, ao longo de sua destruição na esteira do tempo, foi descrito pela Literatura feita em Goiás, por meio de livros, jornais e revistas, dos primórdios até os dias atuais, numa divisão por estilos e uma cronologia por surgimento dos autores, ao buscar assoprar as cinzas e encontrar brasas dormentes, que poderão ser reavivadas pelo significado e pela beleza artística da palavra em prol do Bioma-território, que vai aos poucos se extinguindo.

Nessa Tese basca-se, por meio das obras, com seus respectivos autores, separados por gêneros diferentes, estudar o ideário de Cerrado, derramado em diferentes concepções. O fio condutor, gerador da pesquisa, foi no regionalismo literário goiano, no destaque dos autores num tempo cronológico de surgimento. Todos os estes, independente de seus estilos próprios, foram separados e classificados, no âmbito de cada gênero, ao destacar liricamente os aspectos referentes ao Cerrado.

Ao que parece, talvez, um dia, pela onda destruidora do hoje, o Cerrado só exista mesmo em amareladas páginas antológicas de antigos livros em que autores mostraram um mundo ignoto e desconhecido às gerações do porvir.

Dessa forma, a Geografia identifica os valores do desenvolvimento. Desenvolvimento esse, que passa a ser algo questionável a partir de um novo olhar. Há estudos de culturas e subjetividades na Geografia, ao se abrir canais temáticos com outras linguagens e outras ciências e nesse caso específico, o ontológico, com o inventário.

O inventário é, pois, na concepção de Klein (2013), um texto que atravessa o literário, na busca em revelar várias potencialidades estéticas até então ocultas à visão imediatista.

Também, na raiz etmológica da palavra Inventário, chega-se ao Latim, que evoca o procurar, o buscar, o descobrir, até o ordenamento bem descritivo que lhe confere o caráter jurídico de abarcar o máximo de um tema.

Inventaria-se o que está morto. O sentido de morte nesse âmbito extrapola o limite do físico. Uma morte ideológica ou de significado; “morte” gerada pelo descaso com o Cerrado e o ostracismo em que esteve relegada a Literatura.

Nessa concepção, “morto” o cerrado e em agonia contínua a Literatura sobre o mesmo. Ambos são cinzas que, reviradas, assopradas, configuramo sentido para o título da presente Tese. Alguns autores vivos fisicamente, na concepção das cinzas também estão “mortos” ao olhar dos leitores, pois pouca importância se confere ao fazer literário no mundo moderno. Morreram em seu sentido e significado esses autores; o que se possibilita um inventário dos mesmos.

Uma Geografia que, no caso específico brasileiro, desde o século XIX, assistiu à construção do ideário de nação, uma Nação/Império de forma uma, embora grande parte do território brasileiro fosse completamente desconhecida, conforme asseverou Garcia (2010).

A Geografia vive a descobrir o sujeito. Há uma paixão pelo sujeito. Nessa paixão, descoberta de atitudes e valores que modificaram o meio, o espaço, o cenário de atuação da própria história. É a descoberta do homem do Cerrado. Onde ele se perdeu? É possível crer numa perdição vindo do distanciamento do telúrico, do natural; daí o Inventário ainda de um homem que também já “morreu”. “Morreu” também o próprio sujeito cerradeiro, o legítimo homem do Cerrado, afeito à natureza, permutado por um outro homem que reside na terra do Cerrado, assolado pelo tecnicismo do mundo moderno.

A Geografia de Goiás ao estudar o ser goiano precisa desvendar o Cerrado, encerrado nas páginas dos velhos livros, para que sua paisagem pretérita se descortine. Urge que se estabeleça a Literatura acerca do Cerrado, para que o mesmo possa ocupar a posição no mundo intelectual paralela a outros biomas-territórios, dada a riqueza de escritos sobre o mesmo. Garcia (2010) preconiza sobre as múltiplas visões de Goiás gerou o que se chamou de “duplo lugar” e que inseriu uma polifonia sobre o espaço goiano ao longo dos séculos.

No solo adusto, solitárias e vistosas, singelas flores abrem-se suavíssimas ao mistério da vida, entre o verde escuro das folhas. Em torno, pelo Cerrado, a liberdade dos cervos, das aves, colibris, lobos-guará, tatus, corujas, seriemas, cobras. Tudo é vário.

Assim, entre as ideias, os seres, o espaço; entre a palavra e a coisa, é possível a razão natural e a razão mágica, o símbolo, o milagre, os reflexos da vida, reunião de diferentes, num território comum. Não se pode mensurar onde tudo isso foi buscar eco.

É difícil não se apaixonar pelo Cerrado e poetizá-lo, mesmo nas flores singelas que brotam das cinzas pós-queimada. Grandes tratores ocupam os *habitats* dos animais; arados rasgando a terra e transformando o horizonte num deserto avermelhado, pois o centro do Brasil, nas últimas décadas, se transformou em celeiro, fonte de grãos, terra produtiva, como estuda Barreira (1997).

Lição maior dará o Cerrado; mesmo no ideário das páginas amarelas, em sua vária unidade; inspiração como solitário exercício de inventariar, garimpar para o coletivo. Alquimia do Cerrado, alquimia do verbo, encontram-se as árvores grosseiras e cascudas, numa proposta de um novo emblema para Goiás, o seu profundo sentido de convergência. Goiás que no âmbito do Cerrado precisa enxergar o Cerrado, não como renda, mas como emblema, sobrevivência.

Há um desvelo ideológico no trato com o Cerrado, numa consciência sobre o real, com toques sutis de sensibilidade. É necessário constituir um método de leitura múltipla do Cerrado; criar uma “alma terrosa” em relação aos elementos cognitivos sobre esse bioma-território. E esses elementos só podem vir de uma consciência lírica e literária sobre a visão de mundo pelo viés da sensibilidade de quem, com alma de artista, manipula a palavra.

É preciso ver a rica cultura, saberes, valores e sensibilidades do povo do Cerrado; ouvir uma sinfonia nascente nos brejos; que se harmoniza nas páginas eternas da Literatura em todos os tempos desse Goiás; esta é a razão preponderante dessa Pesquisa.

E, por se tratar de um Inventário, é possível se perceber, segundo Klein (2013), que tudo se recupera por meio dos detalhes, da coleção de eventos ou escritos na esteira do

tempo. Tudo possui a sua dinâmica, a sua abordagem e a sua classificação. E nada se perde. Inventaria-se o mínimo.

Também, pela extensão do presente Inventário, e para facilitar a sua consulta, os capítulos seguem a divisão por gênero literário e autores com suas respectivas obras, vão seguindo cronologicamente, ao passo que suas produções vão sendo analisadas à luz da Literatura e a representatividade para a Geografia. Portanto, são analisados os autores e as obras, uma linha cronológica de cada estilo.

Assim, a Tese defendida é que existe, concretamente, uma literatura do e no Cerrado; que o identifica, o particulariza, o conceitua e o projeta no cenário cultural brasileiro; assim como os outros biomas-territórios, a exemplo da caatinga e do Pantanal.

Essa Literatura na Tese, exposta e analisada, estrutura-se na divisão dos estilos literários e no âmbito desses, os autores com suas obras; dentre elas, as que destacam sobre o Cerrado.

O critério de seleção dos autores e das obras foi por temática, independente do mesmo ser conhecido/reconhecido por um cânone específico. Foi feita uma pesquisa mais completa, com o objetivo de contemplar as quanto possíveis; haja vista o sentido de Inventário. Mesmo os autores vivos escolhidos, também foi seguindo o idêntico critério; haja vista que, na verdade, a se tratar do tema, todos os encontrados foram incluídos no tempo cronológico; mesmo que seja um chocante paradoxo inventariar quem está vivo fisicamente, mas morto como representatividade literária; já que pouco ou nenhum valor se confere aos autores de Goiás nos dias atuais.

Tudo aqui, sob a égide histórica e geográfica, na gênese de nossa formação era apenas o sertão, vasto sertão. Esse sertão, que mereceu abrangentes estudos geográficos, sociais e humanos, a partir de pesquisadores do IESA, como Maria Geralda de Almeida, Manoel Calaça, Celene Cunha Monteiro Antunes Barreira, Eguimar Felício Chaveiro, Marcelo Mendonça, Sandra de Fátima Oliveira, Valéria Cristina Pereira e Silva, Tadeu Alencar Arrais, Ana Cristina e Silva, além de outros, como ícones representativos dessa preocupação desvendante do universo do chão do coração do Brasil.

A paisagem goiana derrama-se em flores de significados, como ipês chovendo pétalas amarelas, no chão da sensibilidade. É preciso uma Geografia que ame o chão de Goiás! Que ame o Cerrado está plantado, Goiás!

Uma Geografia que encontre o homem goiano em sua genuína gênese. Não apenas uma ciência que investigue pela ótica técnica e preconceituosa o que os viajantes e

doutos homens que aqui vieram em séculos passados, caçoaram de nossa gente perdida no Cerrado. É mister uma Geografia do chão de Goiás!

Este é o cenário de uma epopeia viva, latente e verdadeira, da origem do povo do Cerrado. Assim, sob a égide da Geografia histórica, esse chão perdido vem à tona.

Goiás é centro e referência e, por sua posição geográfica antiga, tinha uma forma quase triangular, que se alongava no sentido dos meridianos; que tinha o vértice voltado para cima e, por esta razão, proporcionava contato com praticamente todas as outras regiões brasileiras, como destacou Horieste Gomes em sua *Introdução à Geografia de Goiás*, publicada há exatos 50 anos. Por esta razão, nosso Estado incorporava diferentes saberes, falares, culturas e economias múltiplas. Tudo se delineando no chão do Cerrado.

Especificamente, no contexto regional de Goiás, o Cerrado se configura como preocupação principal da Geografia Cultural. A partir de seu imaginário, como fonte de riqueza e apropriação capitalista, o Bioma-território heterogêneo passou a ser alvo de destruição acelerada nas últimas décadas por força de grupos econômicos, pois, os componentes como água, solo, relevo, geologia, vegetação são diretamente afetados e desdobram em conflitos por diferentes atores, sendo destes, os povos cerradeiros com supremacia no uso sustentável dos múltiplos recursos advindos do Cerrado.

Historicamente, o Cerrado passou por vários processos de difamação e prestígio, desde os viajantes e pesquisadores dos séculos XVIII e XIX, com a negação dos valores, que culminou, no século XX, com acelerado processo de ocupação com a construção de Goiânia e Brasília e diversas rodovias e ferrovias que cortaram a região; além do crescente aumento populacional e especulação imobiliária tanto rural quanto urbana; além da fronteira agrícola, a pecuária e o agronegócio, que insuflaram o desgaste do próprio Bioma-território, além da exclusão de povos ali constituídos como índios e quilombolas, reconfigurando o espaço em um território marcado pelo domínio capitalista injusto e impiedoso.

É preciso uma consciência do Cerrado centrada no ser histórico, com raízes, os territórios existenciais do povo, saberes, usos, sons. Um Cerrado com matiz histórico. É imperioso um caráter holístico para o entendimento desse Cerrado que se dilui aos poucos. Cada parte dele é um invólucro, com particularidades insubstituíveis. Há, nele, territórios culturais que são resultado de uma apropriação simbólica e expressiva do espaço.

O Cerrado foi massacrado nos ciclos distintos da economia goiana como o ouro do século XVIII, a ocupação do sul pelos geralistas no século XIX, a Estrada de Ferro no século XX, a Marcha para o Oeste no século XX e a expansão da fronteira agrícola nos anos

de 1970, além dos impactos de três metrópoles: Goiânia, Brasília e Palmas e, agora, o capital estrangeiro de tantas usinas espalhando fumaça pelos céus.

Tem uma vegetação primária *sui generis* e uma identidade também singular. Metade de sua cobertura vegetal foi extinta; o que resta também está ameaçado. Houve redução da biodiversidade animal e vegetal, por meio do assoreamento da rede de drenagem dos territórios geográficos, ao reduzir e contaminar os lençóis aquíferos de superfície e freáticos e contaminação do ambiente do cerrado por agrotóxicos.

Por sua importância, no estudo do Cerrado pelo viés da Literatura goiana, serão consultados diferentes autores que estudam este Bioma-território pelo viés da Geografia como Alho (1995); Almeida (2005); Alvim (1954), Andrade (1995), Arrais (2004); Artiaga (1951); Barbosa (2002); Barreira (1997/2002); Calaça (2010); Castels (1983); Cavalcanti (2002); Chaveiro (2002/2005/2008/2010); Chaul (2002); Correia (1986); Deus (2002); Ferreira (2008); Gomes (1969/1983/1999); Haesbaert (2006); Isnard (1982); Malheiros (1997); Moraes (2005); Moreira (2004); Oliveira (2005); Pinto (1993); Teixeira Neto (2007), além de outros.

Por meio desses autores, serão analisadas as modalidades geográficas e suas principais características específicas, aplicando-as em textos literários de autores goianos, selecionados por temáticas, que descreveram em beleza poética e carga emotiva descritiva o ambiente de Cerrado, no Estado de Goiás.

E nessa análise, o que se observa, ao inventariar, é o fim do Lugar, a pulverização de seu esentido enquanto locus cultural, pelo esfacelamento das tradições, a destruição do Bioma-território; o avanço desenfreado das cidades; a industrialização no meio rural e, por consequência, a diluição de um homem da terra, evidenciado nessa literatura feita em Goiás.

Enquanto a Tese é a Literatura do e no Cerrado; o que se observa é a destruição do Bioma território, a pulverização dos valores como ressaltamos; as cinzas que restaram do Cerrado e da Literatura e a síntese possível seria enxegar Goiás pelo Cerrado e pela Literatura.

Na Geografia, em fusão com a Literatura feita em Goiás desde os idos dos setecentos, é possível mapear as influências sofridas por nosso primeiro estilo literário, que se tornou marcante em comunidades primevas como os arraiais perdidos no imenso sertão. Esses textos se constituirão em memória do que o Cerrado significou.

Haverá, por certo, uma Geografia derramada em dolentes sentimentos de homenagem às raças, diversas e sofridas, que alicerçaram o ser goiano, ser (tão) inflamado em

alma e sentimento, nascido da terra, no calor do chão. A natureza, pelos autores, é vista de forma idílica, muito distante da que realmente é vista pelo meio de produção e pelo apelo capitalista.

O campo se esvaziou de gente e se encheu de bois, grãos, canas, caldos. A cidade inchou e criou fossos profundos. As práticas rurais se perderam. Surgiu o agronegócio. Há um ser sem chão e sem cidade. A nulidade. Há, hoje, um avanço da soja, cana, milho, algodão; avanço das cidades numa urbanização acelerada, usinas hidrelétricas, gado e monocultura que se apoderam do chão do Cerrado.

E aquele Cerrado original, belo e lírico, só mesmo nas páginas da Literatura feita em Goiás em obras analisadas e selecionadas pela verve de tantos admiráveis mestres da escrita como Carmo Bernardes, Bariance Ortêncio, Bernardo Élis, Eli Brasiliense, Rosarita Fleury, João Accyolli, Nelly Alves de Almeida, Célia Siqueira, Cora Coralina, Eduardo Henrique de Souza Filho, César Baiocchi, Leoldio Caiado, Paulo Bertran, Humberto Crispim Borges, Americano do Brasil, Moisés Santana, Genesco Bretas, Célia Coutinho Seixo de Britto, Antonio Geraldo Ramos Jubé, Francisco de Britto, Amália Hermano, Félix de Bulhões, Hugo de Carvalho Ramos, Pedro Gomes, Gerson Castro Costa, Jaime Câmara, Luiz do Couto, Leodegária de Jesus, Genezy de Castro, Ada Curado, Nita Fleury Curado, Nice Monteiro Daher, Nair Perillo Richter, Haydêe Jayme, Darcy Denófrío, Violeta Metran, Lázaro Faleiro, Eguimar Chaveiro, Brasigois Felício, Basileu Toledo França, José Godoy Garcia, Lena Castello Branco, Gilberto Mendonça Teles, Maria Paula Fleury de Godoy, Modesto Gomes, Miguel Jorge, Regina Lacerda, Ursulino Leão, Leo Lynce, José Sêneca Lobo, Marieta Teles Machado, Couto Magalhães, José Mendonça Teles, Hélio Moreira, Augusto Levergger, José Dillermando Meirelles, Gelmires Reis, Octo Marques, Ático Villas Boas, Gabriel Nascente, Emilio Vieira, Wilson Cavalcanti Nogueira, Cornélio Ramos, Lygia Rassi, Maria das Dores Campos, Augusto Rios, Benedito Odilon Rocha, Edla Pacheco Saad, Hermano Ribeiro da Silva, Yeda Schmaltz, Jacy Siqueira, Geraldo Coelho Vaz, para citar alguns.

Há para todos esses autores um espaço na Geografia dos feitos culturais da terra de Goiás! No mundo do Cerrado que engloba Goiás.

O tipo de pesquisa será Bibliográfica, a selecionar em livros tantos, jornais, revistas, relatos, documentos em fonte primária, em páginas antológicas, toda a inspiração que o Cerrado ensejou no coração do homem dessa região, desde os tempos de Goyaz com y e z.

Nesse aspecto se busca a representação cultural do Cerrado no espaço brasileiro, no âmbito das categorias Cerrado, Goiás e Literatura, na tentativa de se distinguir Goiás e Cerrado, a não serem tratados como categorias idênticas. O Cerrado é muito mais antigo que Goiás.

O Cerrado será tratado como Bioma-território e Goiás como Lugar, e, no âmbito da paisagem, os textos revelam diferentes nuances descritivas da mesma. Em certos textos, o Cerrado aparecerá como território e palco de conflitos sociais. Já em outros, o Cerrado surgirá como Região, com suas práticas culturais, seus modos de vida e em outros, como Lugar, ao centrar-se no homem do Cerrado.

Goyaz. Goiaz. Goiás. Um chão do só, em que o canto das juritis e das rolinhas fogo-pagô, eram marca do alheamento do homem mergulhado no cenário verde dos campos e dos cerradinhos. De fato, o imenso território de Goiás nos tempos primevos era uma imensidão desconhecida. Inserido no universo do Cerrado, abria-se em dimensões.

Dessa forma, serão utilizadas diferentes formas e roteiros de análise, pelo olhar da Geografia ao foco do Cerrado, para a elaboração da tese resultante dessa pesquisa.. Primeiramente, será feito detalhado inventário de todo o acervo literário acerca do Cerrado, em diferentes fontes como livros, jornais, revistas e documentos manuscritos. Serão inventariados todos os autores que publicaram livros de temática regionalista em Goiás sobre o Cerrado e que, em contos, crônicas, romances, novelas e poemas, evocaram o mesmo em diferentes nuances, mas com seus estilos específicos, marcados num tempo cronológico.

Em visitas a bibliotecas, museus, academias de letras, arquivos públicos e particulares, serão copiados todos os textos escritos ao longo de 289 anos de história goiana, que revelaram, em prosa ou em verso, o Cerrado como tema.

Reunido grande parte do acervo, será feita a seleção do material concernente à temática, organizando-o por meio de suas características como estilo, em prosa e verso, ao buscar um possível roteiro de análise e um alinhamento por tema. Para tanto se utilizará a teoria literária para fundamentar a referida seleção.

Na sequência, será analisado o material em cada item selecionado, em prosa e em verso, na busca de uma comparação do texto literário com a teoria da Geografia em diferentes estudos sobre o Cerrado, mas recortados no âmbito do gênero, com as marcas pessoais dentro do gênero; no intuito emcontrastar o científico e o literário, na promoção do que o Cerrado foi, do que é e do que poderá ser; no objetivo de valorizá-lo e divulgá-lo às gerações que virão.

Ao final, ficará constituído um Inventário, sob a égide geográfica, de grande parte da produção literária acerca do Cerrado em Goiás, ao longo da história; em consonância com a teoria geográfica acerca do Bioma-território, no sentido de se mapear o ideário sobre o mesmo; já que o movimento sobre sua conservação e permanência começou a ser discutido um tanto tardiamente, em vista de que tão pouco resta do mesmo.

O foco a ser seguido é sempre definir o Cerrado como Bioma-território e Goiás como Lugar, em que se centrou a prática literária numa linha de tempo dentro de cada estilo.

E que essa tese sirva de subsídio a professores das áreas da Geografia e de Língua Portuguesa para trabalhos pedagógicos em suas rotinas em sala de aula nas escolas goianas. E, para critério de manuseio, possam os professores fazer a busca pelo estilo e, no âmbito de cada estilo, as representações feitas sobre o Cerrado, numa cronologia, também a consulta a um índice onomástico.

Só mesmo nas páginas amareladas dos livros, revistas e jornais, o Cerrado se constituirá naquilo que viram os avoengos e que registraram na tessitura das palavras, uma paisagem pretérita só agora reconstituída sob a égide da emoção. Há, hoje, uma busca pelo equilíbrio, com planejamento ambiental sustentável e com outro enfoque do Bioma-território.

Mas, estamos longe do ideal. Há uma relação de combinação das plantas e dos animais Todos que estamos nesse mundo temos uma identidade cósmica, biológica, terrena, cultural. Tudo existe com sentido e equilíbrio. É preciso haver infinitas possibilidades do existir num estudo do todo.

Há uma Geografia que se revela nas minúcias e nos fatos cotidianos. Uma Geografia densa de significados tantos e de múltiplas instâncias que revelam o modo de vida específico de um povo, suas relações com a terra, com os outros e com o meio. A Geografia aparece como uma ciência voltada para a compreensão de tudo que nos cerca. Compreensão inclusive da Literatura, como modo particularizado e profundo de ver as coisas.

Também, há singularidades nesse entendimento do mundo, das relações que se entrelaçam nesse mesmo mundo. Relações que, aos poucos, aparece eivada pelo aroma inigualável do compreender que, se do pó se vem, do profundo da terra, para o mesmo pó e o mesmo calor do chão se volta; então é preciso, sobretudo, amar essa mesma terra em que se pisa o cansaço dos passos nas contradições e desacertos cotidianos.

Conhecer mais e amar ainda mais, seria uma possibilidade de preservar o pouco que ficou. Nada como a beleza estética da palavra, a serviço do meio, para promover o

conhecimento e o prazer artístico em relação ao Cerrado; daí o valor da Literatura sobre e no Cerrado em suas variantes produção.

Na Geografia há uma categoria interessante que se intitula Lugar. Nele, aparecem eclipsados os mais variados modos de compreensão das particularidades de uma sociedade, de uma comunidade; não só pelos aspectos físicos, mas, ainda, pela cultura, hábitos, modismos e tradições que se entrelaçam pouco a pouco.

E esse Lugar, pelo viés literário, se voluma nas diferentes concepções a ele agregadas; estilos literários, riquezas de imagens, simbologias, que aprimoram a visão do Boma-território Cerrado e seus atores e se justificam na análise das obras.

Em Goiás, tal fato não se fez diferente. Pela formação no ciclo do ouro, depois do couro, depois ferroviário, depois aeroviário, depois industrial, depois comercial, depois tecnológico e assim por diante. Em tantos ciclos há que se entender o homem, seus valores, sua condição humana (ou desumana) no entrechoque de gerações.

Mas, como aconteceu a relação do homem nesses ciclos? Do índio bravo e indomável com os primeiros conquistadores e aventureiros? Do cativo sofrido na exaustão do eito? Do estrangeiro de longes terras, que, no chão bravo, buscava a realização de um sonho até então impossível? Do homem tecnológico que se observa imbatível?

Na Geografia de e sobre Goiás, na perspectiva do Cerrado, há que se pensar o entendimento da formação populacional ao longo da história, que se mesclou a essas diferenças e propiciou uma estrutura diferenciada, pelas marcas de cada povo com seus costumes, dores e sofrimentos, mas, também, com o entusiasmo pela vida e pelo trabalho.

Goiás sempre foi terra acolhedora, que se abria no calor do chão para receber, acolher e sustentar aqueles homens do passado que, correndo mundo, aqui aportaram para sempre. As velhas cidades no sertão, mergulhadas na placenta verde das matas, foram sustentação para afoitos pioneiros de outras terras, com suas linguagens, suas maneiras diferentes, plantaram conquistas que se fortalecem em novos ramos, nos dias de agora e no porvir.

Há, em Goiás, uma Geografia do encantamento. Uma Geografia que nasce da compreensão telúrica de todos os sentimentos voltados à contemplação da categoria Lugar. O sentimento de Lugar cala fundo na alma goiana, desde as primevas eras.

Há uma Geografia para a paz dos cerrados. Assim, também, há uma Literatura para o Cerrado e o propósito desse estudo é buscar identificar, mapear e divulgar essa produção cultural, como o fizeram tão bem os estudiosos da lavra de Câmara Cascudo,

Cavalcanti Proença, Alfredo Bosi, Alceu Amoroso Lima, sobre a Literatura de outros Biomas-territórios como a Caatinga, a Mata Atlântica, a Mata Amazônica, o Pantanal e tantos outros.

Há, em nível de qualidade, uma Literatura que representa e muito bem o Cerrado goiano, a demonstrar a não passividade da natureza mas, sim, a eterna labuta do homem goiano para a sua adequação ao modelo de vida, no âmbito do Cerrado.

Uma paz imensurável nesses campos. Campos nascidos à vontade e ternura do chão. Na simbiose dos elementares, eles surgiram e se derramaram pelas campinas e pelas serras do que, mais tarde, se chamaria Goyaz!

Campos que não foram plantados. Quem semeou a arnica lá no pé da serra? Quem plantou o pé de bacupari naquele canto, junto ao grotão? Quem pôs a chocar a seriema? Nesses campos, o imponderável está a todo instante a pincelar maravilhas no Cerrado do sonho, na Geografia dos sentimentos.

Mudez tão perfeita a sentir o vento com suas linguagens, ao sussurro das chuvas e ao balançar dos galhos a comunicarem coisas perfeitas e inaudíveis. Para que o som, se é possível escutar o sereno coração das árvores?

Há um compromisso dos escritores com o Lugar nos contextos aos quais insere seus pontos de vista ou seu manuseio artístico da palavra. Evocam os lugares e os inserem no tempo presente ou passado, dimensionando múltiplas visões.

No atual mundo complexo e globalizado, o conhecimento diferenciado sobre as possibilidades e dimensões de tudo que nos rodeia, constitui, sobretudo, uma necessidade de ajustamento diante das rápidas transformações que, cotidianamente são processadas de forma vertiginosa e inesperada.

No que concerne aos estudos geográficos, sob a égide teórica, é válido ressaltar sua importância fundamental na compreensão desses fenômenos que ocorrem e que são analisados sob diferentes enfoques, diferentes leituras, amplas visões que constituem, sobremaneira, o atributo epistemológico fundamental da Geografia, como profunda ciência social.

Assim, a Geografia tem por objeto de investigação toda a complexidade que se registra no mundo, no ontem e no hoje, em vários ramos. Há espaços e tempos desiguais na conturbada convivência humana, e, todos os produtos que são advindos desses embates constituem estudo dessa ciência, que, no transcorrer da história, passou de tradicionalista a quantitativa neopositivista e mais tarde regional; firmando-se como crítica e a teórica, abrindo, hoje, campo para a cultural. Mudanças estas que configuram um avanço no estudo e

nas investigações da própria Geografia no entendimento do mundo em suas constantes transformações.

Há, na Geografia atual do Brasil, uma nova dinâmica em relação à reestruturação do território nacional. Premente é a necessidade de repensar o País diante dos complexos contextos arregimentados pela contemporaneidade e que se constituem em desafios ao homem do futuro.

E essa visão, sob a égide da nova Geografia, permite repensar uma natureza já distante do bucolismo do passado, atàs vezes visto pelos autores mais recuados no tempo; assim como, ainda, a visão ideológica dessa mesma natureza, tantas vezes amarrada aos entimentso humanos.

Também, é possível observar que o Bioma-território várias vezes interfere na escrita literária, pois, na cronologia dos textos, numa linha de tempo, os primeiros surgem na contemplação embevecida do homem diante do esplendor e exuberância naturais para, em seguida, passar à crítica à desctruição dos recursos, em textos do século XX.

É preciso entender que a pesquisa geográfica está centrada como ciência do espaço produtivo/social, seus materializadores que, no espaço e no tempo, assumem diferentes posturas, definidas em função de sua filosofia e de uma ideologia de classe. Portanto, a Geografia é abarcante na visão múltipla.

Questões como a água, biodiversidade, uso sustentável dos recursos, legalização de territórios de excluídos, globalização, inovações tecnológicas, tráfico de drogas, territórios segregados de favelas, redes de telecomunicação, grandes corporações, jogos de interesses econômicos acoçando o meio ambiente além de muitos outros, são espinhos sociais que a Geografia analisa e discute com enfoques diversos e que também a Literatura observa, ainda que liricamente, mas não numa passiva aceitação dos desacertos das políticas ligadas ao uso do Bioma-território.

Na divisão da presente Tese, será apresentada a seguinte ordem: O primeiro Capítulo intitulado **“Goyaz – Goiaz - Goiás – Expressões telúricas de uma terra imemorial, abrigada na placenta verde dos campos”** destacará sobre a origem do Estado de Goiás, seus fundamentos históricos e geográficos e o ideário de Lugar, ou seja, a estratificação da gênese da formação goiana e o entendimento da relação do homem com o seu meio, ainda que, da ocupação do Cerrado pelos primeiros habitantes de Goiás, e o sentimento de identidade e pertencimento desse mesmo povo.

Neste, serão estudados os fundamentos históricos do surgimento da Capitania de Goyaz, depois Província de Goyaz e mais tarde o Estado de Goiás, com toda a sua gênese histórica, os primeiros tempos da colonização e ocupação e permanência no espaço, a identidade goiana, os limites geográficos, os ciclos do ouro e o agropecuário, o sentimento de pertencimento do povo, até as primeiras manifestações culturais que solidificaram, portanto o ideário de goianidade; a ligação do goiano com a natureza, no caso específico o Cerrado, os primeiros usos e os abusos em relação ao uso dessa natureza; os primeiros mapas, hábitos, costumes, modismos, culinária, receituário, uso do Cerrado e a constituição de uma identidade goiana à luz de sua especificidade.

Assim, nesse Capítulo se busca, de forma mais profunda, elucidar sobre Goiás, que foi definido dentro do Bioma-território Cerrado e como o mesmo foi, no longe da história, sendo constituído pelo viés literário.

O Capítulo II da tese terá por título **Literatura Informativa – Produção dos viajantes e pesquisadores em Goiás nos primórdios do tempo** em que será destacado sobre a formação da Literatura no ideário do chão, as diferenças entre o antigo Norte goiano e o Sul em relação ao desenvolvimento cultural; o papel dos pesquisadores e viajantes na difusão do conhecimento sobre o sertão e o cerrado e a definição dos autores/pesquisadores/botânicos que visitaram a Capitania e depois Província de Goiás, desde o século XVIII e principalmente o XIX, ávidos por novidades.

Serão elencados, nesse Capítulo, os viajantes/pesquisadores José de Almeida Vasconcelos Soveral e Carvalho, que foi Presidente da Capitania, por meio de seu diário de viagem; Auguste César Provençal de Saint-Hilaire, com seus profundos e importantes estudos sobre diferentes modalidades de Goiás nessa época; Manuel Aires de Casal e seu importante estudo sobre Goiás, inserido no trabalho *Chorographia Brazilia*, escrita em 1817; Johann Baptist Emanuel Pohl, com sua visão erudita do distante rincão goiano; os pesquisadores Joahann Baptist Von Spix e Karl Friedrich Phillip Von Martius, estudiosos alemães do nosso cerrado; Luiz D' Alincourt e seus estudos de botânica; Raymundo José da Cunha Matos e sua *Chorographia Histórica da Província de Goyaz* em 1823; Willian John Burchell e seus desenhos e estudos sobre as vilas do ouro; Francis Castelnau e as observações dos usos e costumes do sertão; George Gardner e suas pesquisas sobre o norte de Goiás; Visconde de Taunay, com suas pesquisas sobre a Geografia e História de Goiás e o advento da Guerra do Paraguai; Augusto Leverger e as pesquisas sobre a fronteira com a Província de Mato Grosso; José Vieira Couto de Magalhães e as pesquisas sobre a navegação no Rio Araguaia; Joaquim

de Almeida Leite de Moraes e as anotações de seu diário de uma longa viagem pelo sertão goiano no final do século XIX; Afrânio de Mello Franco e suas valeidades literárias sobre o sertão e amplo sentido; Oscar Leal e as matérias jornalísticas sobre a terra de Goiás, Luiz Cruls e o relatório sobre o quadrilátero onde seria a nova capital do País; Johannes Eugenius Bulow Warning e seus desenhos sobre o cerrado e suas flores; Augusta de Faro Fleury Curado e seu diário de viagem pelo sertão goiano em 1896; Eurydice Natal e Silva e suas anotações literárias sobre as viagens ao Araguaia em 1903; Francisco Ferreira dos Santos Azevedo e o Anuário histórico e folhinha de 1910; Henrique Silva e os estudos geográficos e botânicos do Cerrado em 1907; Americano do Brasil e as análises da vegetação goiana e o cerrado a partir dos anos de 1910; Moisés Santana e os estudos e denúncias sobre a destruição do bioma no final dos anos de 1910; Derval de Castro e as análises da terra e possibilidades goianas; Zoroastro Artiaga e as pesquisas didáticas sobre a geografia, na gênese da disciplina; Hermano Ribeiro da Silva e os estudos sobre o Araguaia; Guilherme Ferreira Coelho e a expedição histórica nos sertões de Goiás; Victor Coelho de Almeida e sua análise da realidade goiana do passado; Leolídio Di Ramos Caiado, o sertanismo e a defesa do Bioma Cerrado; Eduardo Guedes de Amorim e a literatura historiográfica sobre o Rio Araguaia; Amália Hermano Teixeira e os primeiros estudos sobre a botânica e o Cerrado e José Angello Rizzo e a defesa do Cerrado, na criação dos parques e reservas e Venerando de Freitas Borges também na visão histórica e memorialística acerca do Cerrado, assim como a visão histórica profunda de Lena Castello Branco Ferreira de Freitas a evocar o coronelismo e o jogo de poder político no mundo do Cerrado.

O critério de seleção desses autores e suas respectivas obras ocorreu pelo conteúdo abordado pelos mesmos; as descrições do Cerrado e sua gente; o chocante paradoxo da visão europeizada em relação à rusticidade do povo. O procedimento seletivo foi o teor das narrativas e o critério de unidade temática foi a visão do Cerrado como Bioma-território e apresentados dentro de uma linha de tempo, separado por décadas. A divisão será por definições científicas da linguagem dos primeiros críticos e estudiosos e, depois, os relatos e crônicas de viagens, já eivadas por uma linguagem de cunho literário.

Em todos esses pesquisadores, será feita a descrição da produção sobre o Cerrado, a análise dos temas abordados, assim como excertos de textos dos respectivos autores para conhecimento acerca do que deixaram como legado acerca do Bioma e da paisagem goiana, suas evocações sobre o Cerrado, seus pensamento como fonte de resgate e observação às futuras gerações.

No Capítulo III da referida tese, intitulado **Poesia telúrica no Cerrado, com cheiro de terra molhada da primeira chuva** serão analisadas obras literárias no estilo poesia, com temática sobre o Cerrado. A princípio será feita a definição do gênero à luz da Teoria Literária, o desenvolvimento do gênero em nível de Brasil e Goiás. Serão analisados autores como Bartolomeu Antonio Cordovil, Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, Antonio Félix de Bulhões Jardim, Luiz Ramos de Oliveira Couto, Manuel Lopes de Carvalho Ramos, Erico Curado, Joaquim Bonifacio Gomes de Siqueira, Augusta de Faro Fleury Curado, Ana Xavier de Barros Tocantins, Tereza de Alencastro Caiado de Godoy, Leodegária de Jesus, Hugo de Carvalho Ramos, Benedita Chaves Roriz Villa Real, Ricardo Paranhos, Augusto Rios, Josephina Pinheiro de Lemos Mendes, Oscarlina Alves Pinto, João Accyolli, Emília Perillo Argenta, Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, Cora Coralina, Maria Paula Fleury de Godoy, Antonio Americano do Brasil, Leo Lynce, José Xavier de Alemida Junior, Arlindo Costa, Dinorah Pacca, Demostenes Cristino, Jarbas Jayme, Benedito Odilon Rocha, Gerson de Castro Costa, Francisco de Britto, José Lopes Rodrigues, Pedro Celestino da Silva Filho, José Décio Filho, Antonio Soares de Camargo, Eduardo Henrique de Souza Filho, Emir Omá, Jacira Brandão Veiga Jardim, Décio Jayme, Rosarita Fleury, Regina Lacerda, Lydia Rossi Arantes Borges, Marilda de Godoy Carvalho, Nice Monteiro Daher, Monsenhor Primo Vieira, Antonio Geraldo Ramos Jubé, Érico Ramos de Oliveira, José Godoy Garcia, Lygia de Moura Rassi, Joaquim Machado Filho, Luiz Palacin Gomez, Olinda da Rocha Lobo, Célia Coutinho Seixo de Britto, Jesus de Barros Boquady, Guiomar de Grammond Machado, Jerônimo Geraldo de Queiroz, Edésio Daher, César Baiocchi, Violeta Metran, Terezy Fleuri de Godoi, Gilberto Mendonça Teles, José Mendonça Teles, Geraldo Coelho Vaz, Iron Junqueira, Narcisa Cordeiro, Afonso Félix de Souza, Manuel Bueno de Britto, Umbelina Frota, Yêda Schmaltz, Edival Lourenço, Helvécio Goulart, Célia Siqueira Arantes, Sônia Maria Ferreria, Luiza de Camargo Ferreira, Aidenor Aires Pereira, Paulo Bertran, Francisco de Assis Nascimento, Gabriel Nascente, Kleber Adorno, Armênia Pinto de Souza, Alódio Tovar, Miguel Jorge, Jacy Siqueira, Placidina Lemes de Siqueira, Augusta Faro Fleury de Mello.

Serão mais de uma centena de autores apresentados, analisados, com trechos de obras poéticas, cujo tema seja o Cerrado, numa abordagem de verificação de como o Bioma-território foi descrito e se esta representação condiz com a sua existência enquanto vegetação representativa do goiano; enquanto corpus cultural de um povo; enquanto motivo poético digno de nota e de conotação pelo viés do sentimento e da perpetuidade às novas gerações.

Em cada verso, em cada rima, os sentimentos dos artistas goianos da palavra em relação à paisagem, ao Cerrado, ao mundo circundante.

No Capítulo IV que será intitulado **O conto em Goiás – Curtas narrativas sobre o Cerrado em que florescem ramos entre Geografia e Literatura** apresentará a teoria literária sobre o Conto, sua origem, suas características essenciais, seus principais autores no Brasil e em Goiás.

Destacará seu autores importantes como o imortal Machado de Assis que escreveu um conto “A parasita azul” ambientado em Santa Luzia, hoje Luziânia, os contos pioneiros de Crispiniano Tavares, barbaramente assassinado em Rio Verde; os telúricos contos de Hugo de Carvalho Ramos em *Tropas e boiadas*; os contos rurais de Francisco de Britto ambientados no antigo norte goiano; os contos clássicos de Altamiro de Moura Pacheco com sua linguagem erudita; os contos regionais bem escritos de Bernardo Élis, as narrativas curtas de Elizer Penna, os contos regionais de Bariani Ortêncio na sua trilogia do sertão, os contos eloquentes de Humberto Crispim Borges, os contos trágicos de Mariana Augusta Fleury Curado; os contos de denúncia social de Braz José Coelho, o realismo fantástico dos contos de José Jacinto Veiga, os contos telúricos de Leo Godoy Otero, as histórias envolventes dos contos de Ada Curado; os contos da terra de Aldair Aires, as narrativas noturnas de Ayda Félix de Souza, as histórias de chão, de Julia Franco, histórias e desenhos de Octo Marques sobre a Cidade de Goiás, os causos jocosos de Pedro Gomes, historias do sudoeste de João Lima, os envolventes contos de Modesto Gomes, o realismo fantástico dos contos de Jesus de Aquino Jayme, contos de pescarias de Jorge Brom, histórias do velho norte goiano, pela pena de Maximiano da Mata Teixeira, as histórias de Livertino Leão Sobrinho, as prosas de Carmo Bernardes, o cerrado na visão de Marieta Telles Machado, as pequenas histórias do cerrado, na visão de Gil Perinni, os casos pequenos de César de Freitas Silva, os contos de Manuel Goiano e os causos de Maria do Rosário Cassimiro, além dos contos do planalto, de Juliano Cazarré.

No Capítulo V da Tese intitulado **Relatos cotidianos em crônicas de ternuras e lembranças do chão do Cerrado** destacará, a princípio, a teoria da crônica e seus principais representantes no Brasil e em Goiás, notadamente em relação à temática do Cerrado.

Em seguida enunciará os nomes, produções e estilos dos cronistas que escreveram sobre o Cerrado em Goiás como Illydia Maria Perillo Caiado, no Jornal A Rosa, em 1907; Maria Ferreira de Azevedo Perillo, na Revista Informação Goyana e no Jornal O Lar; Altair Camargo de Passos, no jornal O Lar; Cora Coralina, na Revista Informação Goyana;

Graciema Machado de Freitas, no Jornal *O Lar*; Frederico de Medeiros, na Revista *Oeste*; Iron da Rocha Lima, na Revista *Oeste*, Zecchi Abrahão, na Revista *Oeste*; Amália Hermano Teixeira, na *Revista de Educação do Estado de Goiás*; Floracy Artiaga Mendes, na *Revista de Educação do Estado de Goiás*; Genezy de Castro e Silva, no Jornal *O Lar* e na imprensa goiana; Nair Perillo Richter, com seus livros de crônicas, Antonio Juruena de Guimarães, nas imprensa em geral; Altamiro de Moura Pacheco, com seus livros de crônicas; Belkiss Spencièrre Carneiro de Mendonça, com suas crônicas na imprensa goiana; José Mendonça Teles, com seus livros de crônicas das cidades goianas; Carmo Bernardes, com seus livros de crônicas sobre o cerrado; Hamilton Carneiro com suas crônicas na imprensa; Brasigóis Felício Carneiro, com suas crônicas de denúncia; Gil Perini, com seu livro de crônicas telúricas e poéticas; Maria do Rosário Cassimiro, com seus “dedos de prosa” em forma de crônica e as crônicas sentimentais e evocativas de Maria Paula Fleury de Godoy.

Na maioria desses autores, cronistas e pensadores, é possível um pensamento de indignação em relação à destruição do Bioma-território cerrado, do avanço das cidades, da incúria humana em relação ao meio ambiente e um despertar para a biodiversidade, da necessidade premente de preservação.

No Capítulo VI da tese, denominado **A história, Cerrado e goianidade no romance: brotam lirismos nos campos e grotões**, destacará, a princípio, uma retrospectiva histórica do gênero romance no Estado de Goiás, desde o século XIX, a evolução e as temáticas voltadas ao Cerrado e ao meio ambiente.

Focará nos romancistas que se dedicaram a escrever seus livros, tendo o Cerrado por cenário ou evocação como o próprio José de Alencar, que, sem jamais ter conhecido Goiás, ambientou no Cerrado o seu romance indianista *Ubirajara*, na luta entre as tribos fictícias Araguaia e Tocantim; depois, Bernardo Guimarães, o imortal autor de *A escrava Isaura*, que, residindo em Catalão, escreveu o romance *O ermitão de Muquém*, com cenário em Goiás; Ofélia e Narbal Fontes, reconhecidos escritores infanto-juvenis que recriou em *O gigante de botas*, a saga do Anhanguera; Edival Lourenço com seus romances urbanos e rurais; Humberto Crispim Borges, com seus romances sertanejos e de denúncia social; Willian Agel de Mello e sua epopeia passada nos sertões goianos; os romances históricos e sociais de Bernardo Élis sobre a saga do homem na luta pela terra; as obras reconhecidas internacionalmente de José Mauro de Vasconcelos, o primeiro romancista a evocar o Araguaia; o romance *Morena*, do matriarcado goiano, escrito por Ada Curado; Carmo Bernardes com seus romances de denúncia sobre a exploração no mundo do Cerrado; Eli Brasiliense, com

seus romances históricos e telúricos; Rosarita Fleury, com seus monumentais romances *Elos da mesma corrente e Sombras em marcha*; Edla Pacheco Saad, com sua tetralogia sobre o chão goiano; Basileu Toledo França, com seus romances históricos sobre o Sudoeste goiano; o desespero do homem sem terra, no romance de Sebastião Arantes; a luta pela terra no romance *Riachão*, de Raimundo Rodrigues; os romances sociais de Armênia Pinto de Souza; a denúncia da violência em *Trombas*, de José Godoy Garcia; as tramas e enredos fortes dos romances de Ursulino Leão; a sagado povo errante no sertão, nos romances de Antonio Baptista de Oliveira; a crítica e ironia nos romances de Antonio José de Moura, a evocar o fanatismo religioso no chão goiano; os homens como palhas, no romance de Jerônimo Geraldo de Queiroz; a geografia do planalto, no romance de Olímpio Pereira Neto; o mundo das contradições sertanejas em Wilson Cavalcanti Nogueira.

Assim, a presente Tese buscará elucidar e aprofundar no complexo, mágico, telúrico e lírico universo literário sobre o Cerrado em Goiás, ao inventariar aqueles que também iam, como o próprio Bioma, sendo relegados a um ostracismo definitivo, haja vista que em cinza se tornaram frente ao laconismo que impera no mundo hodierno em que se esquecem, como o calor do chão, o afetivo mundo da memória e da lembrança, nas letras imortais, perenizando o talento e o sentimento em relação ao chão de Goiás, com a centralidade nos povos Cerradeiros, tantas vezes descritos nas obras, em nuaças diferentes, marcados na luta pela sobrevivência e de seus valores o mundo do Bioma Cerrado.

Assim, a Geografia lê o Bioma-território Cerrado por meio da Literatura feita em Goiás. E o seu papel é evidenciar as mudanças de temática sobre o assunto ao longo do tempo. E a Literatura aparece como contemplação a princípio, depois como crítica ao tratamento dado ao Bioma Cerrado, em face das mudanças históricas e a expansão. Mas, em ambos, ela eterniza.

Geografia e Literatura têm papeis distintos nesse enfoque. Enquanto a Geografia faz o recorte e a sistematização do estudo sobre o Bioma, a Literatura abrange a visão dos autores sobre o mesmo Bioma; antes, de forma contemplativa, passiva e absorta e, depois, de forma mais crítica e também como registro do Bioma; então, transformado em cinza.

O que se busca é um inventário o mais completo possível da produção literária que honra o Bioma-território Cerrado, perpetuando-o na caminhada humana ao longo dos séculos, na valorização do talento da palavra artística e imemorial.

**I - Goyaz – Goiaz - Goiás – Expressões telúricas de uma terra imemorial,  
abrigada na placenta verde dos campos**

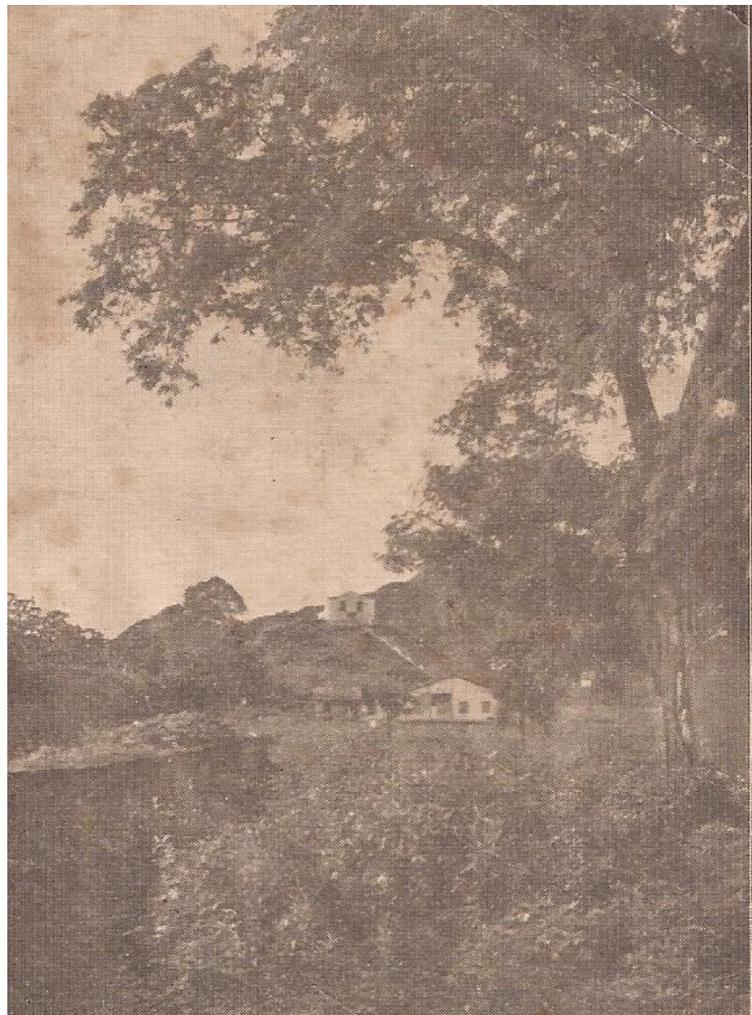


Figura 1 - Aspecto urbano de Vila Boa de Goyaz, recanto bucólico junto ao tamboril do cemitério, vendo ao fundo a ermida de Santa Bárbara encimando um outeiro. Era uma capital aos moldes setecentistas, cujos caminhos dos morros abriam imensos braços vegetais aos que se destinavam às conquistas do desconhecido espaço goiano. Fotografia de Augusta de Faro Fleury Curado. Acervo de Bento Alves Araújo Jayme Fleury Curado.

Em Goyaz, como se grafava, no começo de todos começos, as pequeninas vilas eram abrigadas na placenta verde das matas! Uma terra do acolhimento. Há uma ideia de aprofundamento, já que se concentra na depressão do Araguaia, com suaves inclinações.

São os terrenos antigos e aplainados pela erosão, que originaram os poéticos chapadões. Do rio decantado em prosa e verso, acompanhando seu leito, a inclinação do que

se chamou, depois, Goyaz! Tudo fluiu assim, sem cessar dia e noite, desde os tempos imemoriais.

Tudo nasceu no calor da terra dadivosa, ao fazer surgir o ouro, as riquezas minerais tantas; além da agricultura incipiente, cujos alimentos mataram as fomes iniciais. Tudo teve formação num projeto de Nação do século XIX, eivado pelas duas frentes de ação, uma, na tentativa de tornar o litoral com ares europeus e outra pela interiorização, pelo conhecimento do sertão e das possíveis riquezas e possibilidades havidas no desconhecido, conforme destaca Garcia (2010).

A terra tem um sentido mais profundo e filosófico como destaca Descartes (1966, p. 88), ao unir a relação profunda de todos os elementares na essência da vida. Esse aprofundamento leva ao sentido de que tudo sempre existiu com um sentido mais amplo, fruto de toda uma consciência do próprio existir. Tudo mantém conexões possíveis para esse existir.

Daí, passei a falar particularmente da terra: como embora tivesse suposto expressamente que Deus não tinha dado à matéria de que é composta nenhum peso, todas as suas partes não deixavam de tender exatamente para o centro; como, havendo água e ar em sua superfície, a disposição do céu e dos astros, sobretudo da lua, devia custar-lhes um fluxo e refluxo em tudo semelhante ao que se nota nos nossos mares e, além disso, um certo curso, tanto da água com do ar, do levante para o poente, tal como também se observa entre os trópicos.

É da essência do homem a imanência com a natureza, com a Terra, por mais que se negue, há uma ligação, ainda que subjetiva, como destacou Arendt (1981, p. 10). Esse elo com a terra nos cerradões de Goiás tornou-se mais forte, desde os primeiros tempos. É o que a autora destaca como vida natural, nascida em meio à natureza:

A terra é a própria quintessência da condição humana e, ao que sabemos, sua natureza pode ser singular no universo, a única capaz de oferecer aos seres humanos um habitat no qual eles podem mover-se e respirar sem esforço nem artifício. O mundo – artifício humano – separa a existência do homem de todo ambiente meramente animal; mas a vida, em si, permanece ligado a todos os outros organismos vivos. Recentemente, a ciência vem-se esforçando por tornar “artificial” a própria vida, por cortar o último laço que faz do próprio homem um filho da natureza.

Essa ligação com a terra ocorreu nos tempos primeiros de Goiás, ao se falar da descrição de Bachelard (2000, p. 132): “A natureza tem uma maneira muito simples de nos espantar: é fazer as coisas grandes”. De fato, tudo na natureza é monumental, inclusive o

Bioma-território Cerrado, que, a princípio desprezado, conseguiu figurar mais tarde como importante, embora já bastante desfigurado.

Onde está a felicidade do homem junto à natureza? Já ressaltava sobre esses fatos Gusdorf (1978, pp. 54/55) ao relatar sobre a enfermidade do espaço, mediado por tantos interesses hoje existentes:

O homem moderno está ameaçado por uma verdadeira *doença do espaço*. O espaço científico e técnico se mede em metros quadrados, em velocidades, correspondentes a sistemas de quantidades iguais entre si. Este espaço quantitativo impõe sua lei ao espaço vital, cujos ritmos nada têm a ver com as escalas de grandeza. A felicidade não se mede em metros quadrados. Uma das formas da doença do espaço deriva de que os metros quadrados substituíram a felicidade; o cálculo das superfícies converteu-se na forma contemporânea do cálculo dos prazeres e das dores.

E a doença do espaço atinge a todos, de forma que nada se sabe. Oconhecimento não deve partir do superficial, principalmente em relação à natureza ou determinado Bioma-território; deve nascer do próprio mistério insondável da natureza que tudo sabe e tudo produz, mesmo longe da intervenção do homem, na visão de Foucault (1966, p. 46):

O saber das similitudes funda-se no levantamento destas marcas e na sua decifração. Inútil será determo-nos na casca das plantas para conhecermos a sua natureza; é necessário ir direto às suas marcas – à sombra e imagem de Deus que elas possuem, ou à virtude interna, a qual lhes foi dada pelo céu como por dote natural,... virtude, digo, que se reconhece especialmente pelas marcas.

Há um equilíbrio em todas as coisas, conforme a noção filosófica da antiguidade, na visão de Faria (1994, p. 59): “Os movimentos da natureza, cíclicos, reproduzem, a seu modo, a circularidade perfeita das esferas celestes”. Essa perfeição só foi rompida a partir da ganância e destruição que o homem moderno engendrou.

É importante salientar, também, que a ideologização da natureza é muito antiga; tanto quanto a sua própria história, conforme ressaltou Casseti (1994), o que implica num conceito de dualidade; que se fundamenta em filosofias artificialistas e naturalistas; estas que vêm com linhagens contraditórias, similares ao misticismo do passado.

É preciso uma busca mais científica nessa concepção. Não só era idealizada a natureza em Goiás, como também imaginada, ainda no Império como fonte de muitas riquezas. Tal fato tornava cambiante os significados de termos como pátria, nação e Estado, conforme Garcia (2010).

Ao pensar a natureza goiana, numa oscilação do tempo, o seu sentido de pátria, nação e Estado, a foto abaixo, emblemática, nos evidencia JK no Cerrado, no campo limpo, a olhar o horizonte e, por certo, a pensar na grandeza desse chão infinito e plano. De olhar incisivo marcaria a secular luta de interiorização da Capital Federal. O Cerrado seria o chão possível a esse arrojado projeto.



Figura 2 – JK no Cerrado onde seria Brasília em 1956, olhando o horizonte. Foto de Ernesto Silva em seu livro *História de Brasília*.

Ainda segundo Lèvi-Strauss (1996, p. 73): “O homem atribui à natureza, traços humanos, para poder se revestir, ainda que ilusoriamente, das forças da natureza. Na cosmologia grega, o mundo é dotado de uma hierarquia funcional que o torna semelhante ao organismo biológico”. É a única forma de o homem poder compreender a natureza e suas diferentes manifestações. Segundo o autor de *Tristes trópicos*, essa ilusória visão da natureza

só é descartada a partir de Copérnico com sua revolução mecanicista e a natureza passa a ser vista como “ser-outro”.

O que é importante salientar é que a “a terra é um corpo em contínua transformação”, conforme salientou Clarck Junior (1973, p. 1) e suas variantes antes mais lentas, hoje perceptivelmente, pela ação do homem, aceleraram.

Como ressaltou Gomes (1982), a relação do homem com a natureza, nos últimos anos sofreu um profundo colapso; antes, o homem do campo vivia em sintonia com a mesma, respeitando os seus ciclos e, pelo viés da ganância, passou a usurpar a mesma, na busca desenfreada pelo lucro a qualquer custo.

Como ressaltou, esta relação estrangulada, constitui em ameaça à sobrevivência do homem sobre o mundo, a começar pela deformação dos valores humanos que já se verifica nos dias atuais, muito mais na contemporaneidade, haja vista que este artigo do geógrafo goiano foi escrito há trinta e três anos no *Boletim Goiano de Geografia* e de lá para cá, ainda mais se agravou a situação.

É preciso entender de uma maneira mais densa, profunda e plurissignificativa, nas diferentes leituras do mundo pelo viés da natureza, conforme assevera Gusdorf (1978, pp. 17/18):

Existem hoje ainda formas culturais, elementos dispersos, mas estes fragmentos não formam um todo. O universo da cultura é um universo em migalhas, que não congrega nenhuma perspectiva de conjunto, nenhuma exigência fundamental em que se afirmaria o desejo de submeter a ordem das coisas a uma ordem humana de valores.

Terra que é princípio das eras, do aprofundamento das entranhas, conforme ressaltou Bachellard (2000, p. 125), em confessar que tudo que há no mundo, conserva resquícios de vida. A terra é vida. O Cerrado, como Bioma-território também é vida, pulsação.

Quando conseguimos reviver essa vida parcial na precisão de uma vida que dá a si mesma uma forma, o ser que tem uma forma domina os milênios. Toda forma guarda uma vida. O fóssil já não é simplesmente um ser que viveu; é um ser que vive ainda, adormecido em sua forma. A concha é o exemplo mais manifesto de uma vida universal formada em conchas.

Ao que se sabe o homem é parte constituinte da natureza, essência também da natureza, vindo do pó milenar das coisas, de origem imemorial, conforme destacou Moreira (1984, pp. 80/81)

O homem é ele próprio natureza e história: natureza hominizada. A hominização do homem pelo trabalho de transformação da natureza é decorrência de ser ele o sujeito

e o objeto de sua própria história. O homem naturiza-se historicizando a natureza e historiciza-se naturizando a história. Por isto, dialeticamente, quanto mais com o desenvolvimento científico e técnico o homem cresce em poder sobre a natureza, ele mais dela se liberta e mais com ela se funde, porque mais dela e nela se incorpora. A natureza está no homem e o homem está na natureza, porque o homem é produto da história natural e a natureza é condição concreta, então, da existencialidade humana.

Pelo viés da Geografia observamos o Cerrado, enxergamos as coisas e as destacamos no espaço territorial do que, mais tarde, se chamaria Goyaz! A literatura, com sua carga semântica, carregada de profundos significados, funda o espaço e os lugares e constrói uma espacialidade própria, regida, também, pela emoção. Assim ocorreu em Goiás. Tantos escritos mostraram o espaço por uma ótica diferenciada, continuando ainda a ser Goiás, terra perdida nos confins do País.

Até mesmo os escritos teóricos da Geografia se firmaram numa tentativa de buscar abranger a realidade espacial em diversas escalas, já que, segundo Chaveiro e Castilho (2007), o Cerrado passou a ser visto em profunda horizontalidade, como toda a Geografia brasileira passou a abordar seus temas. Em casos específicos, assim também ocorreu com a Literatura. Antagonicamente, a mesma Geografia abriu espaço para a renovação crítica, que se operou no início dos anos de 1980.

Na fusão Literatura e Geografia, a visão de território se identifica, na concepção de Garcia (2010, p. 15): “O território, nessas representações aparece focalizado muito além da Geografia porque está inserido na dimensão da política e do poder”. E o poder estava muito longe, no Rio de Janeiro, nas mãos de um monarca estudioso.

O interior era sempre o interior, com seus atrasos e dificuldades inimagináveis. E tal distância e desconhecimento alimentava o imaginário de muitos no litoral e nas cidades mais opulentas e desenvolvidas, como tão bem estudou Julio Suzuki em suas muitas obras sobre a simbiose possível entre texto literário e Geografia.

Os textos em prosa e verso, sejam por poemas, odes, elegias, éclogas, romances, contos, novelas, crônicas, relatos históricos, os mesmos evocam o passado e o presente, a configurarem o Cerrado com as suas constituintes próprias, vegetação, fauna e flora; assim como recriam pessoas, lugares, rurais ou urbanos e dinamizam a memória e os acontecimentos. Repensam os atores do mundo cerradeiro e a evolução questionável de um mundo modificado paulatinamente.

Geograficamente configuram o tempo e mostram a dinâmica social e política que engendrou toda uma transformação. Mostram, ainda, a ligação com o ideário de construção de

uma Nação, sob a égide da Monarca e o ideário que estaria longe de ocorrer, que era a unificação. (GARCIA, 2010).

Há um diálogo com os lugares e particularização da região, configurando todo um universo reconstruído pouco a pouco. Desde o princípio, as categorias geográficas foram inseridas na análise da criação literária goiana, a identificar o Lugar sob primazia. Era preciso dizer o que era o Cerrado nessa visão; dentro dele o recorte de Goiás pelos gêneros e os autores selecionados pela escala do tempo, na cronologia.

Tantos que vieram para Goiás e particularizaram a região, na criação de tantos diferentes lugares no chão do Cerrado, configuraram o dinamismo dos ciclos econômicos no ir e vir pela terra goiana: Ouro, gado, cidades, fazendas, plantações, ferrovias, indústrias. Idas e vindas num mesmo chão. E os literatos tentaram identificar esse chão, chão vermelho de ermos e gerais, de caminhos e descaminhos, de tropas e boiadas, a recordar os nomes de obras literárias de Eli Brasiense, Carmo Bernardes, Bernardo Elis e Hugo de Carvalho Ramos, tantos e tantos outros.

E nos começos do “chão cerradeiro dos goyazes”, o que se buscava da natureza eram as riquezas minerais nascidas no seu solo. O que estava guardado dentro da terra e o que ela escondia. O de sobre a terra, no caso o Cerrado, no princípio pouco importou.

### **1.1.Os primeiros ramos de uma longa e insondável história do Cerrado**

E, ao contrário do que se pensa sobre a importância histórica do Bioma-território Cerrado e de suas terras, na imaginação geral, o mesmo se constitui em terras muito antigas, configurado, na arqueologia, como região do Holoceno antigo. Há muitos sítios arqueológicos no Cerrado, principalmente na região de Serranópolis, no Sudoeste goiano, em que se encontram vestígios pré-históricos.

Segundo a pesquisa de Schimitz (1982), as primeiras instalações humanas no Cerrado datam de 8800 anos a.C. Os estudos nos sítios mostram que os homens desse tempo eram caçadores, que se alimentavam de tatus, veados e lagartos;comiam ainda várias espécies de moluscos terrestres, abundantes ao longo dos paredões úmidos e cobertos de matas; ainda comiam os frutos que hoje vemos no Cerrado como complemento da alimentação.

Só a partir de 1727, data oficial da ocupação, essas terras passaram a ter dono, no recorte do que seria Goiás, como mostram as cartas de Sesmaria, títulos de posse dos terrenos, como esta original, de 1733, das primeiras concessões nas proximidades de Vila Boa de

Goyaz, no que se chamou “terra dos goyazes” e que permitiam a posse e a utilização das terras no âmbito do Cerrado intocável então. Esta Carta de domínio, original, em grafia da época, registra a posse, seis anos depois da chegada de Bartolomeu Bueno:

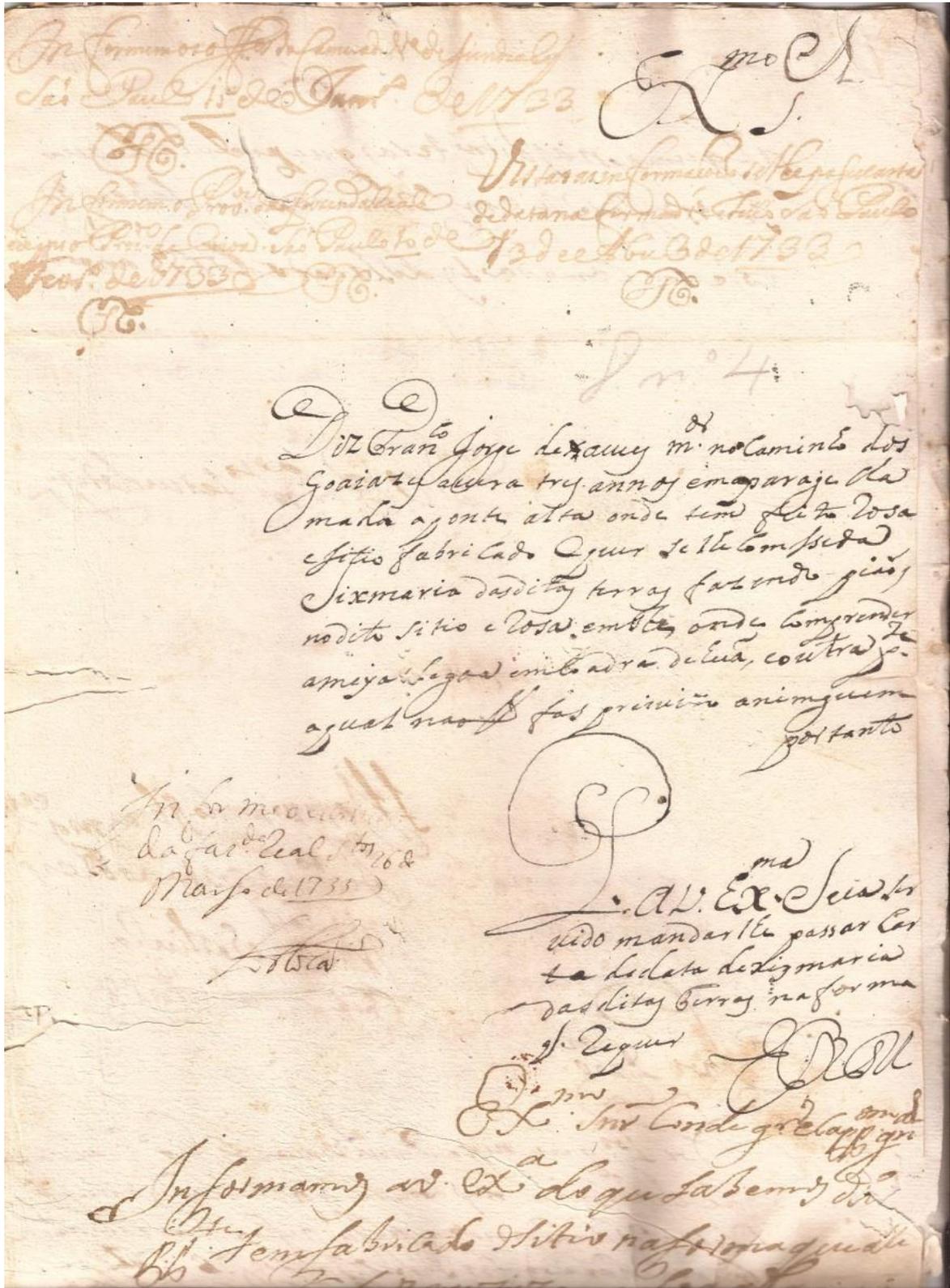


Figura 3 – Carta de Sesmaria de 1733. Acervo original de Bento Fleury Curado.

Usavam esses primeiros homens Cerradeiros os instrumentos rudimentares feitos de pedras, com lâminas unifaciais bem feitas, ao certo para cortar as peles dos animais caçados. Nas cavernas, ainda podem ser vistas pinturas rupestres que singularizam esses animais, suas caças e suas vidas no inóspito ambiente, em animais como lagartos, tatus e onças. Há representações de árvores do Cerrado, o que mostra esse Bioma-território como resistente.

E tanto resisitu que, no século XX, nos anos de 1950 estava aberto à “nova descoberta do Brasil”, como se asseverou, quando se doou para a construção de Brasília. Na fotografia abaixo, de 1956, mostra a comitiva oficial vinda do Rio de Janeiro, cruzando o campo limpo do Cerrado onde seria a nova capital. Conheceram esse Bioma-território tão desprezado, de pequenas árvores “enfezadas”, que cediam campo ao maior projeto de nossa história. Daí por diante, o Cerrado e, dentro dele, Goiás, seria conhecido do resto do País.



Figura 04 – Fotografia da comitiva oficial de reconhecimento do local da futura capital do País em meio ao Cerrado. Foto de Ernesto Silva, da *Revista Cruzeiro*, de 1956. Era o Cerrado até então desconhecido, que passaria a fazer parte do cenário das discussões políticas brasileiras.

Esse Cerrado, na pesquisa de Schimitz (1982) foi habitado por um só tipo de cultura humana após o término da glaciação. Esse tipo vida, de insipiente sociedade e de homem, com a sua cultura, no campo da arqueologia foi denominado de “tradição Itaparica”, que era composta de grupos estáveis e instáveis no território que se denominaria mais tarde, Goiás!

Goyaz, como se grafava, nasceu, assim, do mistério e do insondável das minas com seus sonhos e frustrações! O meio inóspito, o Cerrado, o Bioma-território era completamente esquecido e desprezado. O de cima da terra nada valia; valor tinha o que estava escondido, como já foi referido. Razão disso é que, sempre nas descrições geográficas e históricas desse período, o Cerrado é completamente desprezado.

A ambição da Coroa Portuguesa pelo ouro do coração do Brasil, nas minas de Cuyabá e de Goyaz, tornou-se gigantesca. Era um novo Eldorado bravio e desconhecido.

Nesse imenso território de Goyaz, as minas setecentistas eram comandadas pelos guardas-mores que se comprometiam a pagar ao menos 20%, ou, a quinta parte, para a Fazenda Real. Era esta a economia da Coroa, que explorava absurdamente a colônia e as novas minas que apareciam em pleno centro do Brasil, como asseverou Garcia (2010).

O sistema rudimentar de aluvião era o empregado na exploração do ouro, cavando os barrancos dos rios nas vilas de Santa Cruz, Vila Boa, Pilar, Crixás e Meia Ponte principalmente. Era uma atividade predatória, destruidora dos leitos dos rios, utilizando mão de obra escrava. Lenta e difícil, era pouco rentável.

Do surgimento do Arraial de Santana de Goyaz em 1727 até 1749, o nosso território era insignificante como parte administrativa da Colônia. Só se esperava a riqueza que surgia de cada mina descoberta pelos afoitos faiscadores e exploradores do desconhecido chão. O espaço era fatiado em Sesmarias, conforme aparece esta abaixo, de 1754 e estas garantiam a posse, as riquezas do chão e até a exploração mineral.

Esta Carta de Sesmaria demarcava o domínio. O chão do Cerrado, outrora pertencente às diversas tribos indígenas, passou a ser dominado por únicos donos, senhores de poderio no século XIII, ávidos por ouro. A terra pouco importava e pouco valia, ao contrário. O chão cerradeiro era desvalorizado como “terra fraca”. Buscava-se o ouro e as riquezas minerais mais rápidas.

Tudo porém foi passageiro, rápido, fugidio. O ciclo do ouro foi deveras curto e os donos das Sesmarias, em maioria desiludidos, abandonaram esse chão. Poucas décadas depois estas mesmas terras mudavam de dono.



inferior, nos escritos dos viajantes e estudiosos. O direito sobre a terra abria o sentimento também de pertencimento, que, mais tarde, seria alcunhado de “nacionalismo”, muito utilizado na Literatura, principalmente no Romantismo; em Goiás muito tardiamente pela distâncias geográficas e culturais.

Mesmo o chão dividido e vigiado à maneira da época, o contrabando, porém, acontecia com frequência, haja vista que a Capitania de São Paulo, muito distante administrativamente, não conseguia coibir os roubos aos cofres reais. Por esta razão e pelo crescimento contínuo da população das regiões das minas de ouro, o Conselho Ultramarino decidiu em 1749 criar a Capitania de Goyaz.

Assim, segundo Pietrefesa e Silva (2011), há multiplicidades na relação entre o homem e o seu meio, notadamente em Goiás, o que criou diferenças sociais e, também, culturais, marcas do existir do homem sobre o seu próprio mundo. Nesse ponto de conhecimento, esclarece Garcia (2010, p. 219), o uso de mapas foi essencial e necessário:

O ambiente natural e o homem, uma relação histórica! Uma relação que envolve temporalidades e espaços, mas também sentimentalidades. As intervenções deixam marcas no ambiente e no homem. A antropologia buscou no conceito de cultura romper com os determinismos (biológicos ou geográficos) que tentavam explicar as diferenças culturais.

Historicamente, o primeiro Governador da Capitania de Goyaz foi Dom Marcos José de Noronha e Britto, o 6º Conde dos Arcos, nascido em 04 de maio de 1712 e falecido em 14 de agosto de 1768, casado com Maria Xavier de Lencastre. Esse título de Conde dos Arcos foi criado em 08 de fevereiro de 1620 pelo rei Felipe II de Portugal, ou Felipe III de Espanha, em favor de Luis de Lima Britto e Nogueira. Seguiram-se Dom Lourenço Maria de Lima Britto Nogueira, Dom Tomás de Noronha, Dom Marcos de Noronha, Dom Tomás de Noronha.

O escoamento das riquezas era feito por meio de precárias estradas, notadamente na “Estrada do Sul”, principal da Província, que, de tempos em tempos, sofria reparos por engenheiros técnicos vindos do Rio de Janeiro, como atesta o documento abaixo, datado de 1882, do “Palácio da Presidência de Goyaz”. Esses serviços permitiam o escoamento da pouca produção local, assim como a chegada de possíveis aventureiros que por esse grande interior vinham em busca de riqueza ou mesmo para esconderijo. Daí a ideia de “terra de ninguém”.

1.ª Secção  
N.º 86.  
Palacio da Presidencia de Goyaz  
29 de Setembro de 1882.

Comunico a Vm.<sup>ca</sup>,  
para os fins convenientes, que  
nesta data, autorisei ao Sr.  
Engenheiro da Provincia a  
mandar fazer, por adminis-  
tração, os reparos de que se  
cessita a estrada do Sul, na  
Secção comprehendida entre  
esta cidade e o lugar denomi-  
nado - Olaria, e hem assim  
os concertos das suas ponti-  
lhoes que existem na mes-  
ma Secção.

Deos Guarde a Vm.<sup>ca</sup>

Theodoro Rodrigues de Moraes

2.ª Secção  
Theodoro Rodrigues de Moraes  
Goyaz, 29 de Setembro  
de 1882.  
Socrates

Sr. Inspector da Thesaur.<sup>ca</sup>  
Provincial -  
R. do S. 1405

Figura 06 – Documento sobre reparo da “Estrada do Sul”, a mais importante da Província de Goyaz, datado de 1882 e assinado pelo então Presidente Theodoro Rodrigues de Moraes. Acervo de Bento Fleury Curado.

Por esta estrada também vinham os imigrantes. Vindos de terras distantes, muitos d'além mar, traziam os preconceitos da época e se dedicavam a administração da mineração e pouco se importavam com o meio natural ou com as nossas possíveis riquezas vegetais, na visão de Palacin e Moraes (1982).

O caráter épico dado ao descobrimento das minas de Goyaz, explorado por muitos historiadores do passado caracteriza uma ideologia marcada pelo gosto ao literário, principalmente na *Memória* escrita por Silva e Souza, ou seja, pintar com nuances de epopeia, a saga dos primeiros caminhos abertos por aventureiros diversos nos caminhos e na “picada” para Goyaz. Essa *Memória* é um dos primeiros tratados sobre nossa terra, escrita de forma incisiva, a investigar os feitos dos primeiros homens que se aventuraram nesse chão.

Havia, conforme preconiza Lambert (1978, p.101 ), a diferença contrastante entre os dois brasis, a concepção de atraso e avanço, colimando com gritantes diferenças regionais, na resistência e na evolução, com as suas marcas específicas. Um contempla o atraso,o outro as novas técnicas de uso do meio. Dois chocantes países dentro de um só.

Entre o velho Brasil e o novo existem séculos de distancia... Existem dois países, entre os quais é difícil distinguir o verdadeiro; na fazenda do interior, o homem do campo trabalha de enxada e transporta uma colheita insignificante em carroças rangentes que precisam ser puxadas por três ou quatro juntas de bois, porque a roda maciça não gira sobre o eixo; na cidade de São Paulo, a cada hora termina-se um prédio e, para sustentar um arranha-céu muito pesado que começa a inclinar-se, congela-se o solo... A luta entre as forças do movimento e as da resistência apenas começou.

Tudo aqui era um território puro, entendendo-se o termo como uma faixa completamente alheia do mundo ocidental, experienciada apenas pelas tribos indígenas que por este chão parado perambulavam na busca de caça e da pesca.

O Cerrado primeiramente é visto como Bioma-território menor, inferior, descrito com agudeza e distanciamento, como confirma o conceito de Youssef (1992, p. 12) e sua visão mais didática sobre o mesmo:

Árvores pequenas de casca grossa, galhos retorcidos, flores e folhas que aparecem de cera compõem a paisagem do cerrado. Uma vegetação rasteira forma um tapete sobre o solo. Na estação da seca, a poeira recobre essas plantas, o que lhes dá um aspecto rude. Na época das chuvas, essa paisagem se mostra verde e viçosa. Essa vegetação resistente, que não costuma despertar o interesse das pessoas, tem tal aparência porque o solo do cerrado é rico em alumínio.

Não era um território na concepção geográfica atual, de um mundo em contrastes, lutas e conquistas dos mais fortes sobre os mais fracos. E nem mesmo o território na visão da Geografia Econômica, de George (1961), em que o homem é avaliado a partir da força de produção e das transformações do meio físico, na aquisição e permuta de bens materiais e de consumo.

Uma interpretação espacial do Cerrado segundo Chaveiro (2010), destaca sua função em abrigar o mais importante corredor econômico do País, três capitais planejadas, inclusive a federal e um maciço populacional crescente. São impactos e pressões sobre o ambiente, que não podem ser desprezados quando se estuda o Bioma-território em sua totalidade.

O mesmo destaca Ferreira (2010), sobre a sustentabilidade do Cerrado brasileiro e seus desafios no século XXI, alternando possibilidades no âmbito da discussão, do conhecimento e do turismo sustentável. Uma sustentabilidade decantada, divulgada, como exemplo no cartaz abaixo, elaborado pelo SEBRAE, ao evocar a necessidade de se preservar o Cerrado ao futuro. Novas imagens e novos conceitos sobre o Bioma-território tão importante ao equilíbrio dos recursos brasileiros.



Figura 07 – Projeto Preserva. Visão do Cerrado como fonte de sustentabilidade, já no século XX, evocando animas, vegetação e água. Acervo do SEBRAE.

Mas, a transformação do Cerrado impacta os sujeitos ali existentes e a suas maneiras de enxergarem o mundo, as coisas, os acordos econômicos e até a questão do dinheiro, do poder, da compra, do consumo: camponeses, indígenas, trabalhadores, migrantes, lavadeiras, pequenos sítiantes; todos sofrem os impactos das grandes culturas como soja, algodão e cana, que chegaram, ampliaram os espaços de produção, mas trouxeram muitas transformações. Mas, de toda maneira, segundo Gomes (2010), o Cerrado possui uma identidade que o singulariza.

Na descrição do Cerrado, Gomes (2008, pp. 443/444 ), destaca que o mesmo possui diferenças marcantes em sua constituição, em suas particularidades, a saber. Particularidades antes vistas como negativas e de difícil entendimento e hoje, entendidas à luz de outra interpretação, de ordem econômica, de uso.

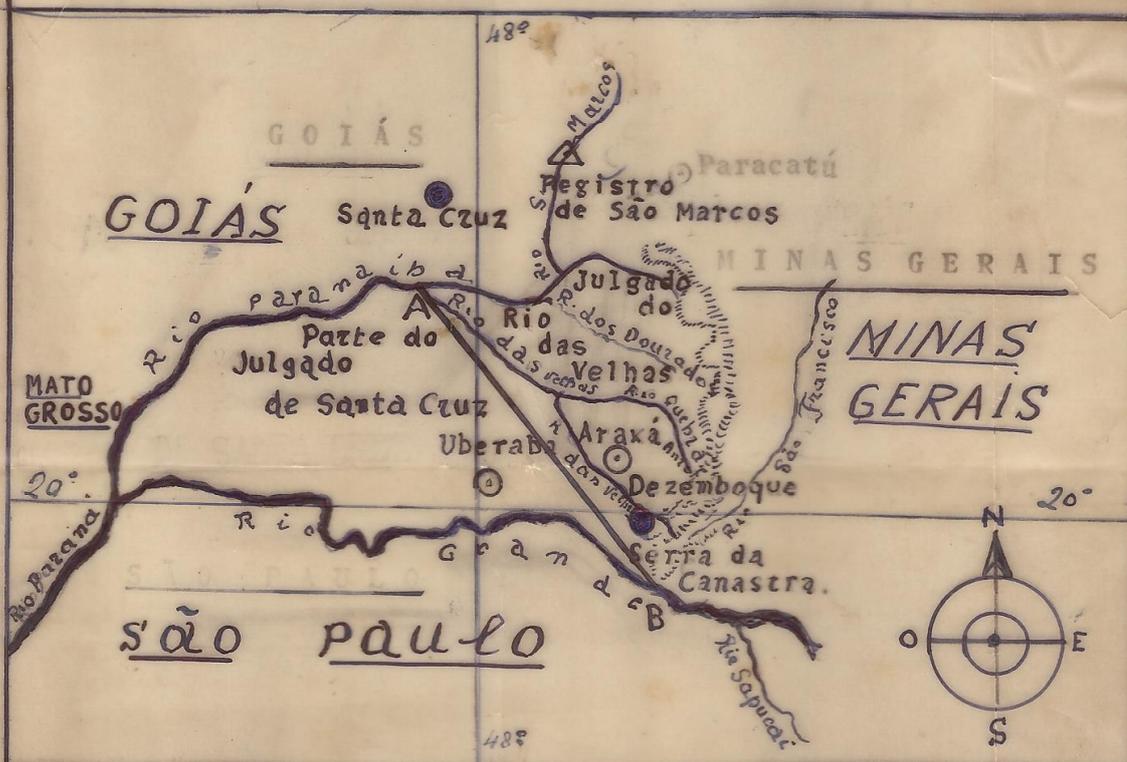
A área nuclear do Cerrado não pode ser entendida como uma unidade zoogeográfica, tampouco pode ser considerada uma unidade fitogeográfica, porque não se trata de uma área uniforme em termos de paisagem vegetal. Porém, se aos fatores zoogeográficos e fitogeográficos forem agregados fatores morfológicos e climáticos, dentre outros, ter-se-á maiores elementos para a sua compreensão e definição como um sistema biogeográfico composto por subsistemas específicos, pela fisionomia e composição vegetal e animal.

E a princípio, nos estudos geográficos, históricos e econômicos, o Cerrado era visto como infértil e improdutivo, lugar de terra ruim, para, ao depois, suceder justamente o contrário, servir como celeiro do País, conforme assevera Gomes (2008, p. 312):

O professor Mário Guimarães Ferri, certamente um dos maiores estudiosos do Cerrado no século passado, ao prefaciar os Anais do “I Simpósio sobre o Cerrado”, no início da década de 1960, demonstrou que se tornava necessário voltar as vistas para a utilização das terras do Cerrado, de qualidade inferior, mas abundantes e de baixo preço.

Quando Goiás ainda possuía as terras do Triângulo Mineiro, sua área de Cerrado era ainda maior e fazia parte do rico julgado de Santa Cruz de Goiás, como nos mostra o mapa abaixo, de 1940; ao identificar os limites com Minas Gerais, a partir da “leitura”, do mapa de 1778, ou seja, o maior Julgado, de terras férteis, era o de Santa Cruz de Goiás, que abrangia inclusive grande parte do Triângulo Mineiro, nas cidades de Araxá, Sacramento, Bagagem, Estrela do Sul, Desemboque, Frutal, Abadia do Bonsucesso (Tupaciguara), Uberaba e São Pedro de Uberabinha (Uberlândia), que, há duzentos anos, passou para Minas Gerais, em 1816.

EXPLICAÇÃO CARTOGRÁFICA N. 2  
 \*\*\*\*\*  
 Para a história territorial do ESTADO DO TRIÂNGULO.



PARTE DO TERRITÓRIO DO JULGADO DE SANTA CRUZ E DE TODO O TERRITÓRIO DO DEZEMBOQUE QUE FICARAM COMPREENDIDOS ENTRE OS RIOS PARANAÍBA, SÃO MARCOS, CORDILHEIRA DIVISÓRIA COM MINAS GERAIS e RIO GRANDE NA DIVISA COM SÃO PAULO conforme a reorganização dos JULGADOS GOIANOS procedida pelo GOVERNADOR JOSÉ DE ALMEIDA VASCONCELOS SOWERAL e CARVALO por ato de 20 de abril de 1778.

COPIA PARCIAL DO MAPA DA CAPITANIA DE GOIÁS LEVANTADO PELO SARGENTO MÓR TOMÁS DE SOUZA POR DETERMINAÇÃO DO REFERIDO GOVERNADOR.

Desenho de FELIX RENATO PALMÉRIO.

Felix Renato Palmério.

Figura 08 - Mapa elaborado por Félix Renato Palmério a partir do elaborado em 1778. Acervo de Bento Fleury.

A Geografia, por sua vez, lança um olhar profundo sobre a história e nessa caminhada é possível ressaltar a mudança de eixo, desde a mineração, para o ciclo agropecuário e depois tecnológico, que apontou as possibilidades de uso das terras cerradeiras para a agricultura, pois, conforme ressaltam Almeida et al (2008, p. 18),

a finalidade do saber geográfico não é o de elaborar um inventário do que se pode observar na superfície da terra. É sim o de explorar os processos que existem para mostrar como eles modelam o espaço para facilitar a ação humana e para dar sentido à vida de todos.

Nesse pensamento, a contribuição da Geografia no entendimento da história e da evolução humana é incalculável. A “modelagem” do espaço identifica a ação humana na esteira do tempo. É lícito assim, entender que, conforme ressaltou Kahn (1965), o espaço fora do cérebro humano é uma realidade incognoscível e dentro do mesmo, um conceito muito vago, ou seja, que como qualquer fenômeno do mundo, o espaço é dúplice.

Sua concepção muda de homem para homem. Na própria concepção de Einstein, estamos mergulhados no espaço e dele também fazemos parte, portanto jamais saberemos a sua totalidade. Já para Kant, o espaço é a condição essencial para a existência dos objetos nele contidos e por esse motivo o espaço não é neutro.

Hoje, com a intensa gama de estudos e, ao mesmo tempo de problemáticas, expandiu-se muito, também, os recursos e metodologias para a análise. Segundo Barreira (2002, p. 42): “A Geografia perdeu o hábito de olhar, de uma forma que possibilite apreender a totalidade do lugar”. O “olhar” geográfico, hoje, tantas vezes dispersivo, perde a capacidade do mergulho. E essa ausência de mergulho, de aguda observação, remete a uma superficialidade que nivela todos os lugares, perdendo a essência dos mesmos.

Há uma tensão criativa da natureza, que nos leva a nos integrar: homens, seres, frutos, flores. Tudo se integra ou desintegra quando o homem rompe com essa relação pelo seu egoísmo ou ambição desmedidos. Nisso se quebra uma lógica espacial, quebra com a dimensão ontológica de tudo.

Como acreditou, no passado, Lévi-Strauss (1996) em seus *Tristes trópicos*, é impossível haver uma só história ou uma única captação desse imenso espaço de múltiplos acontecimentos, que de tão chocantes, chegam a ser inacreditáveis. Tal fato, na época rompeu com a linearidade do pensamento intelectual, então burocratizado e marxista, buscando criar

uma escala dentro do espaço. A simultaneidade era a única forma possíveis de destacar tantas ocorrências variadas.

Assim, no escopo do estudo sobre o espaço goiano, no tocante ao Cerrado, historicamente, a Comarca do Sul, com os julgados importantes, teve notoriedade em relação ao norte, embora este tivesse outro eixo de comunicação, diferente do sentido litoral. Na questão dos limites da Província, o Julgado de Santa Cruz de Goiás teve preponderância por seu valor geográfico, no caminho da “Picada para Goiás”, como então se falava.



Figura 09 - Vista de Santa Cruz com seus casarios e seus morros verdejantes. Fotografia de Bento Fleury.

Os registros iniciais do desbravamento da região, estão centrados na criação da chamada Picada de Goiás, no ano de 1737. Recebeu, também, o nome de Caminho de Goiás, e se constituía, naquelas distantes épocas em uma das Estradas Reais, que ligavam minas e permitiam explorar e escoar o ouro. Nesses distantes caminhos de ermos e de gerais, como tão bem escreveu o imortal Bernardo Élis (1915-1997) é que se conheceu o coração geográfico da pátria brasileira.

No transcorrer dos anos, a Coroa Portuguesa, sob pena de morte, proibiu os caminhos que levariam às minas, com o receio do escoamento das possíveis riquezas auríferas. Nessa rota, estaria mais tarde, a poética e romanesca Santa Cruz de Goiás.

A crescente leva de aventureiros no rumo de Goiás passava primeiramente por Minas Gerais, varando-se o sertão no caminho do futuro povoado de Paracatu do Príncipe, que pertenceria mais tarde ao imenso julgado de Santa Cruz de Goiás.

Em 1721, determinava-se, porém, uma nova rota que Luís Pedroso de Campos, paulista, que se envolvera em rusgas e que estava foragido, acabou por criar o chamado “Caminho geral dos Goyazes” para ter como indulto de suas culpas com a Coroa Portuguesa.

Nesse constante processo de ocupação econômica das terras do Sul de Goiás e construção da riqueza na região a importância da antiga e histórica Santa Cruz de Goiás ganha relevo. A cidade com grande e vital desenvolvimento nos séculos XVIII e XIX, estiolou-se no século XX por conta do abandono que sofreu dos eixos econômicos então vigentes, por um determinismo político.

Assim, o imenso julgado de Santa Cruz de Goyaz compreendia o território hoje da região do Triângulo Mineiro, que, segundo narra a tradição das Minas Gerais, em 1816, foi retomado àquela Província pela intervenção da cortesã dos tempos do minueto, Ana Jacinta de São José, cognominada, Dona Bêja, que viveu em Formiga, Araxá, Paracatu do Príncipe e depois Estrela do Sul. De seu aristocrático sobrado em Araxá, tornou-se mulher de influência política.

Essa cortesã foi romanceada por escritores de nossa literatura como Agripa Vasconcelos em *A vida em flor de Dona Bêja*, Thomas Leonardos com o livro *Dona Bêja, a feiticeira de Araxá* e o goiano Waldir Luiz Costa também dedicou muitos escritos ao mito triangulino.



Figura 10- Sobrado e hoje Museu Dona Bêja em Araxá, antiga dominação goiana. Acervo de Bento Fleury Curado, do arquivo do Jornal *O Popular*, de 1976.

Por meio de levantamentos feitos por Raimundo José da Cunha Matos é possível um quantitativo de habitantes do Desemboque, Araxá e Uberaba, os três principais núcleos urbanos da região da Farinha Podre nas primeiras décadas do século XIX, como foi visto constituía parte do território de Santa Cruz de Goiás, léguas distante. Geograficamente, Goiás era bem mais extenso no âmbito de área de Cerrado bem maior, já que, nesta região hoje mineira, esse Bioma-território é também é predominante.

Por esse motivo, a história do Sertão da Farinha Podre coloca em evidência uma profunda crise geográfica desse período, marcada por discussões de toda ordem, demarcações de limites territoriais entre as capitanias/províncias de São Paulo, Goiás e Minas Gerais. A região era de fronteira, disputada por muitos.

No livro *Anais da Província de Goiás*, de José Maria Pereira de Alencastre, no que se refere ao ano de 1863 informa que por meio de duas provisões do Conselho Ultramarino, datadas de 22 de junho de 1743 e de 2 de agosto de 1748, respectivamente, foram assinalados os limites entre as capitanias de Goiás e Minas Gerais.

Nesse caso, Capitania de Goiás, então, passou a ser detentora de toda aquela grande faixa de terra. No entanto, com a criação da Comarca de Paracatu do Príncipe, em Minas Gerais, no ano de 1815, uma Ordem Régia mandou desanexar da Capitania de Goiás os julgados de São Domingos do Araxá e do Desemboque, ficando a Capitania de Minas com a posse da vasta extensão territorial compreendida entre os rios Grande e Paranaíba. Segundo a tradição mineira, tal fato político se deveu à interferência de Dona Bêja.

O Julgado de Santa Cruz de Goiás alcançava o Desemboque, núcleo formador de toda aquela região, com a sua bela igreja de Nossa Senhora do Desterro, na embocadura das serras de Minas, antes, de Goiás.

Diversos e intrincados fatores políticos concorreram para o povoamento do território do Triângulo Mineiro e do Alto Paranaíba, isto é, território limitado por dois caudais de grande vulto; o Paranaíba e o Rio Grande, que ao se encontrarem formam o vértice do triângulo. Essa região foi alvo de grandes disputas por causa da fertilidade de suas terras.

Estavam estas cidades no itinerário da picada que partira de São Paulo, a de Anhanguera, e outra que partira de Minas, mas que desembocava no lugar denominado arraial do Rio das Velhas. De desemboque partiam outros caminhos para Uberaba, Araxá, para as cabeceiras do São Francisco onde esteve o Anhanguera. Esses caminhos eram carregados de homens ambiciosos por ouro e por riquezas.

Mas, os paulistas tinham outras passagens mais a oeste, com destino a Goiás e pouco paravam em Desemboque, então, ambiciosos como sempre, sob a invocação e patrocínio de Nossa Senhora do Desterro, iniciaram a construção de uma igreja de pedra, terminada em 1754.

De forma abusiva, a Capitania de Minas criou dentro do território de Goiás o julgado de Nossa Senhora do Desterro das Cabeceiras do Rio das Abelhas, no Julgado de Santa Cruz de Goiás, que abrangia todo o território do Triângulo Mineiro, fazendo divisa com o julgado de Paracatu do Príncipe.

Essa igreja de Desemboque hoje constitui região abandonada, sendo que o seu patrimônio acabou por ser suprimido por Sacramento.

Vejamos a fotografia da igreja na mais distante localidade em que o Julgado de Santa Cruz de Goiás abrangia, perdida em meio ao Cerrado, na embocadura dos morros, a mostrar o domínio goiano naqueles tempos.





Fotos 11 e 12 – Igreja do Desemboque, ponto último da extensão de Goiás no século XVIII. Acervo de Amir Salomão Jacob, do livro *A matriz da vila*.

Entre os anos de 1762 a 1763 os goianos, por iniciativa do Padre Felix conseguem nomear autoridades para o julgado de Santa Cruz de Goiás e assumir o controle da região para Goiás. Logo depois, as autoridades goianas são depostas mas as questões de limites continuavam duvidosas e sem solução. A briga política até então estava no ápice.

No dia 7 de outubro de 1811, em Araxá, com a presença do ouvidor geral, Dr. Joaquim Inácio Silveira da Mota, Desemboque ficou com o território de entre os rios Grande e Paranaíba (Triângulo Mineiro) e Santa Cruz de Goiás, com o resto da Província. Embora o tratado estabelecesse o limite do julgado, este continuava pertencendo a Goiás e não a Minas. Essa resolução ocorreu, porque Bêja, como sua concubina, o havia exigido segundo corre a lenda, atestada por escritores e literatos como Agripa Vasconcelos, Thomas Leonardos e Waldir Luiz Costa, este último, goiano.

Efetivamente, os moradores de São Domingos de Araxá, molestados com o governo goiano, pela criação de Julgado daquele nome, no território de sua freguesia, aos 20 de dezembro de 1811, dirigiram a D. João VI um extenso requerimento, pedindo a desanexação dos dois julgados. - Araxá e Desemboque - da capitania de Goiás e do Julgado de Santa Cruz de Goiás, e sua imediata incorporação à de Minas Gerais.

Dom João VI, interessando-se pelo assunto, mandou, em 15 de março de 1815, que o governador de Minas o informasse a respeito. Três meses depois, 15 de junho, o rei, suficientemente informado, ordenou ao tenente-coronel do Real Corpo de Engenheiros, Barão de Eschwege, notável mineralogista alemão, que fosse ao Sul, na sede do Julgado de Santa Cruz e depois para Araxá, no intuito de falar das necessidades cuja satisfação se pedia. O relatório do cientista, bastante conhecido em Portugal e no Brasil foi inteiramente favorável aos requerentes.

Esta foi a primeira grande perda territorial e política que sofreu Goiás há duzentos anos, 1815!

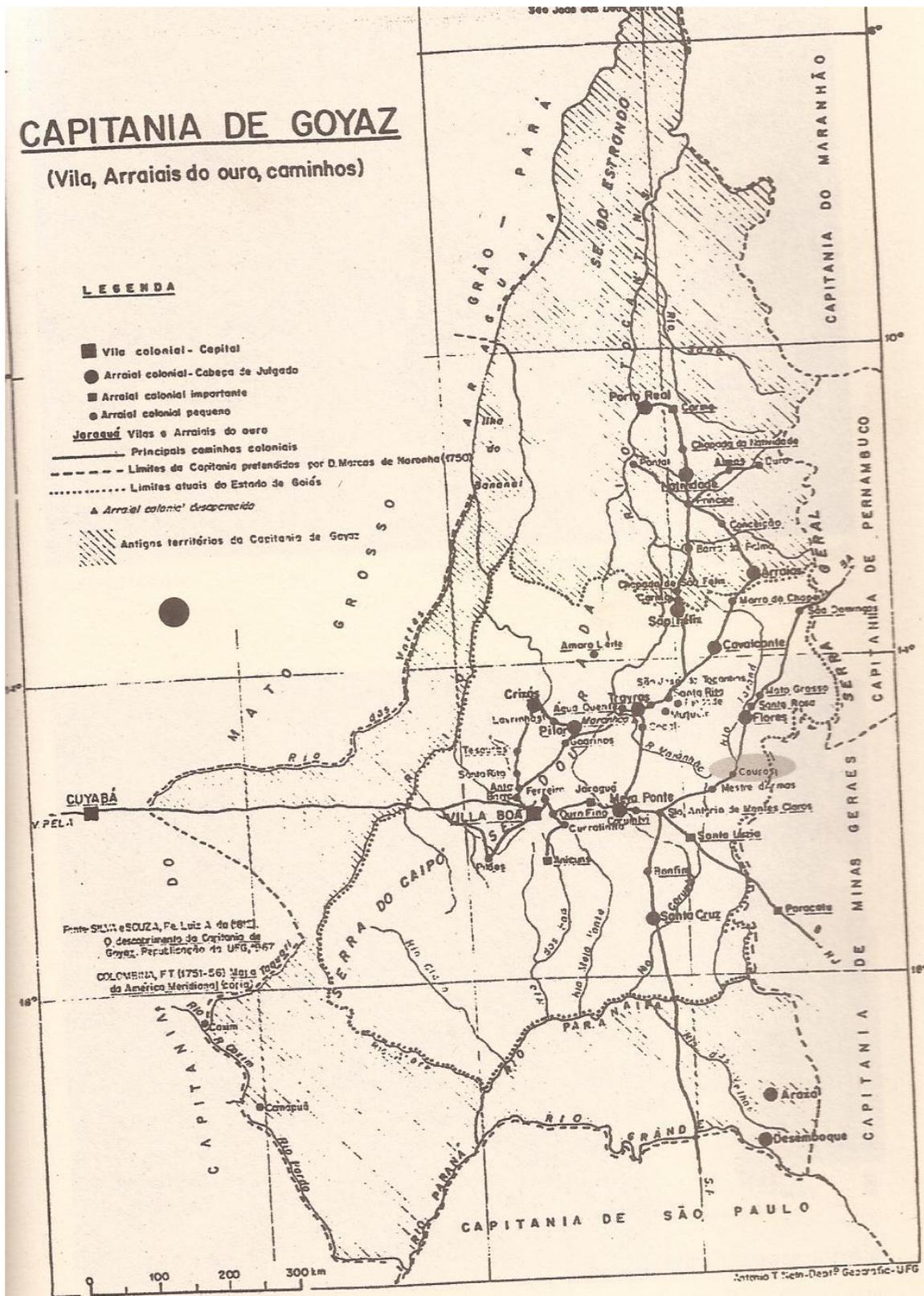
Conforme descreve o historiador mineiro Nabut (1986, p. 44), assim ocorreu a negociação em que o Julgado de Santa Cruz de Goiás perdeu o seu território efetivamente ficando menor:

Em 1815, o Dr. Joaquim Inácio Silveira da Mota, ouvidor geral da Comarca de Paracatu, indo a Araxá, formara à tarde, logo após o lauto jantar daquele dia, uma seleta e respeitável roda de palestra com os maiores do lugar, à praça da Matriz, onde fora hospedado principescamente. Naquele momento, em companhia de um pajem, passou a cavalo, indo de rua São Sebastião para a do Comércio, a formosa jovem Ana Jacinta de São José, a conhecida Dona Beijas. O ouvidor, tomado de violenta paixão amorosa pela donzela, mandou incontinenti raptá-la. Consumado o crime, os parentes da vítima, sem demora, mas cheios de temores, promoveram o processo de régulo que, por força da sua alta posição social, seria julgado pelo governo de Goiás do qual era desafeto. Por isso, de sua parte, ele também se moveu a interceder a D. João VI, pela passagem dos julgados de Araxá e Desemboque para Minas, onde o seu julgamento seria, como efetivamente foi, coisa sem importância.

Sobre a importância estratégica de Santa Cruz de Goiás como caminho para São Paulo, o *Mapa da Província de Goiás* ilustra tal fato, em 1865, ao evidenciar as proporções do antigo Estado, com toda sua extensão no cenário do Cerrado. O mapa elaborado há 150 anos denota a grande extensão territorial quase deserta do antigo Norte goiano e a presença de maiores núcleos urbanos mais ao Sul.

Nesse tempo o Estado já havia perdido território para Minas Gerais, depois perderia para o Distrito Federal e no século XX para o Tocantins.

Nesse mapa aparecem os caminhos do ouro, a fundação de cidades pelo ciclo aurífero e com a decadência desse, o surgimento de outros arraiais pela imposição da agricultura e pecuária, a princípio, de subsistência.



Mapa 01 – Mapa de Goiás de 1865, quando ainda Província. Acervo do livro *Historia de Goiás*, de Amália Hermano Teixeira.





Também, em 1840, era expedido o documento de posse do então Presidente da Província, José de Assis Macarenhas, do Arraial de São Domingos, expandindo domínios:

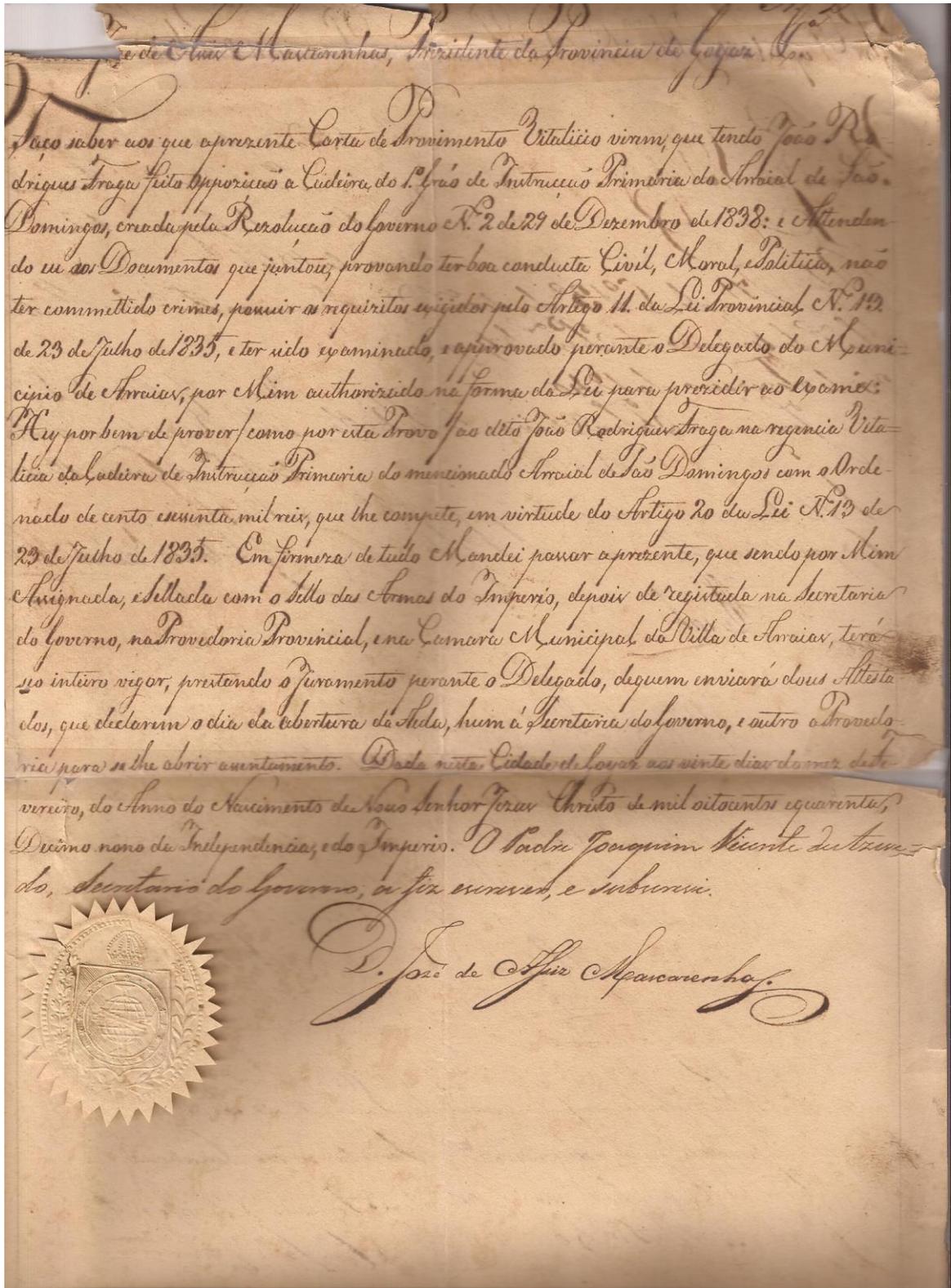


Figura 14 – Documento de Posse de José de Assis Mascarenhas. Acervo de Bento Fleury.

É possível abordar os mais variados aspectos da economia e da população goiana, destacando os fatores que incentivaram migração para o Sul de Goiás a partir das primeiras entradas que estavam relacionadas à exploração aurífera no século XVIII.

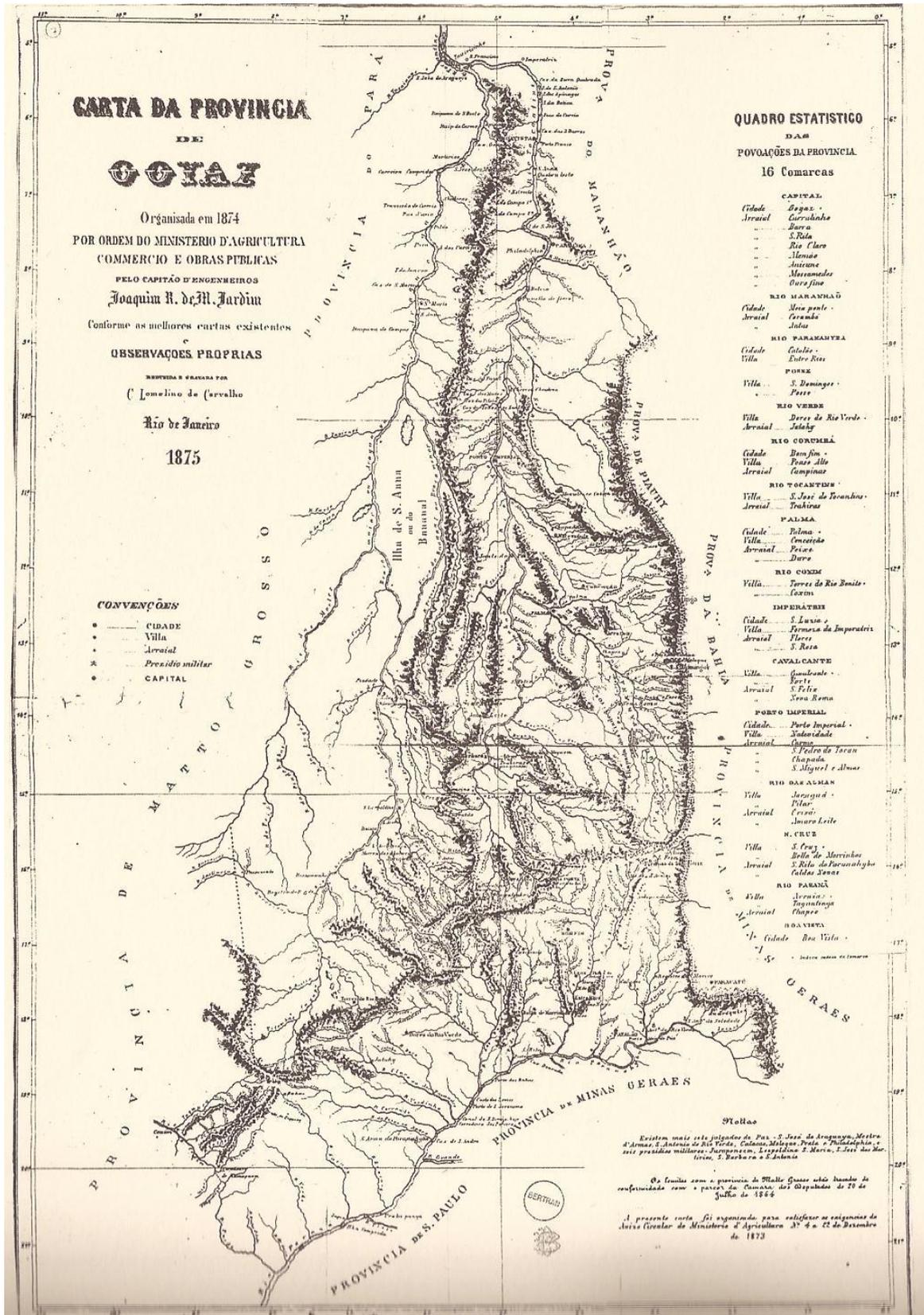
Faz-se importante destacar a compreensão dos fatores que foram determinantes para a intensificação dos fluxos migratórios, no século XIX, quando milhares de mineiros e paulistas se deslocaram de suas regiões e se fixaram no Sul goiano, ocupando e demarcando terras – sobretudo, por meio da posse. Terra e escravos eram os grandes poderios das cidades, notadamente em Santa Cruz de Goiás, cabeça de Julgado.

Tal fluxo, no transcorrer do século XIX, foi intensificado à medida que os meios de comunicação e transportes se desenvolveram integrando de forma mais sistemática Goiás com a região sudeste.

Santa Cruz de Goiás, nesse sentido, estava mais próxima aos centros adiantados do país, por sua posição geográfica, o que facilitava, em épocas distintas, os atos administrativos da Capitania, e depois da Província, em situações específicas.

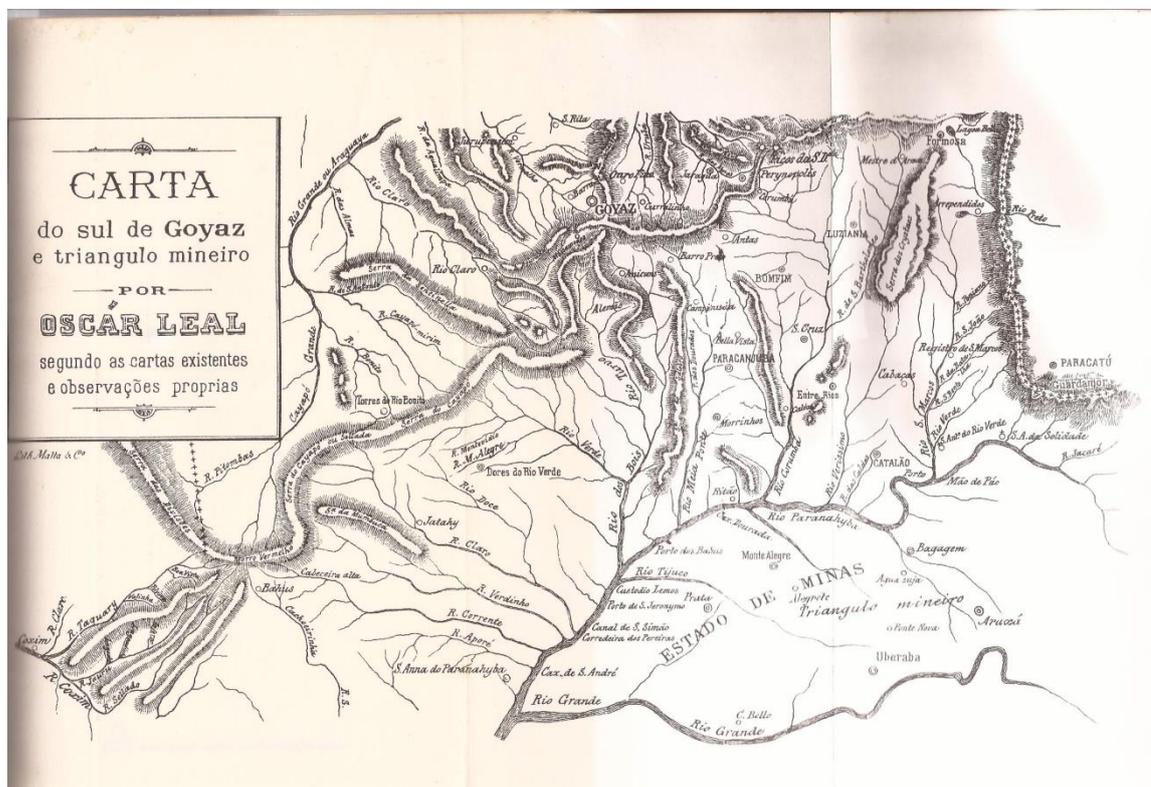
Segundo a *Carta da Província de Goyaz*, publicada em 1875 e que aparece na página 23 do livro *Goyaz*, escrito por Alfredo d'Escagnolle Taunay, aparece o grande Julgado de Santa Cruz de Goiás.

Nesse mapa é possível observar a expansão na Província goiana, sobretudo no sul, com o surgimento de novas cidades, vilas e arraiais, assim como os aspectos de relevo e hidrografia, numa tentativa de conhecimento do território goiano. Foi encomendado por José Henrique da Veiga Jardim e com ordem do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas. Ainda se observa um grande vazio ao norte da Província pelas longas distâncias geográficas.



Mapa 003 – Província de Goyaz em 1875, presente no livro *Goyaz*, de Taunay.

Em 1890, Oscar Leal em sua passagem por Goiás deixou outro importante mapa em que aparece Santa Cruz já subdividida em seu território, ao colocar em evidência a expansão ao Sul do já Estado de Goiás.



Mapa 004 – Sul de Goyaz, na visão de Oscar Leal, no livro *Viagens ás terras goianas*.

Goiás, distante da administração e controle das autoridades constituídas, era um paraíso para o enriquecimento. Havia a maior possibilidade de adquirir terras por meio da posse, independentemente de qualquer formalidade, sendo a legalização das propriedades realizadas posteriormente por meio das “brechas” na legislação: os cartórios locais aceitavam, por exemplo, os contratos de compra e venda dessas terras que acabavam tornando-se legalizadas. Assim ocorreu com a maioria das cidades na região Sul de nosso Estado.

Sobre esse papel histórico escreveu a historiadora Sônia Maria de Magalhães, destacando a questão da alimentação e do abastecimento e também a fome na Província de Goiás naqueles tempos, além de uma nova configuração e a distribuição gradativa do poder.

Já nas primeiras décadas do século XIX, a criação de gado associada à agricultura de subsistência foi se definindo, porém o grau e o ritmo dessa dinâmica variaram conforme o lugar, segundo as observações do Comandante das Armas Cunha Mattos no ano de 1824. Nessa ocasião, a província de Goiás encontrava-se dividida em duas comarcas. A do sul denominava-se comarca de Goiás, e a do norte, comarca de São João das Duas Barras. Tal divisão se manteria até a reorganização administrativa que

marcou o período 1830-1835, com a elevação de vários arraiais à categoria de vila e a reestruturação judiciária, como a divisão do território em quatro comarcas.

A partir desse contexto histórico conforme os levantamentos estatísticos dos presidentes de Província, entre os anos de 1804 a 1832 ocorreu um crescimento populacional significativo na então região Sul de Goiás. Com exceção de Crixás e Pilar, os demais julgados apresentaram aumento, sobretudo, Vila Boa, Meia Ponte e Santa Cruz.

O então Julgado de Santa Cruz que compreendia as terras que correspondem à atual região do sul de Goiás, possuía uma população estimada de 2904 habitantes em 1804. Em 1825, já era a terceira região mais povoada com 5865 habitantes e, em 1832, 7632 habitantes correspondendo a um crescimento demográfico superior a 260%.

Silva e Souza em sua *Memória Estatística da Província de Goiás*, produzida em princípios do século XIX ao retratar o julgado de Santa Cruz, destacava a presença dos migrantes mineiros, em sua maioria, roceiros e criadores, que adentravam com relativa frequência na região, à procura de terras e organizavam seus estabelecimentos na região, fato que a fortalecia e que a tornava necessária à administração de Goiás como ponto estratégico de comércio e empreendimentos.

Outro fator que dificultava a economia goiana era a carência de moedas apresentava-se como um grande empecilho tanto ao desenvolvimento de atividades mais produtivas, quanto ao comércio.

Também era sempre mencionada a ausência de moedas nos relatórios dos presidentes de Província, apontando a sua falta como um fator determinante que impedia o aumento das rendas públicas. Diante desta dificuldade em 1837, o então presidente da Província Luiz Gonzaga de Camargo Fleury lamentava a dificuldade de encontrar coletores, pois a maioria acabava pedindo demissão. A base da troca era uma constante.

Abaixo o documento expedido pelo Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury em 1839, dos originais de seu irmão santacruzano, Antonio de Pádua Fleury, sobre as rendas provinciais, notadamente na cidade de Bonfim, hoje Silvânia, no tocante à Casa de Câmara e Cadeia.

O Padre Gonzaga de Camargo Fleury, com sua influência no Clero e na política, possuía boa influência junto à Corte e conseguia transpor certas dificuldades muito específicas desse imenso interior brasileiro, no bojo do Cerrado, em Goiás.

1

Tendo a Camara Municipal do Villa do  
Bonfim promovido huma subscriçao para  
construir-se huma nova cadea na dita vil-  
la, que importou em 5057200 r., e tendo o go-  
verno auxiliado com 2000000 r. da Fazenda  
Provincial, representou ao mesmo Governo a  
dita Camara que a cadea se achava con-  
cluido, mas que o Administrador exigia  
setenta e cinco mil duzentas e dez r. com que  
arristio por irso que a depiera total monta-  
va em 4804250 r., e que nao podendo a di-  
ta Camara supprir esta quantia pedia  
humm supprimento pelo Caixa Provincial;  
o Presidente da Provincia ordena ao seu  
Provedor de Fazenda que mande entre-  
gar a referida Camara a sobredito  
quantia de 457250 r. de acordo-se do 2.<sup>o</sup>  
2.<sup>o</sup> Art. 6.<sup>o</sup> da Lei n.<sup>o</sup> 15 de 4 de setembro de  
1837. Tabacio do Governo da Provincia  
de Goyaz 8 de Junho de 1839.

Luiz Gonzaga de Camargo Fleury

Figura 15 – Documento do Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, datado de 1839. Acervo de Bento Fleury.

Até então, por meio de ma economia insipiente, os arraiais que se tornaram vilas e posteriormente cidades em Goiás, durante o século XIX e primeiras décadas do século XX, originaram-se, em sua grande maioria, de patrimônios religiosos, em que um ou mais proprietários, doavam terras ao santo de sua devoção, por meio de documento público onde o beneficiário era a autoridade eclesiástica. Em Goiás, vários de seus patrimônios se desmembraram durante o século XIX em virtude do crescimento da agricultura e pecuária na região.

Abaixo um documento, em que o Santacruzano Luiz Gonzaga Bueno da Fonseca recebe contas da Fazenda Provincial, ele, descendente de Bartolomeu Bueno, dos que se fixaram no Julgado de Santa Cruz de Goiás no século XIX.

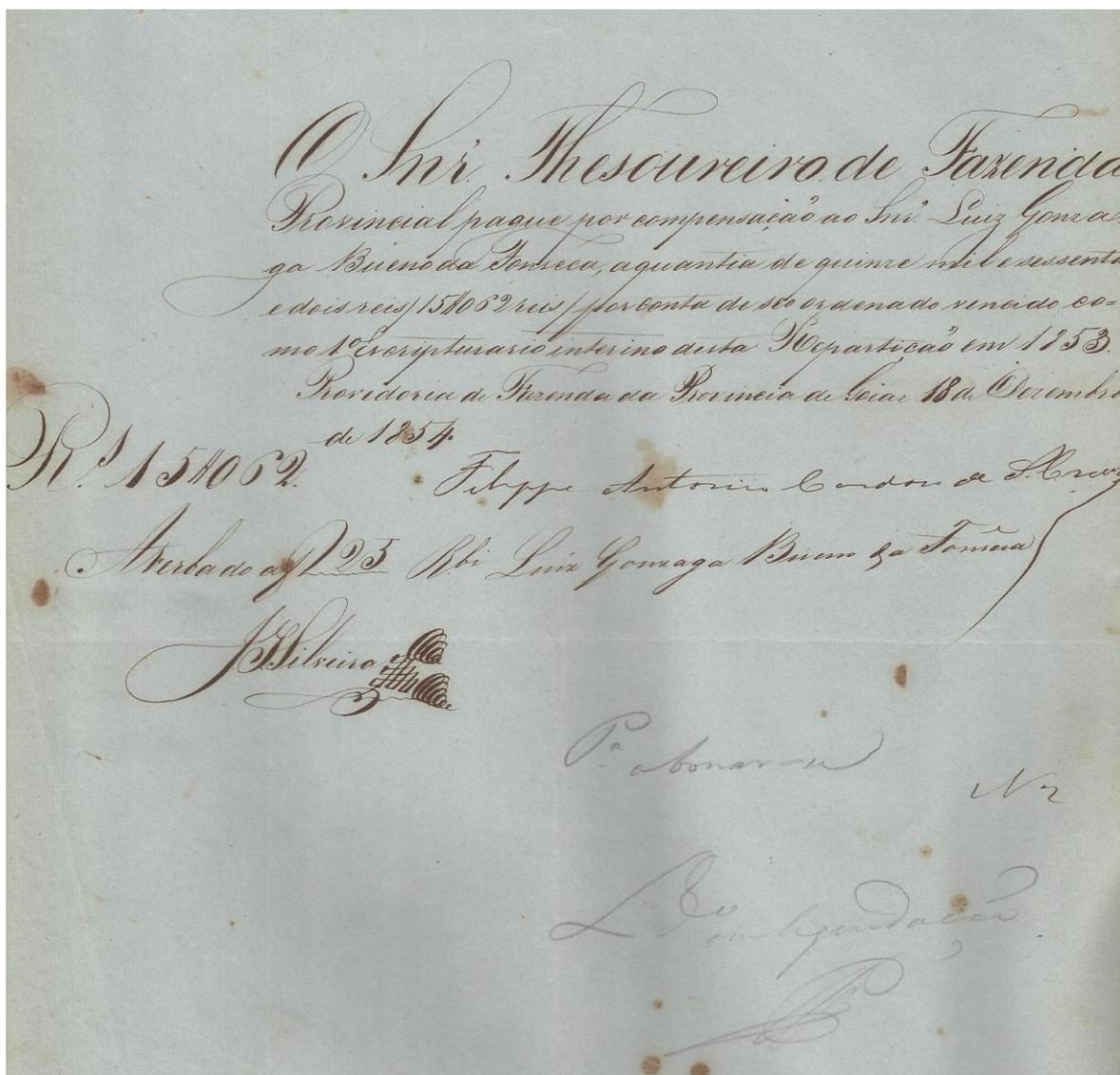


Figura 16 – Documento de Luiz Gonzaga Bueno da Fonseca, datado de 1854. Acervo de Bento Fleury.

Sobre o uso da terra, o então governo de Goiás recebeu missiva em 21 de dezembro de 1873 sobre o uso das terras para lavoura, assinado por José Fernandes de Castro, como símbolo do Império.

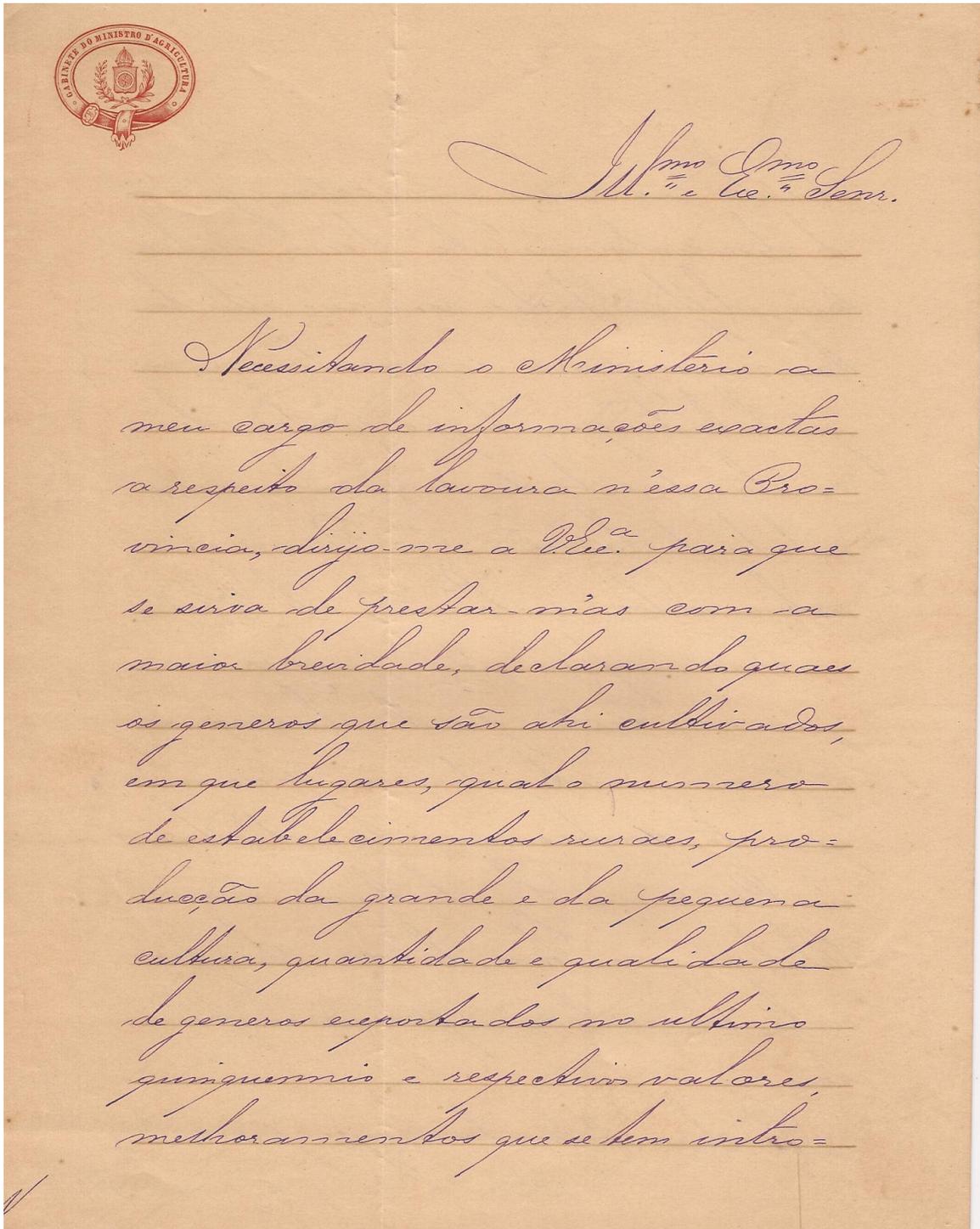


Figura 17 – Documento de 1873, sobre o uso de terras na Província. Acervo de Bento Fleury.

No período em que Leite de Moraes governou Goiás (1881-1882) já se percebia um fluxo migratório intenso para as regiões Sul e Sudoeste de Goiás na primeira metade do século XIX, intensificaram o fluxo de viajantes, migrantes e o transporte de mercadorias pela estrada do sul e já também na década de 1850, diante do apelo da população local e dos comerciantes foi construída uma balsa no Porto de Santa Rita do Paranaíba, parte integrante do Julgado. Desse período econômico escreveu Sônia Maria de Magalhães, na citada obra:

Por vezes, em ocasião de lauta pescaria, vendia-se o excedente para os viajantes, ao longo dos caminhos. Em São Félix, norte da província, as práticas agrícolas coexistiam com a fundição de ferro e aço, conhecidos pela excelente qualidade, vendidos a 300 réis a libra. Contudo, a produção desses metais decaiu quando a casa de fundição foi transferida para Cavalcante. As práticas econômicas diversificadas concentravam-se nos arraiais de Meia Ponte, Bonfim, Santa Cruz, Couros. Da localidade de Couros, por exemplo, denominada assim por causa da abundância de bovinos e feras que ali se acumulavam, exportava-se grande quantidade de gado e de pele de animais silvestres para o Rio de Janeiro e outros lugares. Seus habitantes viviam ainda da lavoura e das atividades do curtume.

Já na década de 1890 migrantes continuavam a afluir para além das fronteiras. Assim, pela estrada do sul passavam as boiadas procedentes do centro-oeste em direção aos mercados consumidores do sudeste e, por ali chegavam os principais produtos importados por Goiás do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais.

É lamentável que a historiografia brasileira e goiana pouco tenha se referido aos fluxos migratórios internos para a compreensão da dinâmica da ocupação e do processo colonizador de Goiás fora dos eixos de Vila Boa.

Com isso, muito do dinamismo dos mineiros no povoamento de Goiás ficou esquecido, e para onde afluíram famílias como Correa Bueno, Martins da Veiga, Martins Assumpção, Rosa do Carmo, Gonzaga Menezes, Coelho de Siqueira, Sousa Rosa, Luis Guimarães, Rodrigues Paiva, Antônio de Barros, Mendes Moreira, Barbosa de Amorim, Araújo Moreira, Pereira Vargas, Mattos, Parreira e mais outras dezenas de famílias anônimas de pardos e negros que se fixaram na região no século XIX.

As terras eram divididas entre os familiares e agregados na labuta diária no grande Julgado; o imenso trabalho era feito com o uso dos braços, tendo como instrumentos a enxada, o machado e a foice, sendo muito lento e com baixa rentabilidade produtiva.

Era uma economia de subsistência. As fazendas eram feudos e as casas dos proprietários eram erguidas sob uma estrutura de madeira, assoalhadas, geralmente de pau-a-pique ou adobe, barreadas, caiadas e cobertas por telhas, com uma planta retangular, com

telhado de duas águas e uma repartição interna simples. Geralmente, eram sem forro sobre um porão e às vezes de terra batida, com um mobiliário rudimentar, nada de luxo.

No território que compreendia a atual região sul de Goiás – Silva e Sousa já notava em 1832, uma intensa migração mineira na região que se dedicava à agricultura e criação extensiva. Era o segundo foco da economia que se concentrava na região devido a dificuldade de se obter ouro, principalmente no Morro do Clemente.

Também das Coletorias no âmbito do Julgado, as divisas econômicas eram traçadas, como o exemplo de Bonfim, hoje Silvânia, em 1839. Em Santa Cruz de Goiás, o Coletor era o conhecido Manuel Lobo, que contabilizava as roças e as plantações do imenso território, conforme se prescreve no seu livro de tombamento de toda a produção agrícola da região em 1839:

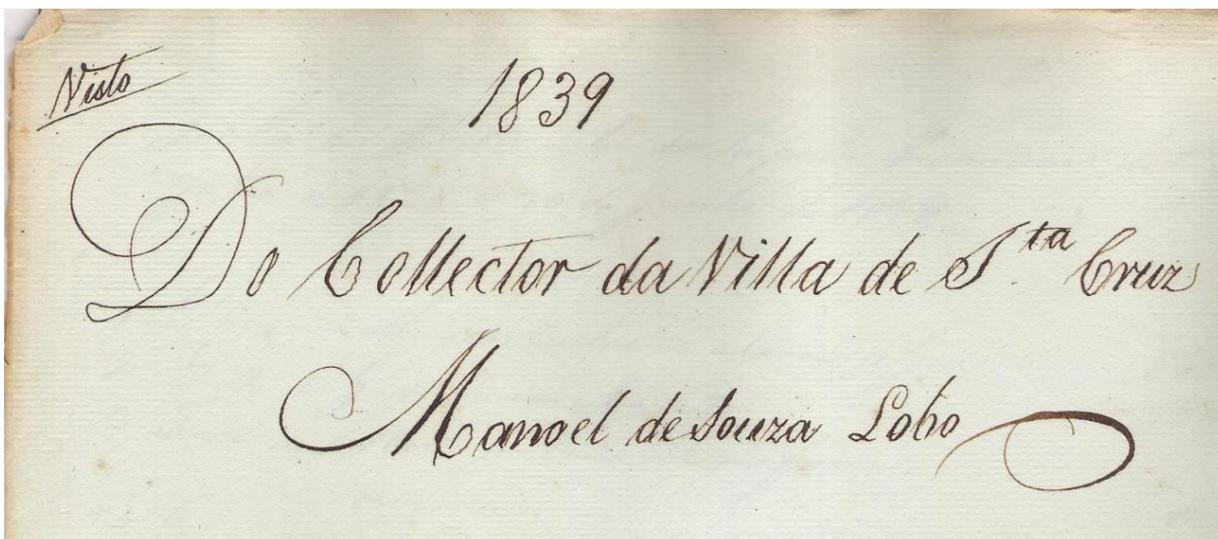
A photograph of a handwritten document on aged paper. In the top left corner, the word "Nisto" is written in cursive. In the top center, the year "1839" is written. The main body of the text is a signature in cursive that reads "Do Collector da Villa de S<sup>ta</sup> Cruz" on the first line and "Manoel de Souza Lobo" on the second line, ending with a large decorative flourish.

Figura 18 – Assinatura do Coletor Manoel de Souza Lobo em 1839. Acervo de Bento Fleury

Dessa forma, de acordo com o seu relato havia no julgado de 37 sesmarias mais ou menos cultivadas, 816 roças mais ou menos consideráveis e algumas insignificantes; havia somente 19 pequenos engenhos que fabricavam açúcar, aguardente e rapaduras, porém, nem todos trabalhavam durante todos os anos. A cana de açúcar foi nessa região uma das formas de garantia de sobrevivência.

Os lavradores plantavam milho, feijão, arroz, mandioca e algumas raízes de comestíveis, um pouco algodão, café e tabaco somente para subsistência. Outra forma de garantia de sustento era o algodão, pois a fabricação de tecidos era doméstica e havia no termo de Santa Cruz, além dos outros termos, 387 teares particulares de madeira em que

fabricavam o pano de algodão grosso que vestia os escravos e as pessoas pobres e o que sobrava era exportado era comercializado a \$160 réis a vara.

Também em documento assinado por Ruy Barbosa, solicitava-se pessoa letrada para a Estatística Comercial do Estado que se iniciava em 1890, assim como solicitação para a exposição, enviado diretamente de Bruxelas, na Bélgica, documento datado de 26 de março, dirigido a todas as províncias.

Ministerio dos Negocios da Fazenda  
Rio de Janeiro, 26 de Março de 1890.  
Circular.

Em additamento a minha Circular de 22 do corrente, julgo conveniente declarar-vos que, para occupar o lugar de Chefe da Secretaria da Secção de Estatística Commercial, que deve ser pessoa versada em Estatística, é indispensavel que tenha conhecimento das linguas franceza, ingleza, allemã e italiana; assim como, para os de Alemannense, o dos dous primeiros idiomas, conforme puzere o artº 4º, §º 4º, do Decreto nº 2156 de 22 de Fevereiro proximo passado.

Ruy Barbosa

Figura 19 – Carta de Ruy Barbosa. Acervo de Bento Fleury.

Assim, a Comarca do Sul goiano, com seus imensos e prósperos julgados, contribuiu para o desenvolvimento e foi onde também que teve assolado o Cerrado pelos



Dessa maneira, vemos este espaço no que se pensou surgir Goiás, como um polo irradiador de outras tantas interpretações. Doutos homens literários, a seu tempo, buscaram frisar este momento no escopo da história. Daí se observa sempre ser o homem o centro da ordem social, mas, ao mesmo tempo é, também, protagonista e expectador dos pequeninos fatos cotidianos e dos grandes dramas universais.

A localização geográfica do Cerrado, ao longo do tempo, fez com que esse Bioma-território, possuísse milhares de quilômetros de fronteira com outros biomas brasileiros, o que possibilitou a convivência com outras diferentes práticas de vida e de diversos valores, conforme salientou Ferreira (2010).

Por muitos, ao longo dos anos foi considerado o “Bioma-território esquecido”, em razão de ser o mais central de todos biomas do continente sul-americano. Goiás era, de fato, o oco de mundo, perdido nos confins da terra.

O lugar é, pois, uma categoria geográfica fundamental, já que se refere a uma fração do espaço onde as pessoas convivem, circulam, idealizam seus conceitos, vivem as suas histórias, felizes ou infelizes. O lugar é instantâneo e reduzido. O lugar é construído e reconstruído sempre, na marcha ininterrupta da história.

Mesmo lugares desconhecidos, como o fez José de Alencar ao escrever *Ubirajara*, ao misturar verdade e ficção nos sertões goianos, sem nunca aqui estar, ou mesmo Machado de Assis ao escrever um conto passado em Santa Luzia de Goiás, mas nunca pôs os pés por aqui.

Sobre este aspecto salientou Eguimar Felício Chaveiro em seu texto “A trama literária e a trama geográfica: o buraco de tatu”, como animação do encontro mensal do “Grupo de Estudos Dona Alzira”, de outubro de 2013:

Há elementos que transformam a literatura num componente do conhecimento do espaço, da condição humana e do mundo, operando, na lida estética criadora, a ação vertiginosa da invenção para sobrepor os sistemas, às vezes, engessados de outras modalidades formais do pensamento. Pode ser esta a grande contribuição da literatura à leitura do espaço: ultrapassar os esquemas generalizantes próprios do conceito e das teorias.

Goiás surgiu e o espaço foi conquistado pelo homem ao longo dos séculos.

E há, hoje, uma dissonância quanto ao uso desse mesmo espaço, ou seja, o adensamento populacional ao sul e os vazios ao norte, ambos nocivos ao desenvolvimento sustentável, conforme destaca Gomes (2008, p. 192):

Percebe-se uma brutal desigualdade na distribuição da população pelo território. E isso culmina em duas situações: enquanto a faixa Norte-Nordeste possui os maiores vazios e por isso, os seus municípios padecem a falta de um dinamismo, geralmente perdendo população, o eixo profundamente adensado padece problemas ambientais, desemprego, violência, dificuldade de gestão e rapidez exagerada na ocupação dos espaços.

Na história goiana tal fato não poderia passar despercebido. Goiás era a “boca do sertão”, como mostra o Arraial do Desemboque abaixo, na “picada para Goiás”.



Figura 23 - Arraial de Desemboque, caminho de Goyaz, que, no século XVIII pertencia ao imenso Julgado de Santa Cruz. Era o portal que, ao longe depois das montanhas, se veria as terras de Goyaz!

Era apenas o sertão, vasto sertão, tão bem descrito nas páginas magistrais de José Mauro de Vasconcelos (1920-1984) em seus romances pioneiros na divulgação do bravo Goiás (*Rosinha, minha canoa, Longe da terra, Arara vermelha, Arraia de fogo, Kuryala, capitão e carajá*) e que, hoje, são desconhecidas dos goianos novos, o que é lamentável.

Nesse aspecto, mostra Gomes (2008, p. 319) em relação ao uso do Bioma-território Cerrado nos aspectos da biodiversidade e a necessidade premente de sua preservação, inclusive por seus frutos únicos e incomuns em outros tipos de bioma:

O bioma Cerrado destaca-se por sua biodiversidade. A flora é considerada a mais rica dentre as savanas do mundo. Das 774 espécies de árvores e arbustos existentes, 429 são restritas à região de ocorrência. Além da importância apresentada pela flora no contexto biológico, deve-se ressaltar a utilidade de algumas espécies para as populações locais. Segundo estudos do Fundo Mundial para a Natureza, W.W.F. (Fundo...,1995), cerca de 80 espécies nativas da região do Cerrado são usadas na alimentação, na forma de frutos, sementes e palmitos.

O que sobrou foi a “vocação” do Cerrado para a agricultura, como preconizava Teixeira (2001, p. 55), vaticinando sobre o uso do mesmo no entreabrir de numa nova safra brasileira e a futura riqueza de suas terras, no porvir:

Mas o cerrado é um exemplo típico. O cerrado, até há pouco tempo, era recusado; ninguém lhe dava a menor importância. Só tinha valor a terra de cultura, que chamamos de floresta. Apresentando árvores grossas, o solo da floresta não é da decomposição do arenito, mas sim de rochas mais nobres enriquecidas com sais. Já o cerrado tem o seu solo oriundo da degradação do arenito, uma rocha pobre de minerais. Entretanto, verifica-se que apesar da baixa fertilidade, de não ter quase nitrogênio, fósforo, potássio, mesmo assim o cerrado está fazendo uma revolução na produção agrícola.

Com a chegada dos aventureiros de todos os recantos, de outras capitâneas do Brasil e até de além-mar, instaurou-se o sentido de território hoje observado. Passou-se do mundo da contemplação e uso racional do meio, para o insólito quadro da exploração aurífera, por si só a degradar o ambiente e os costumes por sua agressividade, permissividade e desajuste febril.

Formava-se, assim, nos primeiros dez anos de exploração das minas de Goiás, uma dolorosa Geografia de exploração do meio. Picadas eram abertas quase a esmo, a partir de notícias de descobrimentos de novas possibilidades de extração do metal precioso. E só isso mesmo interessava. Eram homens rudes, consumidos pela ambição e pressa numa exaltação febril, doentia, na consciência coletiva da posse. Nada mais importava não fosse apenas o ouro. Homens imorais também afluíam como o ouro nos aluviões.

Esse surgimento foi analisado por Gomes (1966, p. 1966) ) de forma contextualizada como a forma de sedimentação da identidade genuinamente goiana, que romperia para o ciclo seguinte, o agropastoril:

Goiás é Estado novo. Surgindo com o surto mineratório (o ouro se constitui em preocupação máxima do colonizador lusitano durante todo o século XVIII, voltou praticamente à estaca zero quando se esgotaram os veios auríferos. Apenas reduzidos grupos mestiços, resultantes do intenso caldeamento étnico que se processou, em decorrência exatamente da promiscuidade reinante ao tempo da mineração, permaneceram em solo goiano, ensaiando tentativas no sentido de iniciar o que viria a ser o nosso ciclo agropastoril.

Era a formação do lugar, e era preciso não perder o lugar, o lugar do idílio, da segurança, da sedimentação de um ideal de vida. Assim se buscava entender o sentido do estar, do ser, conforme destaca Gusdorf (1978, p.60):

Naturalmente, este quadro é excessivamente sombrio. Mesmo aprisionado na “multidão solitária”, cada indivíduo pode esperar encontrar um caminho de evasão, um meio pessoal de escapar ao espaço desnaturado e de alcançar algum refúgio privilegiado, onde ainda subsista o ar livre da vida. Não é menos verdadeiro que a desnaturação do espaço concerne a cada um de nós, como uma ameaça contra a qual é indispensável conduzir uma luta incessante, sob pena de morte espiritual. A *perda do lugar e a perda do centro* caracterizam a condição do moderno, mergulhado na imensidão anônima de um universo regido pela técnica.

Arraiais pequenos, incertos, perdidos entre feras humanas e animais eram esboçados na Geografia da febre. Tudo era ouro, até os mantimentos que chegavam ao preço de ouro. Crimes horripilantes eram cometidos na turbulência das paixões vis. Tudo isso com os tons épicos evidenciados pela *Memória* de Silva e Souza.

Os escravos eram o segundo ouro que nas minas de Goiás se destacavam. Eram usados até a morte no serviço brutal da febre do ouro. O metal amarelo parecia não acabar. Era o Eldorado. Nessa loucura, caminhos outros iam surgindo nas lendas que se espalhavam além dos limites ainda incertos da terra goiá, sobre o ouro eterno.

O território de Goiás passou por fases distintas, o que lhe propiciou uma leitura geográfica capaz de elucidar a história ao longo do tempo, conforme preconizou Arrais (2007, p. 89):

Compreender a formação do território goiano à luz de uma narrativa geográfica não é algo fácil, especialmente porque o significado do que seja território goiano mudou bastante ao longo dos últimos séculos e não apenas nas suas fronteiras e no seu estatuto administrativo, mas no seu conteúdo. Minas dos Goyazes ligada à capital de São Paulo até meados do século XVIII, Capitania a partir de 1744, Província após a independência e Estado com a República já no final do século XIX. Sua forma territorial também sofreu alterações com perdas territoriais para os Estados de Mato Grosso, Minas Gerais, Bahia, Distrito Federal e Tocantins (Teixeira Neto, 2002). Tudo em menos de três séculos.

Assim, nos primórdios do chão goiano, o ideário de imensidão. Desde Desemboque, esta febre de ouro se alastrava sem cura. Ali, portal de Goiás, as lutas sangrentas entre brancos, caiapós e negros quilombolas também haviam se verificado desde os idos de 1700, nas encostas da Serra da Canastra; com muita agressividade dos negros que se organizavam em quilombos às margens dos rios Quebra anzol e Tengo-tengo (local onde o sangrento Bartolomeu Bueno do Prado ostentava o troféu de mais de quatro mil orelhas de

escravos, que foram assassinados por seus “matadores de negros”) no caminho do povoado de São Domingos do Araxá, quando tudo ainda era Goiás no mundo do Cerrado!

Nessa luta sangrenta no chão vasto de Goiás setecentista, surgiu o “Arraial de Nossa Senhora do Desterro das Cabeceiras do Rio das Abelhas”, naqueles tempos que os nomes de rios ou pontos geográficos estavam agregados aos topônimos de localidades. Era o ápice da febre do ouro nos portais goianos.

Desemboque cresceu tão rápido e vertiginosamente que foi a primeira a se libertar do imenso julgado de Santa Cruz de Goiás; pois em 1783 já estava no ponto estratégico do Sertão da Farinha Podre, hoje o Triângulo Mineiro, com cerca de seiscentos habitantes. Com isso, passou a Julgado que se efetivou até 1816, quando passou à jurisdição mineira e foi suplantada pelo Arraial de Nossa Senhora do Sacramento e Uberaba.

Na matemática das minas de Goyaz, observada sob a égide da Geografia Econômica, as oitavas de ouro colhidas pelos escravos era a medida permanente. Nas primeiras minas, a medida de ouro recolhido era de uma oitava e meia por semana, isto nos arraiais de Vila Boa, Ouro Fino, Ferreiro, Barra, Meia Ponte, Trayras e Santa Cruz, os primeiros.

Nesse período de turbulência nesse território de bravos, a riqueza do homem se media por sua quantidade de escravos. Quanto mais escravos, mais rico. Na febre dos primeiros vinte anos de exploração, os mitos de ouro infinito foram criados e estes povoaram o imaginário de gerações seguidas, chegando mesmo aos dias atuais. Era esse tempo a violência “o princípio ordenador da realidade”, conforme preconizou Souza (1994, p. 50). Imagem do caos, tudo se formou na desorganização.

Eram os caminhos de Goiás, como frisou Chaul (1998), amalgamados na construção e ao mesmo tempo na decadência de valores, quando se pensou no limite da modernidade.

Ainda persiste o pensamento de uma glória perdida nos rincões goianos, como se aquele tempo ainda tivesse retorno. É o sebastianismo de Goiás! Lugares míticos como Araés, Correntes, Rio Claro, Martírios, Trahyras, Ouro Fino foram imagens recorrentes nos tempos da mineração e nos outros que se seguiram. Nas cidades do ouro, depois desprestigiadas, há uma nostalgia de passado, de riqueza, de grandeza acabada.

O ciclo do ouro, por mais permissivo que tenha sido, analisado geograficamente, identifica profundas mudanças no ciclo econômico, social e cultural do Brasil, pois foi responsável pelo deslocamento do eixo econômico do Nordeste para o Sul e Centro Oeste da

Colônia; propiciou o despovoamento contínuo da Capitania de São Paulo desse período; provocou o alargamento do espaço brasileiro, por meio do recuo do Meridiano das Tordesilhas; foi responsável pelo surgimento de diversos núcleos urbanos, hoje prósperas cidades goianas, fomentou o surgimento de uma arte religiosa e devocional; além, é claro, de incentivar diversos movimentos nativistas posteriores. O ouro, visto geograficamente, foi válido para que se vislumbrasse no Brasil litorâneo, um outro vasto, fecundo e desconhecido Brasil interiorano.

Na Geografia febril do ouro houve delírio. Muitos caminhos, carregados de perigos e saques eram evitados. Abriam-se outros, aleatoriamente. O espaço goiano foi recortado por diversas novas veias, por meio do surgimento dos veios do ouro. Eram veias que varavam serras, chapadões, campinas e planaltos na exuberância do chão goiano. Os olhos dos homens ainda estavam injetados do calor da febre e não viam a beleza da paisagem.

Só passada a febre, seguida de prostração é que se pode abrir devagar os olhos e ver, no mundo perdido nas lonjuras, a necessidade de colocar os pés na terra e pisar o chão da espera, ou o “lugar da vida e a vida dos lugares”, como salientou Almeida et al (2008, p. 35).

Não era mais o chão da pilhagem rápida e fugidia. Era o chão da permanência. Outros caminhos, então, se abririam em novas veias que se desprenderiam dos veios.

Seria a Geografia da prostração, do desânimo inicial. Do ser perdido num espaço infinito, bravio, indomável, de “onde tiraram o ouro e deixaram as pedras”, como disse Coralina (1985, p. 34).

É papel da Geografia a definição de um tempo, de um meio, suas transformações, conforme assevera Almeida et al (2007, p. 17):

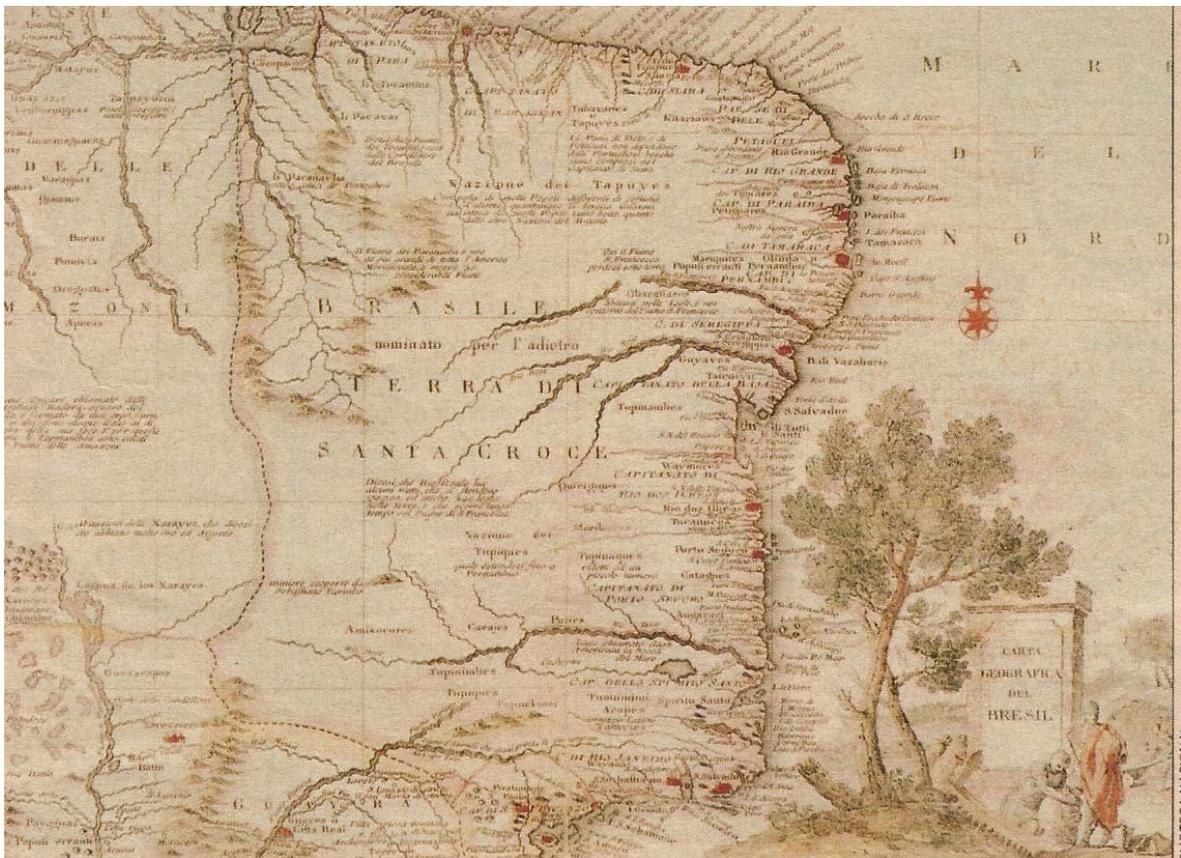
O geógrafo é um personagem curioso. Ele procura ver e fazer ver, conhecer e fazer conhecer o mundo e, sobretudo, compreendê-lo e explicá-lo. Como poderia explicar melhor este mundo? A geografia é uma disciplina muito ambiciosa – talvez demais – mas muito excitante. Ver o mundo é muito complicado... Um enorme problema de escala! E para compreender? Todos os processos científicos estão em jogo.

Geografia do homem coberto de fadigas a pisar um território de medos em relação a um futuro incerto. Nos caminhos novos, o pensamento do que seria, então, nos limites a serem impostos geograficamente, os cenários da terra de Goiás.

## **1.2.Primórdios da Cartografia das terras incógnitas goianas ou o chão do Cerrado**

Na era dos setecentos, Goiás fazia parte do que a Cartografia Portuguesa chamava de "terras incógnitas", um vasto mundo desconhecido em que reinava somente a natureza bravia e indomável. Era um território em que a paixão pelo poder incendiava mentes e corações na ilusão de um Eldorado, com ouro à flor da terra.

Era o que Taunay (1978, p. 12) em seu imortal romance *Inocência* chamou de "sertão bruto", em que, na sucessão dos pousos e das paradas dos primeiros aventureiros, não havia sequer uma casa, uma tapera, um vestígio de presença humana. Taunay também chamou o vasto sertão de "regiões incultas", aliando-se à ideia de ocupação com a cultura humana e seus valores.



Mapa 06 - Mapa intitulado *Brasile Terra di Santa Croce*, de 1722, feito por Guillaume de L'Isle que traçou com perfeição a costa brasileira e aprofundou sertão adentro, identificando o que já seria Goyaz, de forma fidelíssima, utilizando o sistema de latitude e longitude. Aparece ao canto direito um Pau Brasil estilizado, europeizado, com uma lápide neoclássica, ao gosto grego.

Os primeiros cartógrafos que identificaram o Brasil em seus mapas, verdadeiras temeridades se analisados com a visão moderna, buscaram registrá-lo por meio de suas visões

romanceadas ou politizadas, ao atenderem, ainda, a interesses outros, muitas vezes escusos, na luta pela ocupação e pelo poder.

De tudo se imagina e se pensa o sentido de criar e destruir, hoje tão diversos do significado original, conforme destacou Gusdorf (1978, p. 281):

O que nos ocorre em primeiro lugar, naturalmente, é o tremendo aumento de poder humano de destruição, o fato de que somos capazes de destruir toda a vida orgânica da Terra e de que, algum dia, provavelmente seremos capazes de destruir a própria Terra. No entanto, não menos terrível e não menos difícil de compreender é o novo poder de criar, o fato de que podemos produzir novos elementos jamais encontrados na natureza.

Os mapas tinham sentido diverso e também valioso, pois segundo Chaul (1998, pp. 173/174), as fronteiras eram muito mais amplas: os restos de território na vastidão de um Brasil até então desconhecido e bravo.

Nossas fronteiras geográficas já foram disputadas por demais. Mapas do especulativo, geografia de natureza imemorial por tantas outras Tordesilhas sem traçado certo, Goiás reclamava suas divisas com Minas, Bahia e Maranhão na *Informação Goiana* dos idos de 1917, da mesma forma que propagava a potencialidade de tão raro e inexplorado Estado. Eram nossas fronteiras que estavam em jogo, nossa luta contra a deformação de uma geografia quase bíblica, nossos restos de territórios, nossa terra sagrada por ancestrais indígenas, campos de sonhos e lendas, de profanas sacralizações da política econômica.

Um dos primeiros a tentar registrar o Brasil foi há exatos 400 anos, por meio do cartógrafo Petrus Bartius, de nacionalidade desconhecida, que, a mão livre, resolveu desenhar os acidentes geográficos da terra há pouco tempo descoberta, ilustrando-o com o canibalismo indígena em meio às terras amazônicas e a temeridade do chão do desconhecido, onde estaria mais tarde Goyaz. Era o ano de 1612.

Era um mapa antropofágico, com certeza, carregado de imaginário das histórias fantásticas do bestiário medieval e, hoje, essa preciosidade histórica está guardada na mapoteca da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

A Cartografia é, de fato, uma disciplina que combina técnica, ciência e arte, pois, longe de ser uma atividade neutra e ingênua, está arregimentada à história e à ideologia do cartógrafo, ou, também, de quem tenha encomendado o mapa; já que o esse profissional era pago para fazer o que o freguês mandasse.

A cartografia no Brasil aparece, portanto, recheada dessa disputa pelo poder, entre a Coroa Portuguesa e outras nações como Holanda, França e Espanha. Assim ocorreu nos

séculos XV e XVI, em que teve supremacia a cartografia lusitana; onde os portugueses escondiam seus mapas como tesouros, já que os mesmos possuíam detalhes preciosos sobre terras incógnitas, guias de navegações e rotas de comércio.

Muitos mapas foram falsificados nessa época pelos portugueses para despistar piratas e corsários franceses, no intuito de que errassem caminhos para riquezas além mar. Relata a história que em 1624/1630 quando os holandeses alcançaram Bahia e Pernambuco, foi em razão do suborno que fizeram a cartógrafos portugueses, descobrindo rotas para novas terras, por meio do astuto cartógrafo holandês Nicolas Visscher.

Tal fato foi revisitado no seriado televisivo intitulado *Caramuru*, em que narra as aventuras de Diogo Álvares, nos primórdios do Brasil em plena era das navegações. Também o mesmo personagem serviu ao poema épico homônimo, escrito por Basílio da Gama.

O profissional cartógrafo no distante século XVI tinha que apresentar qualidades profissionais distintas, ou seja, ser bom desenhista, ter acuidade às informações que chegavam; as mais descontraídas possíveis, e até inventar um pouco quando o relato falhava. Daí entrava o talento do artista em criar belezas em meio aos muitos e enganosos relatos feitos com paixão.

Quanto ao coração da pátria, desconhecido de uma maneira geral, tudo era fruto da imaginação. O chão goiano foi antes sonhado que vivido!

O tosco mapa brasileiro de 1513, chegou aos 500 anos, intitulado *Tabula terre nove*, inserido no célebre “Tratado de Geografia”, criado no século II pelo não menos ilustre Cláudio Ptolomeu é uma prova dessa temeridade. Na verdade, o mapa foi mal feito, com interpretação completamente equivocada do material colhido do diário de bordo do navegador Américo Vespúcio, que havia atracado na costa brasileira em 1501, numa expedição portuguesa comandada por André Gonçalves.

Tal fato ocorreu em razão de que mesmo os astutos e doutos geógrafos responsáveis pelo “Tratado de Geografia”, então com 14 séculos, não possuíam visão extensa do que seriam as “terras incógnitas” do coração do Brasil.

Somente com as Bandeiras no século XVII é que as chamadas “terras incógnitas” passaram a ser mapeadas, primeiramente com as descobertas do ouro no sertão das Minas Gerais. Teve início nesse momento da história a Cartografia do interior do Brasil.

Na visão de Saint-Hilaire (1945, p. 55), os caminhos abertos no sertão, com vistas às minas de Cuiabá, foram emblemáticos para se descobrir o chão de Goiás:

Nesse ínterim, o governador MENESES recebeu de seu soberano ordem para inspecionar as minas de Cuiabá. Já estava fixada a época de sua partida, mas, nas vésperas dessa empresa, amedrontou-se com a extensão de tão perigosa viagem, que devia ser feita, quase toda ela, por via fluvial. Por essa razão fez abrir caminho por terra firme, obra cuja terminação durou cerca de dois anos. Só então MENESES se pôs em marcha, chegando a Cuiabá no dia 15 de novembro de 1726, cinco meses depois da sua partida.

Daí por diante, mesmo que os sertanistas não se guiassem por cartas geográficas, os comerciantes e faiscaidores de ouro muito se valeram dos mapas para orientações de rotas para a venda do metal precioso. Mapas eram itinerário seguro para modificar a vida, subir na vida, bamburrar no ouro.

Mais tarde, em 1722, os franceses também se interessam pelas terras incógnitas e lançaram um mapa feito por Guillaume de L'Isle intitulado *Carte d'Amérique*, que traçou com perfeição a costa brasileira e aprofundou sertão adentro, identificando o que já seria Goyaz, de forma fidelíssima e utilizando de forma irrepreensível o sistema de latitude e longitude, o que foi um golpe nas falsificações até então feitas pelos portugueses, que não perdiam a oportunidade de estender a Linha do Tratado de Tordesilhas para garantir faixas mais extensas do território da Colônia.

Nesse mapa francês, aparece ao canto direito um Pau Brasil estilizado, europeizado, como as pinturas bucólicas do século anterior, além do que, num assomo de criatividade, colocou uma lápide neoclássica estilizada; a lembrar os pastores brancos, como se, na sua visão, a América fosse do tempo da antiguidade grega.

Nesse seu mapa, no canto à esquerda aparecem as “terras incógnitas” onde seria o sertão de Goyaz logo em seguida, com o avanço dos primeiros aventureiros do coração do Brasil, rumo ao que Saint-Hilaire (1945, p. 34), designou de “busca desenfreada de riqueza numa mineração intensa e desequilibrada”.

Mas, o estudioso, com sua sabedoria e, infelizmente, seu preconceito europeu, observou e compilou muito de nossa rica fauna e também flora, ao que alcunhou de “vegetação primitiva”, em que todo o território era coberto por matos, bosques e campos, de “árvores enfezadas”, numa alusão personificada do tipo de vegetação típica do cerrado.

Desde esse tempo se descobriu que a Geografia, com seu vasto conhecimento do mundo, dos lugares, dos territórios, da terra, das pedras, do chão, das águas de rios e mares, dos caminhos, passou a ser uma ciência que abriria as portas para o mundo do conhecimento e da observação. Eram os traços de ontem, deixando suas marcas para romper o futuro que se abria no horizonte.

Mesmo o vasto mundão velho sem porteira do chão, os mapas já apontavam como terras de riquezas e valores que o futuro, de fato, consagrou.

Era o que se via das terras apagadas, insufladas pela mente ávida de riqueza dos bandeirantes que aqui chegaram e iniciaram a coleta do ouro de forma desesperada.

Caminhos e mais caminhos foram abertos pelas patas dos animais e o homem foi ocupando seu lugar em meio ao mundo agreste e desconhecido das terras que pulsavam no coração da Pátria. A Geografia das incertezas em cada curva da estrada era um instigante desafio àqueles homens de têmpera e garra.

Assim nasceu Goiás!

O imenso chão de Goiás, geograficamente derramado em serras, planaltos, grotões, campinas, varjões, veredas e outras poéticas definições tão utilizadas na literatura, a exemplo de *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa; *Os sertões*, de Euclides da Cunha; *O sertão, o rio e a terra*, *O que foi pelo sertão*, *Sertão sem fim*, de Bariane Ortêncio, além de muitos outros, se constituiu, ainda na era dos setecentos, em uma vasta extensão territorial que necessitava ser medida, razão da delimitação dos pontos estratégicos e os mapas que, naqueles distantes dias do século XVIII, não eram fáceis de serem executados.

Conhecer os mistérios desse “chão parado” é uma das primordiais preocupações de quem busca perceber os significados lúcidos e poéticos que esta mesma terra do cerrado instigou no pensamento literário do homem primevo.



Figura 24-Vila Boa de Goyaz, nascida nessa ambição do ouro que insuflou o coração dos primeiros aventureiros. Acervo de Bento Fleury.

A cartografia, ciência que estuda a concepção, produção, elaboração e difusão de mapas, teve início nas terras de Goyaz ainda no século XVIII, como já foi salientado, quando a epopeia da ocupação territorial necessitou estabelecer limites geográficos da extensão das terras sonhadas, na febre do ouro, no coração do imenso território brasileiro.

Os mapas são tão antigos quanto a caminhada humana sobre o mundo, pois eram importantes no sentido de promover a visualização, ainda que precária a princípio, dos dados espaciais. Os mesmos vêm desde os tempos pré-históricos, antes, inclusive, da invenção da escrita. Surgidos em placas de argila pelos sumérios, em papiros pelos egípcios, e nos dados mais completos na Grécia por Aristóteles e Hiparco e no Império Romano por Ptolomeu, os mapas evoluíram juntamente com a humanidade, na precisão e na técnica, como se verifica na modernidade com a tecnologia digital.

Diretamente ligada ao ponto de vista histórico e geográfico, a Cartografia também tinha caráter político e estratégico e os cartógrafos eram respeitados no sentido de que, de suas mãos nasciam possibilidades de conquistas de novos territórios e novas divisas econômicas.

Em Goiás, a Cartografia teve início por necessidade de se delimitar o imenso território desconhecido e estabelecer o seu limite com as outras Capitânicas. Por muitos anos e a cargo de muitos historiadores, o pioneirismo da elaboração de mapas para Goiás coube a Francisco Tosi Colombina; o que na modernidade vem sendo combatido, a partir das pesquisas de Paulo Bertran, Wilson Carlos Jardim Vieira Junior, Andrey Rosenthal e Lenora Barbo, de que o primeiro a elaborar um mapa para a então Capitania de Goyaz foi, na verdade, o português Ângelo dos Santos Cardoso.

Registra-se na história goiana por Alencastre e Americano do Brasil, que vinte e cinco anos depois da fundação oficial do Arraial de Santana ou Vila Boa, chegava à distante localidade, em 1751, o geógrafo Francesco Tosi Colombina, ou Francisco Torres Colombinase ou, ainda, Francisco Tossi Colombina, como tantas vezes, diferentemente, o seu nome foi grafado. Esse genovês, nascido em 1701 era engenheiro militar e cartógrafo que prestava serviços à Coroa Portuguesa.

Também, é destacada sua viagem do interior de São Paulo até Vila Boa de Goiás em lombo de mula e o plano ousado de propor ao Rei de Portugal a abertura de uma estrada para carros de bois e tropas, que partiria do porto de Santos, na Capitania de São Paulo, cortando esta em sua totalidade, no rumo norte, até alcançar o local onde mais tarde seria Uberaba; daí entrando por Goiás, vindo até o local onde hoje está Anápolis; de onde, abrindo

braços ao oeste, alcançaria a então capital, Vila Boa e depois Cuiabá, prosseguindo por terras matogrossenses até a fronteira com a Bolívia.

Era um plano estratégico, pois ligaria as então mais importantes regiões do ouro nesse período: Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital de Mato Grosso e Vila Boa de Goiás. Pela ousadia do plano geográfico de cortar toda essa extensa região, é claro, o mesmo não saiu do papel.

Depois de fazer estudos e mapas em Goyaz e São Paulo, Tosi Colombina retornou a Portugal em 1756, trabalhou no Porto de Funchal na Ilha da Madeira, mas foi afastado sob a acusação de desvio de verbas e trabalhou na Colônia Portuguesa nas Índias. Sobre ele, Bernardo Élis Fleury de Campos Curado escreveu artigo de profundidade histórica em seu livro *Goiás em sol maior*.

Já Ângelo dos Santos Cardoso, na qualidade de Secretário de Governo da Capitania de Goiás, nomeado em 1749 e que chegou à Vila Boa de Goiás em companhia de Dom Marcos de Noronha, o Conde dos Arcos, enviou ao Marquês de Pombal, em 1755, um relatório em que faz uma extensa e detalhada avaliação da Capitania. Quando escreveu este relatório o secretário já se encontrava há seis meses na Capitania.

Nesse relatório, Ângelo dos Santos Cardoso menciona que conheceu um especialista em cartografia, mas não lhe menciona o nome e que teria viajado pela capitania e elaborado a primeira representação cartográfica de Goyaz, com os arraiais e os primeiros caminhos das propaladas minas de ouro.

Nesse documento, menciona, ainda, que este mapa teria sido enviado em 12 de maio de 1750 ao diplomata Alexandre de Gusmão. Depois de dizer que teria ele mesmo feito o mapa é que menciona a presença do italiano Tosi Colombina, encarregado pelo Conde dos Arcos a levantar informações geográficas da Capitania de Goiás.

Só em 1751 Tosi Colombina elabora o *Mapa geral dos limites da Capitania de Goyaz*, ou seja, um ano após o primeiro mapa feito por Ângelo dos Santos Cardoso. Ainda, no relatório, o Secretário comenta que Tosi Colombina, sabendo da existência do primeiro mapa por ele feito, solicitou uma cópia e a partir dela, foi feita uma reprodução do mesmo que, no ano anterior, havia sido enviado a Alexandre de Gusmão.

Por certo, com base no mapa de Ângelo dos Santos Cardoso, Tosi Colombina empreendeu a viagem pela Capitania, somando informações e ampliando dados. O primeiro mapa de Cardoso, ao certo, aparece na obra da historiadora Isa Adonias sobre os mapas do Brasil, mas com referência a Tosi Colombina; já que os dois apresentados são diferentes em

concepções e desenhos. Há muitos coloridos, com magistrais rosas dos ventos, cada qual com suas cores e desenhos; legendas interessantes que fazem referência a arraiais, caminhos, minas, registros, e, em pontos vermelhos, a estrada de Vila Boa de Goiás a Cuiabá.

É um desafio aos historiadores e geógrafos goianos a elucidação da verdade, em razão de que, nossa cartografia pode ter nascido de uma profunda injustiça de cunho político, pois no ofício relatório de 12 de setembro de 1753, em que o Conde dos Arcos enviou ao secretário do estado maior da Marinha e Ultramar o documento e os mapas como sendo de autoria de Tosi Colombina, a redação do texto e os desenhos têm o estilo de Ângelo dos Santos Cardoso.

Paulo Bertan destaca o engodo sofrido por Ângelo dos Santos Cardoso que foi tragado pela história, passando toda a fama de primeiro cartógrafo goiano a Francisco Tosi Colombina, o autor dos diversos mapas posteriores feitos a partir de suas viagens pela Capitania no distante século XVIII.

Verídicas ou não as informações e os estudos, o importante é salientar que, na gênese dos estudos geográficos na Capitania de Goiás ainda no século XVIII, os nomes de Ângelo dos Santos Cardoso e Francisco Tosi Colombina são imortalizados pela preocupação em estabelecer os limites e os pontos estratégicos da terra goiana, num período de tantas dificuldades e tantos empecilhos; ao promoverem, juntos, os primeiros levantamentos da Carta de Goiás, a partir da qual, foram sendo feitas correções e complementos que tornaram visíveis, aos olhos do Brasil setecentista, sob a égide colonial, o que se chamava a terra do gentio Goiá, do ouro em profusão, de rios de águas vermelhas, da cor do sangue e da paixão.

Dessa forma, falsa ou verdadeira a autoria dos mapas, em 08 de novembro de 1749 chegava a Vila Boa de Goiás, o primeiro governador da Capitania, advindo de Pernambuco, onde já governara. Seu intuito era demarcar as divisas da nova Capitania, seus territórios, população, riquezas, arraiais, pontos geográficos notáveis e perspectivas econômicas. Fazia ele aplicar as leis na Capitania e era ligado diretamente ao rei. Comandava ainda o exército, que era composto de dragões (soldados de cavalaria) e pedestres. O ouvidor era encarregado da justiça na Capitania e os arraiais ficavam subordinados aos intendentess. Assim era administrada a Capitania de Goiás nos longes idos dos setecentos.



Figura 25 - Rua da Abadia na Cidade de Goiás, nascida nos tempo do ouro de nossa colonização. Acervo de Bento Fleury.

Côncio de sua responsabilidade, o Conde dos Arcos combateu a sonegação e reprimiu o contrabando de ouro, ao reconhecer a necessidade de planejar as ações no território recém-criado. Para tal, mandou fazer os mapas pioneiros da Capitania de Goiás, sendo o primeiro elaborado em 1751, seguido de outro feito em 1756, em que mostrava a Capitania de Goiás, sua região sul até o rio da Prata.

Esse mapa de 1756 foi feito em nanquim sobre papel encorpado, por Tosi Colombina e abrangia toda a região ao sul do trópico de capricórnio, até o rio da Prata. Nele, aparece a linha divisória estipulada pelo Tratado de Madri, saindo desde Castilhos Grandes até a confluência do rio Taquari com o Paraguai, chegando ao longo do rio Jacuí.

As divisas desse segundo Mapa da Capitania de Goiás, seguem as propostas administrativas do Conde dos Arcos. Hoje, o exemplar do mesmo está catalogado na Mapoteca do Itamarati.

Na legenda desse mapa, Tosi Colombina (ou não) dirigiu explicação a Thomé Joaquim da Costa Vila Real, Secretário de Estado do Ultramar e Marinha, ao destacar os possíveis pontos obscuros na interpretação. A intenção era tornar muito claras as potencialidades econômicas advindas do ouro no novo território das minas de Goyaz.

Aparece nesse mapa, no canto inferior esquerdo uma nota digna de registro, escrita por Tosi Colombina (ou não), com a grafia da época: *“O capitão João Rapozo e o mestre de campo, Antonio Almeyda Falcão, cabos da expedição que por ordem do General e Senhor Gomes Freire de Andrade, foi fazer o Governador Ignácio Eloy de Madureira em São*

*Paulo para hir encontrar com o tenente coronel José Custódio, quando hia continuando a demarcação da parte da América Meridional com os Cosmographos de Portugal e Castella, puzerão de Araraytaguara ao fim da viagem no Rio que sepende Yguary ou Iगतemy um que dizem são quinze légoas e Vila Corin, um dous meses e 27 dias. Na volta poz o dito mestre de campo 39 dias o Rio Grande ou Paranã tem de largo oupe do salto ou sete quedas, uma lagoa e três quartos. São 14 legoas e Vila Corin dous meses e vinte e sete dias. Na volta poz o dito metre de campo Antonio de Almeida Falcão fizeram, de São Paulo a mato Grosso, em 1753, por determinação de Gomes Freire de Andrade.”*

Ressalta, nessas notas, as viagens para demarcação de divisas territoriais no imenso Brasil de outrora, com a ajuda dos “Cosmógraphos de Portugal e Castella”, pioneiros nesse trabalho em nosso País e todas as peripécias vividas no trajeto entre São Paulo e as minas de Cuiabá, passando pelo longo trecho goiano, completamente desconhecido ainda.

De controle dos mapas e das divisas geográficas, o Conde dos Arcos empreendeu diversas viagens de reconhecimento do território goiano, destacando-se Meia Ponte e São Félix. Nesse intercâmbio, manteve sob controle favorável a questão dos impostos e os rios mais propícios à mineração. Fez contratos com mineradores para conceder aos mesmos a liberdade em não aceitar contrabandistas outros explorando os rios goianos na busca de riquezas.

Outro mapa setecentista, do ano de 1756, foi alusivo aos rios Araguaia, Paranã e Paraguai, com seus respectivos afluentes. Foi feito a nanquim e aquarela. Foi da coleção de mapas do Barão Duarte da Ponte Ribeiro que, em 1884, foi doada ao Itamarati.

Nesse mapa, aparecem os rios e seus afluentes, além de serras, vilas, aldeias, alojamentos e nações indígenas espalhadas pelas terras goianas. Mostra os afluentes do rio Araguaia como os rios Bonito, Vermelho, fartura, Pilões e Tesouras. Identifica nesse mapa, ainda, o que seria mais tarde denominada de Ilha do Bananal, à esta época apenas mostrada como “Ilha do rio Araguaia que se estende a 80 légoas de marcha”.

Nele, aparecem os lugares de nomes diferenciados como Arraial de São Miguel de Tizouras, Passagem das ortigas, Alojamento do rio Turvo, Trincheira dos bandeirantes, Gentio Gayari, Aldeias do gentio tapirapé, Gentio carayás, serra doirada; nomes estes em sua grande maioria modificados pela ortografia.

No mapa estava assinalado em tons mais fortes o “caminho de São Paulo para o norte, até o arraial de Santa Cruz de Goiás”, então mais importante cidade daquele tempo, cabeça de julgado, velha cidade do ciclo do ouro.

A população de Goiás naquele tempo era constituída mais da metade por escravos. Em 20 anos de mineração, cerca de 20 mil portugueses penetraram nas terras da Capitania, abriram caminhos, fundaram arraiais e vilas, dizimaram grande parte da população indígena. Quando se tornou Capitania, em 1749, a população de Goiás era de cerca de 40.000 pessoas. Com a decadência da mineração, um pouco mais tarde, a população parou de crescer ao ritmo que era ao tempo do ouro.

O brilho do ouro trouxe gente, sua decadência afastou, limitou a busca. Não era mais o Eldorado do ouro à flor da terra, mas o inferno verde das matas, da natureza hostil, dos bichos peçonhentos, febres e mortes. O cerrado, conforme Dean (1996, p. 27) era visto como savana, como ermo: “O cerrado e a caatinga constituem o sertão, a antítese da exuberante e verdejante Mata Atlântica”.

Desse cadinho nasce a descrição de Cerrado como algo feio, sem vida, rarefeito, minguido, raquítico, enfezado, que destoava da Mata Atlântica do sudeste, destacada, decantada e elogiada na literatura e na ciência. No mapa dos Biomas, fica explícita a sua impropriedade ainda nos anos de 1960:



Mapa 07 – Biomas brasileiros – IBGE – 1966.

Houve inclusive, uma associação do Cerrado com o ideário de solidão, tristeza, abandono e isolamento, conforme assevera Dantas (1974, p. 34), na referência de que o Bioma-território é triste, pobre, passível de depressões, em andanças pelo mato, estilo literário, que identifica uma personificação ao Cerrado de coisa sem sentido, mas com uma rica flora, principalmente na medicina:

O cerrado é sempre triste e desolado, mas, às vezes, nele nascem homens alegres e inquietos, como penso seja meu caso. As depressões que sinto são como essas lombas do cerrado; passam ligeiras. São breves e nem chegam a imitar montanhas. São depressões que passam com o soprar dos ventos mornos do planalto. Logo adiante me animo, sem precisar de nenhum copo de pinga. Com essas componentes na alma, disto do tipo tradicional do goiano. Andejo de si mesmo e do meu Estado, fugindo a todo o tipo de depressão, aprendi na própria carne, através dessas andanças, lições animadas de geografia humana e sentimental. E não contente com elas, inquieto em demasia, além Estado, parti para outras fronteiras, conhecendo um pouco do Brasil.

O de cima da terra não importava. O que valia era o que ela escondia. O Cerrado no princípio nem era percebido e, quando visto, narrado geralmente de forma enfadonha e desprezada. Assim era aquele Goyaz dos tempos de antanho! Mas como todas as florestas ou biomas do mundo, também o Cerrado dá lições perenes de resistir e renascer. Dean (1996) destaca, com ênfase, que as florestas, destruídas, arrasadas, muitas delas brotam novamente e se tornam exemplo de superação.

O Cerrado é um exemplo de superação após o fogo, após a queda, depois da primeira chuva, termo este usado como título do único livro de poemas do imortal Bernardo Élis Fleury de Campos Curado.

Dessa forma, segundo George (1993), há alterações no mundo, de toda ordem, de acordo com o proveito do valor das coisas agregado à natureza. E conforme destaca Dean (1996) a história florestal do mundo, em todo o planeta, em todos os quadrantes, é uma história de destruição maciça, de exploração predatória, cada uma a seu tempo. Uma história sem respeito do homem ao meio, numa expressiva redução do mundo natural em favor do mundo artificial. Prevaleceu sempre o ideário de “limpeza”, e esta significava reduzir a cinza todo um mundo construído em milênios.

Assim o foi em todo o mundo; assim o foi também em Goiás.

É, pois, centrado nesse pensamento, papel da Geografia acompanhar todo esse processo e em Goiás não ocorreu de forma diferente. Assim, vemos que o Cerrado nada valia nos primeiros tempos. O que tinha valor eram as terras do ouro, segundo Dean (1996, p. 16):

Descritiva por natureza e por função, ela mobiliza sucessivamente, de acordo com as informações e material exposto à sua disposição, as mais diversas técnicas de observação, de interpretação, de descrição, especificamente com a ajuda de mapas e imagens. Foi neste sentido que, originalmente literatura, se transformou em ciência. Há cem anos, as sociedades de geografia, as igrejas, eram locais onde uma elite de curiosos e de paroquianos recebiam dos oficiais, dos marinheiros e dos exploradores, ou dos padres missionários, a mensagem dos povos de além-mar “bons ou maus selvagens, que não tardariam a ser transformados em súditos de impérios.

O Mapa da Capitania de Goyaz, analisado por Isa Adonias em 1963 como feito por Tosi Colombina e discutido por Paulo Bertran e outros, como sendo de autoria de Ângelo dos Santos Cardoso, constitui-se num exemplar manuscrito aquarelado, que consta nos arquivos da Diretoria do Serviço Geográfico do Ministério da Guerra, no Rio de Janeiro, com destaque, também, para um outro provável exemplar, pertencente ao arquivo público do Estado de Minas Gerais. É um documento de valor imensurável para a Geografia de Goiás e merece análise acurada pelos pontos marcantes que descreveu nos distantes anos dos setecentos.

O Mapa abrange, com detalhes, o curso do Amazonas desde a Ilha de Joannes, até o rio Madeira que a limita a oeste. Já a oriente, acompanha todo o curso do Rio Tocantins, ali apresentado como muito desviado para o leste, principalmente no curso superior. Mostra toda a Bacia do rio Paraná, desde 25° de latitude S. até a costa da cidade de Santos, no Estado de São Paulo. Ao sul e ao oeste, mostra o curso superior do Paraguai, até as suas conexões com o rio Guaporé, conforme destacou Isa Adonias.

O Mapa apresenta, com riqueza de detalhes, a rede hidrográfica, com minuciosas nomenclaturas que atestam a preocupação do seu autor em mostrar todas as particularidades do território recém- ocupado. Já em traços mais marcantes, aparecem as divisas da Capitania de Goiás, que, imediatamente, o Conde dos Arcos buscou fazer valer, evitando rixas de jurisdição com as Capitânicas vizinhas.

A partir do Mapa, não havia mais pontos obscuros no largo território goiano, ao se colocar em evidência as suas divisas ao sul com o Rio Grande, da parte leste, o local onde partiam os governos de São Paulo e Minas; na parte Norte, onde partiam os governos de São Paulo com os de Pernambuco e Maranhão, tal divisão foi reafirmada pela Provisão de 02 de agosto de 1848.

A única divisa mais obscura foi com o Estado de Mato Grosso, que seguia pelo Rio das Mortes, confluyente do Rio Araguaia, por uma linha tirada das suas cabeceiras até o Rio Taquari e, por ele abaixo, até a barra do Coxim e este acima, até Camapuã, e dali atravessando o vadadoiro até as cabeceiras do rio Pardo e, por este, até a foz do Rio Grande. Alencastre e

Augusto Levergger, a seu tempo, destacaram na tentativa de se encontrar uma medida definitiva; o que levou muitas décadas e discussões.

No referido Mapa de 1751, a Capitania de Goyaz se limitava, em detalhes, ao norte, com o salto de Itaboca, rio Tocantins, seguindo para leste, pela serra dos Gerais, nesta, contornando a parte oriental da Bacia do Tocantins, até ir de encontro ao Rio Grande. Por este último, descia à sua confluência com o Pardo; ao sul, subindo por este até as nascentes e daí em diante pelo divisor de águas.

A oeste, seguia pelo Rio das Mortes, subindo até as cabeceiras, indo ao encontro do Rio Jangada e por este, águas abaixo, até sua confluência com o Bacairi, prosseguindo até o rio Itacaiunas e deste até a barra do Tocantins, deste até o salto de Itaboca.

No referido Mapa, aparece uma legenda detalhada em que o seu autor se dirige ao Conde dos Arcos explicando detalhadamente todos os percalços pelos quais passou na execução da difícil tarefa que lhe fora confiada. Destaca o cartógrafo que a intenção do Mapa era tornar visível, ao menos o mais próximo da verdade, toda a extensão do grande chão indevassável a que se conhecia apenas por lendas ou por narrativas de cunho fantástico.

Uma curiosidade é que os nomes dados aos rios e córregos, quando não tirados apenas da fusão português/índigena, também apontavam para a influência da própria terra, ou, também, da natureza e dos animais.

Exemplos típicos de nomes são arribação, atoleiro, barreiro, barreirão, barreirinho, atolador, garça, caldas, barreiro alto, barreiro baixo, barreiro fundo, água limpa, água suja, barreiro d'água, bebedouro, bois, vermelho, bruacas, cabaça de mel, cabeceiras, brabeza, caiçara, cabeça de boi, campestre, campina, campo, campo alegre, campo formoso, samambaia, caveira, cascavel, botafogo, canga, canjica, garapa, capim-puba, capinzal, verde, cocão, correia, estouro, fazendinha, ferreiro, garrote, invernada, milho inteiro, manguinha, moirão, papua,

Explicou também que os pontinhos vermelhos eram representativos da rota, seguindo do Porto de Santos até Vila Boa de Goiás e desta sede da Capitania até a vila de Natividade. Os pontinhos amarelos do Mapa representavam a volta de Natividade até Villa Boa de Goiás; os pontinhos pretos representavam a distância e as rotas de Vila Boa de Goiás até Cuiabá. Outros pontinhos pretos aleatórios no Mapa representavam as distâncias de uma vila ou arraial até o outro. Os pontinhos vermelhos a partir de Cuiabá representavam a rota seguida, adrede, por João de Souza de Azevedo, que, pelo curso de rios chegou até a

Capitania do Pará. Havia pontos amarelos que marcavam as viagens e outros caminhos feitos pela população de Natividade, no sentido de se alcançar a Capitania do Pará.

Também aparecem descrições de possíveis rotas fluviais para se alcançar a Capitania do Pará, seguindo logo após o Povoado de Anta, no Rio Vermelho e a passagem para o Rio Grande do caminho de Cuiabá, que, com o nome de Araguaia entrava no Tocantins, caminho feito pelo sertanista Antonio Pires de Campos, na luta contra os Bororos.

A sombra amarela no mapa denotava a Capitania de Goyaz. rios, serras, vales, eram apontados só quando tinham grandes proporções. No Mapa ainda apareceram 49 povoações como Santos, São Vicente, Fortaleza da Barra de Santos, Forte de Bertiooga, Conceição, Yaguapy, Cananeia, São Paulo, Parnaíba, Ytu, Araraytaguara, Sorocaba, Jundiahy, Mogy Pequeno, Mogy Grande, Arrayal dos Bororos, Santa Cruz de Goyaz, Santa Luzia, Meya Ponte, Jaraguá, Ouro Fino, Ferreiro, Cambayuba, Vila Boa, Barra, Anta, Pioens, Crixá, Guarinos, Pilar ou Papoan, Morrinhos ou Amaro leite, Coriola, lagoa Quente, Trayras, São José, Chapada, São Gonçalo, Santa Rita, Moquem, São Félix, Cavalcante, Parannã, Arrayas, Barra da Palma, Natividade, Pontal e Descuberto do Carmo. Muitos desses nomes de localidades, hoje, estão modificados.

O Mapa assinalou onze caminhos, dos quais oito eram por via fluvial. Por ele, se percebe a busca de uma soberania por meio da comunicação, do intercâmbio, da formação territorial nos grandes rios. Na análise de especialistas como Jaime Cortesão, nos anos de 1940, o grande equívoco desse primeiro Mapa da Capitania de Goyaz foi a questão da Geografia matemática. Suas longitudes e latitudes apresentam grandes discrepâncias; o que prova o seu caráter ainda de aprendiz, sem constar a lógica geográfica que deve permear qualquer produção de tal envergadura.

Dessa forma, na apresentação do Mapa da Capitania de Goyaz de 1751 é importante destacar, com ênfase, o seu profundo valor histórico. É uma obra de cunho geográfico de inestimável riqueza para se compreender o pedaço do Brasil que ainda era invisível à Coroa Portuguesa, mas que já povoava o imaginário no sentido de estabelecer uma rota do caminho do ouro, das riquezas produzidas e das barreiras fiscais.

Por meio do Mapa de 1751, conhecemos a grande extensão que tinha Goiás em sua origem e que hoje está reduzido a menos da metade. O saber geográfico nos instiga a conhecer, divulgar, compilar, discutir a gênese da Geografia em Goiás como busca de sentido e de significado para a própria terra, sua gente e seus costumes. Por tais pesquisas é possível observar que “Goiás é bom demais da conta”, conforme elucida o adágio popular hiperbólico.

Era naquele tempo um Goiás mais rural, em que se destacavam os grandes feudos, imensas fazendas que se concentravam parte da população nas labutas da vida. A terra e sua posse passaram a ser motivos de orgulho, de ostentação, conforme mostra a fotografia abaixo:



Figura 26 – As perdidas terras e fazendas no chão bruto do Cerrado de Goiás. Acervo: Bento Fleury.

A inexistência de caminhos e estradas não impediu a conquista dos sertões do Brasil. Houve apenas um hiato histórico, um atraso no tempo. Os homens, no afã da conquista, produziram mecanismos próprios para que as viagens ao desconhecido sertão pudessem ser empreendidas.

E partiam de suas sesmarias devidamente registradas, como aparece na carta de Sesmaria abaixo, datada do século XVIII, concedida por Thristão da Cunha, como posse e domínio dos seus detentores.

Provincia de Goyaz

Carta de Sesmaria  
por Me<sup>o</sup> e Graça e mercê da  
Deus Kristão da fazienda  
ao Capão General Per<sup>o</sup> Cortez  
de cinco Leguas por suas dietas e  
terras na Paragem da mousa  
Silva do Rio Vinturo.

Figura 27 – Carta de Sesmaria do século XVIII em Goiás – Acervo de Bento Fleury.

A Capitania de Goiás foi criada em 09 de maio de 1748 e, até então, era indexada à Capitania de São Paulo. Nesse desmembramento, Vila Boa foi escolhida como sede administrativa da Capitania.

A Capitania, até 1808, incorporava o território do sertão da Farinha Podre, hoje Triângulo Mineiro. Em 28 de fevereiro de 1821, a Capitania tornou-se Província, e, com a República em 1889, passou a Estado (Estado de Goyaz, Estado de Goiaz, Estado de Goiás, com as mudanças da denominação). Cem anos depois, 1989, perdeu parte de seu território, com a criação do Estado do Tocantins.